

VOLUME 2 • N°2 • Setembro • 2022

ISSN: 2764-9601

Fluir

revista de estudos gestálticos





Fluir

A revista eletrônica **FLUIR** é um veículo de comunicação do **Centro Gestáltico de Fortaleza** com a comunidade gestáltica, acadêmica e social-comunitária.

É espaço de divulgação de trabalhos científicos, e reflexões afins, aberto aos professores formadores, aos alunos das formações do CGF e demais sujeitos parceiros.

Boa leitura!

EXPEDIENTE

Editora Chefe

Dra. Juliana Maria Pereira Diógenes

lattes.cnpq.br/1729025809044715

Corpo Editorial

Dr. Francisco Bruno Pereira Diógenes

lattes.cnpq.br/4602085030002170

Dr. José Tancredo Lobo

lattes.cnpq.br/9618084825192955

Ma. Maria Alice Queiroz de Brito

lattes.cnpq.br/6971371402679721

Capa, Diagramação e Arte Final

André Kiyoshi Shibata (Ki)

Imagens

Pexels.com

Bibliotecário

Nadsa Maria Araujo Cid - CRB 654

Financiamento

Centro Gestáltico de Fortaleza

PARTICIPE

Encaminhamento de Manuscritos

A remessa de manuscritos para publicação, bem como toda a correspondência de seguimento que se fizer necessária, deve ser endereçada a:

Editor

Revista de Estudos Gestálticos - Fluir

Centro Gestáltico de Fortaleza (CGF)

R. Pinho Pessoa, 1405, Dionísio Torres,
Fortaleza/CE, CEP: 60.135-205

Fone: (85) 3013-8274

Whatsapp: (85) 9.9921-0529

fluir@centrogestalticofortaleza.com.br

Normas de Apresentação de Manuscritos

Todas as informações concernentes a esta publicação, tais como normas de apresentação de manuscritos, critérios de avaliação, modalidades de textos, etc., podem ser encontradas no site www.centrogestalticodefortaleza.com.br

Fontes de Indexação

As opiniões emitidas nos trabalhos aqui publicados, bem como a exatidão e adequação das referências bibliográficas são de exclusiva responsabilidade dos autores, portanto podem não expressar o pensamento dos editores. A reprodução do conteúdo desta publicação poderá ocorrer desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

F628

[Recurso Eletronico] / Centro Gestáltico de Fortaleza. v. 2, n 2 (set/dez, 2022) - Fortaleza: Centro Gestáltico de Fortaleza, 2022-
ISSN: 2764-9601

Semestral

1. Gestalt-Terapia. 2. Educação. 3. Psicologia.
4. Saúde. 5. Pesquisa Qualitativa. 6. Filosofia. I. Centro Gestáltico de Fortaleza.

CDD 150.1954

SUMÁRIO

- 07 **A ARTE DA EXPERIMENTAÇÃO NA CLÍNICA GESTÁLTICA INFANTIL:
O USO DA *SELF-BOX***
Andressa Lima Cordeiro, Andrielle Oliveira da Silva, Deyseane Maria Araújo Lima,
Francilene Soares dos Santos, Joana Rosaria Vasconcelos da Silva, Karen Moura
Monteiro e Shaila Braga Bento.
- 19 **PSICOTERAPIA E CRIATIVIDADE: O USO DE RECURSOS TERAPÊUTICOS
INTEGRANDO RECORTES DA VIDA.**
Fátima Diógenes e Juliana Diógenes.
- 29 **ERA UMA VEZ, ERA UMA OUTRA VEZ, ERA SEMPRE UMA VEZ.
OS CONTOS EM GESTALT TERAPIA.**
Josiane Satin Mortinho
- 41 **ENSAIO SOBRE O LUTO ANTECIPATÓRIO: UM DIÁLOGO ENTRE O
CUIDADO OFERECIDO PELA GESTALT – TERAPIA E O ENFRENTA-
MENTO DA PERDA MEDIATA DE UM ENTE QUERIDO**
Leônia Maria Santiago Cavalcante
- 51 **SOFRIMENTO EXISTENCIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID -19:
POSSIBILIDADES DE TRANSFORMAÇÃO À LUZ DA GESTALT-TERAPIA**
Leônia Maria Santiago Cavalcante e Liane Maria Santiago Cavalcante Araújo
- 63 **UMA DANÇA ENTRE SINGULARIDADES: EU-TU NO CAMPO DA
RELAÇÃO TERAPÊUTICA**
Tancredo Lobo



A ARTE DA EXPERIMENTAÇÃO NA CLÍNICA GESTÁLTICA INFANTIL: O USO DA SELF-BOX

Andressa Lima Cordeiro¹, Andrielle Oliveira da Silva², Deyseane Maria Araújo Lima³, Francilene Soares dos Santos¹, Joana Rosaria Vasconcelos da Silva¹, Karen Moura Monteiro¹ e Shaila Braga Bento¹.

RESUMO:

Na clínica gestáltica infantil, é fundamental que o psicoterapeuta possa usar recursos lúdicos e atividades expressivas para auxiliar a criança a expressar seus sentimentos e ressignificar dificuldades. Uma delas é o uso do experimento *Self-box* (caixa do eu), uma forma de coletar informações sobre o mundo vivido das crianças. Este artigo tem como objetivo compreender o uso desse experimento na clínica gestáltica com crianças, a partir de entrevistas realizadas com Gestalt-terapeutas infantis e estagiários que atuam sob a perspectiva da abordagem no Serviço Escola de Psicologia Aplicada (SEPA), do curso de psicologia do Centro Universitário Christus. Além disso, visa investigar a noção de infância para a Gestalt-terapia; analisar o processo criativo infantil; compreender o uso dos experimentos na clínica gestáltica com crianças e pesquisar sobre o *self-box* como instrumento de intervenção e compreensão diagnóstica no atendimento infantil. Trata-se de um estudo qualitativo e fenomenológico, com foco na compreensão do vivido dos entrevistados. No decorrer da pesquisa, desenvolvemos três etapas essenciais para atingir os objetivos apresentados: 1) Estudo bibliográfico; 2) Entrevistas narrativas (depoimentos) e 3) Construção da versão de sentido. Os critérios de escolha dos estagiários e dos profissionais para a realização da entrevista narrativa são: 1) Atuar com a Gestalt-terapia como abordagem psicológica; 2) Atender crianças; 3) Conhecer o *Self-box*. Os resultados das entrevistas foram separados por tópicos em comum que apareceram na análise das entrevistas, nos ajudando a compreender a noção de infância pela ótica da Gestalt-terapia e o uso de experimentos com este público. Concluímos que este artigo trouxe novas reflexões sobre a atuação do gestalt-terapeuta com crianças com o uso do *self-box*, convidando-o ao processo de experimentação no *setting* terapêutico.

PALAVRAS-CHAVE: Gestalt-terapia; Pandemia; Continuidades; Sofrimento; Cuidado.

¹ Estudante de Psicologia - Unichristus. ² Graduada em Psicologia - Unichristus. ³ Psicóloga clínica. Doutora em Educação (UFC). Professora da graduação e pós-graduação em Psicologia - Unichristus.

INTRODUÇÃO

A Gestalt-terapia surgiu em 1951 com a publicação do livro Gestalt-terapia (VERAS, 2013), promovendo uma nova concepção de ser humano, com foco no contato, na relação organismo-ambiente e rompendo com uma visão dicotômica. Frederick Perls, reunindo pressupostos teóricos e filosóficos, fundou a abordagem em parceria com Laura Perls, Paul Goodman, Isadore From, Paul Wexler, Elliot Shapiro e Sylvester Eastman, conhecidos como o “Grupo dos Sete”, e Richard Kitzler integra-se ao grupo posteriormente (ALVIM, 2012).

O ser humano é visto como um ser criativo, espontâneo, autêntico, livre e responsável pelas consequências de suas escolhas. Fazendo-se necessário conhecer ainda, sua forma de funcionamento e a maneira como se organiza em suas relações sociais e afetivas (RIBEIRO, 2011).

Aguiar (2014), afirma que na Gestalt-terapia a criança é um campo constituído pelas relações sociais com outros sujeitos e com o mundo, sendo transformada por essa interação à medida que é modificada pela realidade. Dessa forma, é vista como um ser de relação permanente, visando satisfazer constantemente suas necessidades e autorregular-se.

Dessa forma, a criança é ativa no processo de criação e recriação de sua própria existência e essa postura pode ser facilitada pelo uso de recursos lúdicos no *setting* clínico. Ao sugerir atividades lúdicas, o psicoterapeuta facilita de maneira mais saudável, a conexão da criança com o mundo, bem como suas possibilidades de transformação (ANTONY, 2010).

Para Pinheiro (2014), o gestalt-terapeuta deve mostrar-se presente na relação com a criança dotando-a de seu profundo interesse. É necessário que haja um cuidado com a vitalidade do encontro, compreendendo a qualidade da troca e percebendo o grau de envolvimento dos sujeitos, ambos responsáveis pela relação.

Na clínica infantil, podem ser criadas estratégias de intervenção de acordo com o interesse e a demanda, sendo possível fazer uso de recursos como desenhos, caixa de areia, colagem, pintura, jogos, brinquedos,

self-box, entre outros (OAKLANDER, 1980).

Os recursos lúdicos podem ser instrumentos de diagnóstico e intervenção, pois na ludicidade a criança expressa seus sentimentos e emoções, bem como pode resignificá-los ou experimentar novas possibilidades. Corroborando para que ocorra a ampliação da *awareness* (processo contínuo de conscientização) da criança em relação ao contexto (FERNANDES, 2016).

Além disso, é possível identificar a relação da criança com os pais, sua atenção, concentração, agressividade, timidez, imaginação, criatividade, frustrações ao perder, noção de espaço e de tempo, inteligência, entre outros, possibilitando a compreensão diagnóstica da criança.

Os experimentos em Gestalt-terapia, para Zinker (2007), são eventos dirigidos pelo psicoterapeuta com a finalidade de proporcionar que o cliente possa experimentar no presente alguma situação já vivida que ficou inacabada. São realizados de maneira processual e gradativa, respeitando o tempo e o limite de cada pessoa e facilitam o processo de conscientização do cliente sobre sua forma de atuar no mundo.

Por meio dos experimentos, o psicoterapeuta convida a criança a entrar em contato com o novo, possibilitando ajustamentos criativos que sugerem a superação de relações que não são saudáveis. Dessa forma, a criança é convidada a recriar a forma como percebe a realidade, tornando possível transformá-la (CARDELLA, 2014).

Um dos experimentos em Gestalt-terapia é a *self-box*, que para Lima (2019), facilita a compreensão do mundo vivido da criança pelo psicoterapeuta, possibilitando-a falar de si, descrever experiências, retratar especificidades da família e abordar situações conflituosas ou temerosas.

Self-box - a caixa do eu - é um recurso ludo-artístico em que a pessoa coloca dentro de uma caixa objetos e fotos que são importantes para ela, compartilhando esse conteúdo com o terapeuta. Trata-se de uma ferramenta interessante, uma vez que o adolescente, muitas vezes pede opinião de colegas, pais e professores sobre o que colocar na caixa. Ao entrar em contato com tais objetos, ele revisita sua história e a reconfigura” (ZANELLA e ANTONY, 2016, p. 105).

Assim, o gestalt-terapeuta pode sugerir que a criança construa a caixa durante a sessão ou como uma atividade psicoterapêutica a ser realizada em casa. Pode recomendar que a criança selecione um tema para construir sua caixa, propor um assunto, ou deixar que ela escolha livremente. Isto depende da forma de condução do psicoterapeuta e da disponibilidade da criança (LIMA, 2019).

Zahm e Gold (2014), retratam a necessidade de pesquisas em Gestalt-Terapia para que possamos respaldar cientificamente esta área do conhecimento por meio de investigações e delimitar a fundamentação teórica e prática como específica da abordagem gestáltica.

Neste estudo, iremos compreender o processo criativo da criança e o uso do *Self-box* enquanto instrumento de intervenção e compreensão diagnóstica de Gestalt-terapeutas e estagiários do Serviço Escola de Psicologia Aplicada (SEPA) na clínica gestáltica infantil. E os objetivos específicos: investigar a noção de infância para a Gestalt-terapia; analisar o processo criativo da criança na Gestalt-terapia; compreender o uso dos experimentos na clínica gestáltica com crianças; explorar o uso do *Self-box* como instrumento de intervenção e compreensão diagnóstica de profissionais e estagiários na clínica gestáltica infantil.

Desta maneira, consideramos essencial a realização de pesquisas (campo e bibliográfica) em Gestalt-Terapia, bem como sua publicação e divulgação no meio acadêmico (psicologia, medicina e outros campos interdisciplinares de conhecimentos), em eventos científicos e na produção de artigos provenientes de estudos teóricos e da atuação do gestalt-terapeuta na clínica, na escola, na organização e na comunidade. Assim, destacamos a relevância deste artigo por apresentar temas que são fundamentais no desenvolvimento de pesquisas sobre a clínica infantil na abordagem gestáltica, tendo como intuito facilitar a prática profissional da psicologia e contribuir com novos conhecimentos para a sociedade.

MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo se deu a partir da pesquisa qualitativa, que de acordo com Carnut (2019), é uma investigação voltada para a

compreensão da especificidade dos fenômenos estudados em sua existência sócio-histórica.

Ao fazer uso da pesquisa fenomenológica, assim como afirma Dutra (2002), temos como intuito compreender o mundo vivido dos indivíduos pesquisados, priorizando a dimensão existencial do viver humano e os significados vivenciados no seu estar-no-mundo.

As entrevistas foram realizadas virtualmente, respeitando as normas de distanciamento social em detrimento a COVID-19. Todos os encontros foram realizados pela plataforma digital Google *Meet*, gravadas mediante a permissão dos sujeitos envolvidos no processo.

Foram realizadas cinco entrevistas. Três delas com Gestalt-terapeutas infantis e outras duas com estagiárias do Serviço Escola de Psicologia Aplicada (SEPA), inaugurado em 2019 e que oferece atendimento psicológico individual para crianças, adolescentes e adultos, realizados por estudantes do curso de psicologia da Unichristus/Ceará.

No decorrer dessa pesquisa, desenvolvemos três etapas essenciais para atingir os objetivos apresentados: 1) Estudo bibliográfico; 2) Entrevistas narrativas (depoimentos); 3) Construção da versão de sentido.

Inicialmente, realizamos um estudo bibliográfico com o levantamento de livros, dissertações, teses e artigos produzidos pelo tema, com o intuito de perceber como este tema está sendo trabalhado teoricamente na atualidade. Neste estudo, temos como intuito trazer novas contribuições, reflexões e articulação sobre o tema.

Para a investigação dos artigos, as bases de dados utilizadas foram: Literatura Latino-Americana do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePsic). Utilizamos como descritores: clínica gestáltica, criatividade, infância e experimentos. Sendo selecionados os textos escritos em português e publicados entre 2010 e 2020.

Os livros, dissertações e teses utilizados foram produções atualizadas, em português e selecionados de acordo com a rele-

vância para o tema de pesquisa. Na parte inicial da pesquisa, o intuito foi investigar as produções já desenvolvidas sobre a clínica gestáltica infantil e a noção de infância para essa abordagem.

Os critérios de escolha dos estagiários e dos profissionais para a realização da entrevista narrativa foram: 1) Atuar com a Gestalt-terapia como abordagem psicológica; 2) Atender crianças; 3) Conhecer o *self-box*.

Após isto, foram feitas as entrevistas narrativas (depoimentos), que para Dutra (2002), são experienciais e dirigidas em direção ao assunto que interessa ao pesquisador. Desta maneira, o relato da experiência do sujeito entrevistado compreende dimensões existenciais que assumem configurações próprias em interface com aquilo que toca o pesquisador. É importante a relação entre sujeito entrevistado e pesquisador, pois a sua experiência narrada toca a nossa experiência de vivenciar aquele momento.

As entrevistas narrativas foram gravadas e transcritas literalmente, buscando-se manter a expressão das pessoas entrevistadas. Depois da transcrição do conteúdo das entrevistas, estas foram apagadas. Na etapa da entrevista narrativa, foi utilizado o recurso da versão de sentido, como forma de coleta de informações. Sendo este, o relato livre do pesquisador de como o contato com o sujeito entrevistado o tocou.

Em relação ao comprometimento ético do pesquisador com esta investigação, o projeto foi aprovado pela Plataforma Brasil com o código CAAE 30537820.5.0000.5049 e número do parecer: 3.997.421. Para a realização das entrevistas narrativas, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Para participar do estudo, os entrevistados assinaram o documento e suas informações foram preservadas.

No presente artigo, apresentamos as entrevistadas identificadas de forma lúdica com nomes de princesas de contos infantis. Sendo: Ariel, Aurora e Mulan, as personagens utilizadas para nomear às Gestalt-terapeutas entrevistadas; e Tiana e Bela, para distinguir as estagiárias do Serviço Escola de Psicologia.

Na análise de dados, as entrevistas narrativas foram comentadas e compreendidas

a partir dos significados revelados nas experiências narradas, como produto das reflexões feitas pelo pesquisador na sua trajetória de vida pessoal e profissional, ancoradas numa perspectiva existencial da condição humana e articuladas com os aspectos bibliográficos investigados durante este estudo.

RESULTADOS

CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA NA GESTALT-TERAPIA

A perspectiva gestáltica percebe a criança como um ser global e em constante relação com o contexto no qual está inserida. Dessa forma, é necessária uma compreensão que considere os fatores biopsicossociais envolvidos em sua forma de existir.

Uma das profissionais entrevistadas Mulan, aponta a importância da compreensão dessa totalidade, enquanto forma de “perceber a criança como um ser transitório e seus diferentes modos de agir”, considerando sua constante interação com o meio. Aguiar (2014) afirma que esses fatores são indissociáveis, afetam-se mutuamente e influenciam no desenvolvimento da criança.

Conforme menciona a entrevistada Aurora, “a criança é vista como um mistério a ser desvendado, a partir de um processo que dura por toda a existência.” Indo de encontro com uma característica importante do olhar gestáltico, a partir do qual, o desenvolvimento infantil não é visto como algo a ser atingido em níveis e de forma linear. Mas sim, que cada momento seja experienciado pela criança de forma plena e saudável, a partir de sua singularidade no mundo (SOARES, 2005).

É importante estabelecer um olhar cuidadoso para as características isoladas que a criança apresenta. Percebendo-as como momentâneas e sempre passíveis de atualização a partir de suas relações. Uma criança não “é agressiva”, ela “está agressiva”, entendendo que essa característica específica é passível de uma reconfiguração, como afirma Aguiar (2014).

Barbosa (2011) aponta que para a Gestalt-terapia, os anos iniciais da criança não são considerados determinantes para o seu

desenvolvimento posterior, conforme apontam outras teorias. Entretanto, esses vínculos iniciais correspondem ao primeiro contato relacional da criança com o mundo e são relevantes para a constituição e compreensão do seu mundo vivido

A partir das relações que vão estabelecendo ao longo de seu desenvolvimento, torna-se possível para a criança compreender o mundo ao seu redor, assim como a sua autoimagem (OLIVEIRA, 2010). Permitindo que ela consiga distinguir o “eu” do “outro”, e comece a formar uma percepção de si, a partir das experiências vividas em seu campo relacional.

Zanella (2010), afirma que gostar de crianças é indispensável para os psicoterapeutas que se propõem a atendê-las. O processo requer a construção de uma relação empática, a qualidade da presença nessa relação e a disponibilidade do terapeuta para experienciar o mundo com o olhar delas. Em concordância, observamos a fala da entrevistada (Diana), que está vivenciando suas primeiras experiências no Serviço Escola de Psicologia e atuando com o público infantil. A estagiária afirma, que “o real sentido é entrar no mundo delas, pois cada criança tem o seu próprio mundo”.

Por meio das entrevistas realizadas, foi possível constatar que a psicoterapia infantil em Gestalt-Terapia, requer uma relação horizontalizada. É consenso entre as profissionais formadas e as estagiárias, a importância de oferecer um ambiente seguro e livre de julgamentos, onde a criança possa desenvolver autonomia e ser quem ela é.

Este contato terapeuta-criança, portanto, precisa se dar de forma respeitosa, cuidadosa, livre de imposições e explicações deterministas que classifiquem e reduzam a criança a um comportamento apresentado, conforme concordam as entrevistadas.

O que corrobora com a concepção de Aguiar (2005), que destaca a importância de respeitar as decisões da criança, desde o momento em que ela opta por entrar ou não na sala. O autor afirma ainda, que o papel do psicoterapeuta não é seduzir ou forçar a criança a nada, mas se mostrar disponível e favorecer a criação do vínculo, que será a base de todo o processo psicoterápico.

É importante ressaltar ainda, a fala da entrevistada Aurora, no que se refere ao olhar da Gestalt-terapia sob uma “compreensão da infância como sendo um marco muito importante para a família e que influencia na formação da personalidade da criança”. Esta é a fase em que a criança estabelece suas primeiras relações com o meio, podendo vir a interferir em seu desenvolvimento saudável.

Dessa forma, é imprescindível que o gestalt-terapeuta se debruce com atenção e zelo sobre esta, bem como sobre todas as facetas da vida da criança, compreendendo-a em sua totalidade. Assim sendo, o processo psicoterapêutico infantil auxiliará a expressão e a comunicação da criança por meio de recursos lúdicos, contribuindo significativamente com seu processo criativo (AGUIAR, 2014).

O PROCESSO CRIATIVO DA CRIANÇA NA GESTALT-TERAPIA

O processo criativo envolve a conjuntura do indivíduo em sua totalidade, de forma a estar frente a ruptura de limites e enrijecimento, o que o torna, fator primário a vida como um todo, em seus processos adaptativos e de transcendência do Eu. É por meio dele, que a fluidez da vida e do indivíduo se alicerçam, como fator desencadeador de mudança, gerador de *insights* e que possibilita a expressão da camada mais profunda da psique humana (ZINKER, 2007).

Visto que, o conceito de totalidade é referido como base dentro da visão de homem alicerçada na gestalt-terapia, foi possível perceber sua confirmação e importância dentro da prática das entrevistadas. Elas afirmaram o mesmo como fator primário, pois ao falar sobre totalidade na Gestalt-terapia a atenção inclina-se para a compreensão do sujeito como um todo. O olhar sobre o cliente é voltado para as questões que o compõem como ser integral e dinâmico no mundo, dessa forma a entrevistada Mulanos aponta que a criança:

“É entendida, em todos os contextos que está inserida: social, cultural, familiar, dentre outros, de forma integral, e é nessa totalidade que a criança interage com o meio, e vai se constituindo, dando sentido a diversas formas de existir, e isso vai sempre perpassa

pelas relações, vínculos e afetos que estão sendo estabelecidos”.

A relação terapêutica se estabelece tendo como base a dialogicidade, em que os indivíduos são valorizados em sua forma mais autêntica e singular, buscando o não enquadramento do mesmo em pressupostos, visto que, a existência é ampla e existem pluralidades de formas de ser no mundo (DE LUCAS, STROIEK e BOTIN, 2010).

É pela via do criar, do expressar-se, no encontro com o self, que o indivíduo pode deixar emergir suas polaridades, a fim de que elas dialoguem, transformando-a em um produto concreto, com capacidade de externalização de tudo aquilo que o circunda e conta sua história. Nessa espécie de dança entre sua multiplicidade de entrelaços e descobertas de si, vem a luz não somente o que é afirmado por ele, como também o que negado pelo mesmo, pois tudo que o afeta, seja pela via da afirmação ou negação, fala sobre o sujeito que é afetado (ZINKER, 2007).

RELAÇÃO DA CRIANÇA COM OS PAIS

Sentimentos, emoções e situações que requerem grande carga psíquica para seu enfrentamento e resolução, não são associados à infância, nem como parte do ser criança. Em decorrência disso, o núcleo primário de contato social da criança, sua base, perpetua frases como “isso é besteira”, “coisa de criança” e “esquece isso e vai brincar”, quando os pequenos reportam desconforto. Por meio da teoria gestáltica, é possível elaborar uma leitura dessas situações como possíveis bloqueadores dos processos de ajustamento criativo e de livre expressão das crianças (ANTONY, 2009).

Durante a pesquisa, a entrevistada Bela trouxe sua visão de atuação enquanto estagiária: “além do trabalho com a criança atuar também com a família, que pode ser bastante ativa e trazer crescimento para a criança”, e complementa sua fala discorrendo sobre a “família como o primeiro núcleo de socialização”. Em comum acordo com a entrevistada anterior, encontramos a fala da psicóloga Mulan: “há questões fundamentais no trabalho terapêutico infantil na Gestalt-Terapia, uma delas é o envolvimento dos pais no processo, para que possamos ter um

entendimento mais amplo de como a criança se relaciona e se comporta nesse contexto familiar”, destacando assim a importância do envolvimento dos familiares no processo.

Ao se pensar no universo de vida da criança, as figuras parentais são identificadas em primeira instância como o centro de sociabilização. Cavanellas (2007), afirma que o atendimento na clínica infantil é realizado com a criança e com os pais, que normalmente, são os responsáveis pela procura em psicoterapia para o auxílio das questões dos filhos. A autora dispõe que o trabalho na clínica infantil é adentrar no mundo da criança de maneira que seja possível entender como é a relação estabelecida entre pais e filhos. E é através da expressão e do brincar que a criança possibilita a abertura para suas particularidades.

RELAÇÃO DA CRIANÇA CONSIGO MESMA

A criança deve ser compreendida como um ser total ou global, ou seja, é necessário considerar a vinculação entre os fatores emocionais, cognitivos, orgânicos, comportamentais, sociais, históricos, culturais, geográficos e espirituais da mesma. Entendendo que, o que ocorre em uma das partes acabará por afetar as outras e consequentemente a totalidade da criança. Sua relação consigo é afetada por sua relação com os pais e com o mundo, podendo ser mudada e transformada por elas, uma vez que não podemos pensar na criança até mesmo em sua relação consigo de forma isolada (AGUIAR, 2014).

A criança possui uma forte sensibilidade afetiva e sensorial, sendo capaz de captar até mesmo as mudanças emocionais e alterações de humor mais sutis daqueles que lhe cercam, sendo assim, acabam por tomarem para si os problemas ou emoções daqueles que lhe cercam, acreditando assim, serem as responsáveis por tais acontecimentos (ANTONY apud OAKLANDER, 2009).

A criança na sua relação consigo pode e é afetada pela relação com o outro, caso a criança se perceba incapaz de realizar determinada atividade, isso pode ocasionar uma mudança da rotina familiar, na autoestima e até mesmo em sua autonomia, o oposto dessa percepção acerca de si mesmo tam-

bém acarreta em mudanças no seu meio e consigo (AGUIAR, 2014).

RELAÇÃO DA CRIANÇA COM O MEIO

O processo criativo permite à criança enfrentar situações vivenciadas em sua vida com fluidez, explorando a imaginação, criatividade e fornecendo abertura para novos pensamentos. Ao falar sobre, é necessário a compreensão da infância e a sua relação com a originalidade e a fantasia. O processo criativo propicia o desfrute do meio de maneira mais favorável à satisfação das emoções. O enfrentamento de ambientes estressantes ou desagradáveis ocorre de modo espontâneo e com capacidade de ajustamento, ampliando as experiências originais do ser criança e o contato direto com a realização das necessidades (ANTONY, 2009).

Através do nosso contato com as entrevistadas tivemos acesso ao conhecimento das esferas que fazem parte da relação da criança com o seu meio, sendo explicitado quando Mulan, uma das participantes, nos aponta para o direcionamento de “visitar a escola e conversar com a coordenadora, principalmente com a professora a fim de perceber como observa e compreende a criança”, complementando sua fala com “é importante observar as formas de interações da criança com o ambiente; como age, como se sente, como percebe e como se relaciona”. Sendo reafirmado pela outra participante, Aurora, por meio da fala “o traz a compreensão de si, e quando você se compreende, vai se transformando. Essas transformações ocorrem de acordo com o campo e o ambiente”.

Segundo Oliveira (2010), a criança se relaciona com o meio de maneiras particulares e únicas, suas relações são compreendidas como potentes desenvolvedoras para os contatos iniciais de relacionamento com o mundo. É a partir dessas relações construídas, que ocorrem os deslumbramentos das percepções de si. O ser criança no mundo, configura-se pela via do criar-se e do expressar-se em constante espontaneidade. A família e a escola são contempladas como redes de maior abertura para entendimento das experiências vivenciadas pela criança. Busca-se perceber como é para ela e quais são os significados de seu modo de funcio-

namento no meio, a partir de seus repertórios relacionais.

A CLÍNICA GESTÁLTICA E O USO DOS EXPERIMENTOS

Os Experimentos

A Gestalt-terapia tem os experimentos como riqueza metodológica particular. Eles permitem uma expressão viva das dimensões de contato do indivíduo que o experiencia, de forma autêntica e de significação singular. Se entrelaçam com o aqui e agora vivenciado em tudo aquilo que se faz e é, latente e urgente, singular e de seu mundo, vivido e presumido, como um convite para emergir e vir a ser, que ocorre durante a sua construção, nem como um a priori nem como um resultado do pós (RIBEIRO, 2016).

Em decorrência disso, os experimentos entram como uma aproximação condutora, que permite o sujeito entrar em contato, como uma tentativa de ampliar a *awareness* a respeito do vivido, semeando possibilidades de fechamentos e ajustamentos criativos futuros que irão dar espaço a um sistema elástico de apoio e aumentar sua bagagem de mecanismos de enfrentamento.

Esse vivenciar que deriva da experimentação deve ser sempre um convite para adentrar no momento proposto, em si mesmo e naquilo que emergirá no campo, em que ambos os integrantes se mostram abertos e disponíveis, em um momento que é inteiramente singular, feito para o cliente e desenvolvido por ele, porque, na verdade, em nosso cotidiano, estamos constantemente em algum tipo de experimento, nos ditos e não ditos, vivências diárias, dos feitos e não feitos, nos expressamos (ZINKER, 2007).

O brincar como recurso facilitador no processo terapêutico

Sendo a criança, percebida como um ser singular que se transforma e reconfigura-se a partir de suas relações, o brincar, para a Gestalt-Terapia, apresenta-se como um movimento que é a base condutora do processo terapêutico, conforme aponta Aguiar (2014). A partir desse movimento da brincadeira, torna-se viável ao terapeuta entrar

em contato com o mundo vivido da criança, inserindo-se em seu meio e facilitando sua comunicação

Deste modo, o brincar também surge como possibilidade de transformação para a criança em direção ao seu bem-estar e regulação organísmica. Tendo em vista a concepção de ser humano na gestalt-terapia, que compreende o sujeito em sua integralidade, a utilização de brincadeiras como meio de experimentações na clínica gestáltica permite pensar sobre o desenvolvimento da criança em sua totalidade, estabelecendo contato entre o biológico e o social, seu mundo singular (LIMA E LIMA, 2015).

Há um predomínio da linguagem lúdica ao invés da linguagem verbal nas crianças e tal constatação nos aproxima ainda mais da importância da utilização de recursos lúdicos na clínica com esse público. O brincar, além de nos permitir adentrar no universo particular das crianças com mais facilidade, também propicia formas de expressão e comunicação que ampliam a compreensão da experiência delas.

Para tanto, segundo Lima e Lima (2015) é preciso estar ciente de que esse processo requer uma posição não-diretiva do psicoterapeuta, permitindo que a criança conduza essa experimentação e flua seus sentimentos por meio disso. Nesse sentido, é importante considerar que essa experiência se dará ao passo que o psicoterapeuta também evoque sua criança interior ao ponto de ingressar no universo da criança, ao mesmo tempo que saiba diferenciar suas experiências da infância - que podem tornar-se figura dentro desse processo - das experiências da criança à sua frente.

O uso da *self-box* com crianças como estratégia de intervenção e compreensão diagnóstica na Gestalt-terapia.

A *self-box*, configura-se enquanto uma ferramenta que “auxilia em uma percepção do terapeuta da infância”, fala da entrevistada Ariel. O seu processo de construção pela criança, pode ser compreendido enquanto uma terapêutica à luz da teoria do brincar, e que em Gestalt-terapia tem o propósito de desenvolver a *awareness*, e a partir dela

as obstruções no processo de formação de figura-fundo são superadas (FRAZÃO E FUKUMITSU, 2015).

É preciso que um vínculo seja estabelecido para que essa ferramenta seja utilizada, tendo em vista que é através deste manejo que, segundo Ariel, “a criança vai trazer traços de traumas que não é perceptível nem para ela”, a construção da caixa do Eu, é um processo no qual a criança vai mostrar suas funções organizadoras de conflitos internos, é onde irá mostrar figuras que perpassam a construção do seu Eu, e a sua relação com o Aqui e Agora.

O psicoterapeuta em vez de observar e interpretar o brincar, ou seja, a construção desta caixa do Eu, se coloca em uma participação mais ativa e engajada, articulada a uma visão ser humano gestáltico onde a linguagem verbal não se configura como sendo a única forma de verbalizar algo, mas como sendo uma entre várias possibilidades de contato entre o indivíduo e o meio (AGUIAR, 2014).

A construção da caixa do eu é um movimento autêntico e individual da criança, mas é através de uma relação sólida com o psicoterapeuta que essa experiência irá reverberar em devolutivas que irão auxiliar em um manejo que faça sentido no processo terapêutico deste indivíduo.

Ao aceitar o convite para experienciar a construção da *self-box*, a criança pode se utilizar de diferentes formas de se expressar ou montar a caixa, a própria caixa em si, já traz uma possibilidade de ser bem diversa, um saco, um envelope, aquilo que a criança considerar enquanto sendo importante.

O que tange ao conteúdo, pode ser de uma peça de roupas a tudo que tenha uma carga de afetividade envolvida para esse sujeito, essa construção é perpassada por significados e possibilidades de se expressar de forma mais autêntica que seja possível.

Durante o processo de entrevistas, a entrevistada Ariel, pontuou que em suas experiências com a utilização desta ferramenta, optou por trabalhar com figuras, como possibilidades mais acessíveis a criança, exemplificando com um caso clínico em que a criança trouxe fotos e figuras que foram importantes para a compreensão de alguns

processos aos quais ela vinha trazendo de forma inconclusiva.

Tal exemplo se justifica ao que traz Lima (2019) sobre o trabalho com o público jovem especificamente. Aqui focando na atuação com crianças, a autora afirma a importância da utilização da criatividade mediante as sessões. A *self-box* surge como possibilidade para que a criança entre em contato com elementos seus, revisitando sua história. Por meio dela o psicoterapeuta pode atuar de forma a colher mais informações do contexto atual da criança, que emoções ela expressa frente aos elementos trazidos e sua relação com eles.

Ao convidar a criança a falar mais sobre aquele objeto, permite que a mesma lhe convide ao seu universo particular, abrindo possibilidades para a compreensão diagnóstica do psicoterapeuta, atentando-se a forma como ela se expressa, bem como fortalecendo o vínculo (LIMA, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A referida pesquisa possibilitou uma ampliação das discussões sobre a Clínica Gestáltica infantil e o uso de experimentos como recursos lúdicos facilitadores utilizados neste processo. Entre os recursos, nos detemos a discutir o uso da *self-box* enquanto instrumento de intervenção, que convida a criança a trazer objetos significativos para dentro da caixa, explorando questões relacionadas aos objetos e resignificando-as no aqui-agora, por meio da relação terapeuta-cliente.

No decorrer do estudo, foi possível compreender a noção de infância sob a ótica da abordagem, percebendo os fatores que passam o meio onde está criança está inserida, bem como suas relações consigo, com a sua família e com o mundo.

Trata-se, portanto, de um trabalho que apresenta contribuições significativas para a área, facilitando o entendimento de como se dá o processo criativo infantil e os recursos facilitadores dos diferentes modos de expressão das crianças. Corroborando ainda, para o avanço da ciência psicológica, no que tange o desenvolvimento de estudos atuais sobre a atuação do gestalt-terapeuta e o aumento de literatura voltada para a temática.

Foi observado que, tanto as entrevistadas já formadas, como as estagiárias nos últimos períodos de graduação, trazem suas visões e práticas na clínica infantil atravessadas por uma compreensão de infância criativa, autônoma, livre e com uma linguagem própria, que pode ser acessada com o auxílio de recursos lúdicos que permitam ao terapeuta entrar no mundo delas.

Observou-se ainda, a importância de se considerar o contexto da criança e seus diferentes modos de ser e agir no mundo. Considerando os estudos realizados e a análise das entrevistas, é notória e fundamental a compreensão da criança em sua totalidade para a evolução do processo psicoterápico.

Entre os desafios durante o desenvolvimento da pesquisa, podemos citar as limitações impostas pelo isolamento social ocasionado pela pandemia da COVID-19. Tendo em vista que, devido às entrevistas terem sido realizadas no formato remoto, fomos impedidas de desenvolver os estudos com base em uma das características fundamentais propostas pela Gestalt-terapia, que é o encontro presencial. Mas, diante dos ajustamentos criativos necessários para este estudo, foi possível realizar o encontro virtual com as participantes.

Outra limitação que surgiu pelo cenário pandêmico vivenciado no decorrer da pesquisa, foi o fato de que nem todas as entrevistadas terem aplicado a *self-box* em sua prática profissional, tendo apenas o conhecimento teórico sobre o uso deste recurso específico.

Salientamos ainda, a importância de serem realizados novos estudos de aprofundamento sobre o tema, bem como o compartilhamento desses estudos, de forma a contribuir para o desenvolvimento de teoria e prática na clínica gestáltica com crianças com o uso do *self-box*.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR L. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.
- ALVIM, M. B. A **clínica como poiética**. Estudos e Pesquisas em Psicologia (UERJ), 12 (3), 1007-1023, 2012.
- ANTONY, S. **A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento**. São Paulo: Summus, 2010.
- ANTONY, Sheila Maria da Rocha. Os ajustamentos criativos da criança em sofrimento: uma compreensão da gestalt-terapia sobre as principais psicopatologias da infância. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, set. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000200007&lng=pt&nrm=iso>.
- BARBOSA, Poliana G. A criança sob o olhar da Gestalt-terapia. Revista IGT na Rede, Rio de Janeiro, v. 8, n. 14, 2011, p. 9-22. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs/include/getdoc.php?id=1750&article=333&mode=pdf>. Acesso em: 13 set. 2020.
- CARDELLA, B. Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidades. In: FRAZÃO, L; FUKUMITSU, K (Orgs). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Sammus, 2014.
- CARNUT, L. Pesquisa social ou pesquisa qualitativa? Uma dis(des)cu(constru)ss(ç)ão em pauta na saúde coletiva. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v.43, n. 120, p. 170-180, mar. 2019. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042019000100170&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11 mar. 2020.
- CAVANELLAS, Luciana Bicalho. Trazendo os pais pelas mãos: em busca de um sentido para a terapia de crianças. Handing the parents: searching a meaning to the children's therapy. **IGT na Rede** ISSN 1807-2526, v. 4, n. 7, 2007.
- DA ROCHA ANTONY, Sheila Maria. Os ajustamentos criativos da criança em sofrimento: uma compreensão da gestalt-terapia sobre as principais psicopatologias da infância. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 356-375, 2009.
- DE LUCAS FREITAS, Joaneliese; STROIEK, Nutty Nadir; BOTIN, Débora. Gestalt-terapia e o diálogo psicológico no hospital: uma reflexão. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 16, n. 2, p. 141-147, 2010.
- DUTRA, E. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 7, n. 2, p. 371-378, jul. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200018&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 mar. 2020.
- FERNANDES, M. B. **Psicoterapia com crianças**. In: Frazão, L.M. & Fukumistu, K.O. (Orgs). Modalidades de intervenção em clínica em Gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 2016.
- LIMA, D. M. A. O self-box como experimento na atuação do gestalt-terapeuta com adolescentes. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 25, n. 3, p. 313-322, dez. 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672019000300010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 10 mar. 2020.
- LIMA, Gerlena Correia; LIMA, Deyseane Maria Araújo. O brincar como meio facilitador da expressão da criança sob a perspectiva da Gestalt-terapia. **IGT rede**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 28-52, 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262015000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 14 jul. 2021.
- OAKLANDER, V. **Descobrimos crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. São Paulo: Summus, 1980.
- OLIVEIRA, Danielle Cavalcanti Almeida de. Recriando histórias: o desabrochar da capacidade criativa em crianças a partir da Gestalt-terapia. **Revista IGT na Rede**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 2010, p. 354-367. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs>. Acesso em: 13 set. 2020.
- OLIVEIRA, Evelyn Denisse Felix de. Um panorama do processo psicoterapêutico infantil em Gestalt-terapia. **IGT rede**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 20, p. 01-15, 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262014000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 jun. 2021.
- RIBEIRO, J. P. **O conceito de mundo e de pessoa em Gestalt-terapia: revisitando o caminho**. São Paulo: Summus, 2011.
- RIBEIRO, J.P. **Vade-mécum de Gestalt-terapia: conceitos básicos**. 3ª edição. São Paulo: Summus, 2016.
- SILVA, Thalita Rodrigues, GONTIJO, Cristina Silva - A Família e o **Desenvolvimento Infantil sob a Ótica da Gestalt-Terapia**.
- VERAS, R. P. A influência do pensamento oriental na Gestalt-terapia. In Frazão, L. M. & Fukumitsu, K. O. **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. V. 1. São Paulo, Summus, 2013.
- ZAHM, S; GOLD, E. A necessidade de Pesquisa em Gestalt-Terapia. In: BROWNELL, P. **Manual de teoria, pesquisa e prática em Gestalt-Terapia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- ZANELLA, Rosana. **A criança que chega até nós**. In ANTONY, Sheila. (Org.). **A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento**. São Paulo: Summus, 2010. p. 109 – 122.
- ZANELLA, R. & ANTONY, S. Trabalhando com adolescentes: (re)construindo o contato com o novo eu emergente. In: Frazão, L.M. & Fukumistu, K.O. (Orgs). **Modalidades de intervenção em clínica em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2016.
- ZINKER, J. **Processo criativo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2007.

A revista eletrônica FLUIR é um veículo de comunicação do Centro Gestáltico de Fortaleza com a comunidade gestáltica, acadêmica e social-comunitária. É espaço de divulgação de trabalhos científicos, e reflexões afins, aberto aos professores formadores, aos alunos das formações do CGF e demais sujeitos parceiros. As opiniões emitidas nos trabalhos aqui publicados, bem como a exatidão e adequação das referências bibliográficas são de exclusiva responsabilidade dos autores, portanto podem não expressar o pensamento dos editores. A reprodução do conteúdo desta publicação poderá ocorrer desde que citada a fonte.



PSICOTERAPIA E CRIATIVIDADE: O USO DE RECURSOS TERAPÊUTICOS INTEGRANDO RECORTES DA VIDA.

*Fátima Diógenes*¹
*Juliana Diógenes*²

RESUMO:

O presente texto é um relato recortado da longa caminhada experiencial das autoras nas plagas da psicoterapia. Trata-se de uma reflexão teórica, de natureza bibliográfica, mas embasada em experiências profissionais, tanto no consultório quanto em outros espaços mais amplos da clínica psicoterapêutica. Apoiadas em autores já clássicos do campo teórico da Gestalt-terapia, como Joseph Zinker e outros, este relato sugere possibilidades de utilização de recursos artísticos e/ou criativos para facilitar, junto aos clientes, (re)significações de seus universos pessoais.

PALAVRAS-CHAVE: Gestalt-terapia; Psicoterapia; Criatividade; Recursos Terapêuticos;

¹ Psicóloga, Gestalt-terapeuta e facilitadora de Biodança

² Psicóloga, Gestalt-terapeuta e facilitadora de processos grupais.

INTRODUÇÃO

O presente texto é um relato recortado da longa caminhada experiencial das autoras nas plagas da psicoterapia. Especialmente este relato faz menção à utilização da fotolinguagem, colagem e desenho, como recursos artísticos e/ou criativos para facilitar a mobilização e prontidão dos clientes em adentrar nos universos pessoais, nos campos emocionais e mentais onde espraiam biografias e sonhos. Como aporte teórico, este trabalho traz autores já clássicos da Gestalt-terapia, bem como outros que contribuem para o entendimento da riqueza potencial dos recursos criativos, como Joseph Zinker dentre outros. Trata-se de uma reflexão teórica, de natureza bibliográfica, mas embasada em experiências profissionais, tanto no consultório quanto em outros espaços mais amplos da clínica psicoterapêutica. Nesse sentido, é fundamental iniciar o texto com reflexões acerca da criatividade, da psicoterapia e também da intrínseca relação entre elas.

“A criatividade é a celebração da grandeza de uma pessoa, a sensação de que ela pode tornar qualquer coisa possível” (ZINKER, 2007, p.15). Com esta frase, Joseph Zinker inicia seu livro *O processo criativo em Gestalt-terapia* (2007), onde aborda com maestria o tema criatividade dentro do processo terapêutico. Argumenta que o terapeuta precisa dar-se conta e desenvolver sua própria capacidade criadora para facilitar a conscientização e o desenvolvimento dessa mesma capacidade em seus clientes.

Para Weisberg¹, ser criativo é produzir coisas novas o tempo todo, intensamente, em grande e pequena escala (Isto é, junho/08). Baseado nos seus estudos, todos somos capazes de criar, e a diferença entre o gênio e uma pessoa dita comum é a vontade genuína e a determinação de criar algo novo, diferente. O ser humano possui um potencial criativo a ser desenvolvido ao longo da sua existência.

Toro (2002), criador da Biodança, argu-

menta que existe um instinto exploratório e um impulso de inovação inerente aos seres vivos. De acordo com as vivências que temos no início da nossa vida, que ele chama de Protovivências, esse instinto e impulso se desenvolvem ou são reprimidos. Ao longo da vida, poderão ser deflagrados, potencializados, acordados.

Temos toda a nossa existência para criarmos e recriarmos, inclusive nossas relações e nossa vida. Somos seres criativos, no entanto, o desenvolvimento da criatividade requer o desenvolvimento de algumas características pessoais, como elenca (Alencar 1990): Autonomia e independência; Flexibilidade e abertura a novas experiências; Autoconfiança e iniciativa; Disciplina e persistência; Sensibilidade e expressividade; Coragem para enfrentar medos e assumir riscos; Conhecimento do assunto; Vontade de criar algo inusitado; Desejo de fazer algo que faça diferença no cotidiano do seu trabalho, na sua vida e/ou para a humanidade.

Nossa criatividade pode ser desenvolvida ou bloqueada, dependendo das nossas experiências, dos estímulos e apoios recebidos e do nosso esforço pessoal. Ainda segundo Alencar (1990), a repressão do potencial criativo está ligada, basicamente, a dois tipos de “barreiras”: Emocionais (que se manifestam como Apatia, Insegurança, Medo de parecer ridículo, Medo do fracasso, Sentimento de inferioridade, Autoconceito negativo, Autocensura excessiva); e Culturais: (As pressões sociais com relação ao indivíduo que diverge da norma, Falta de estímulo para correr riscos, Expectativas com relação ao papel sexual, Consideração da fantasia, do devaneio e da reflexão como perda de tempo, Resistência à mudança, Valorização da lógica e do raciocínio em detrimento do sentimento e da intuição, Ênfase exagerada na resposta certa, na solução conhecida, no fato certo).

Sobre o mesmo tema, a educadora americana, e especialista em Criatividade, Dra. Tereza Amabile, citada por Goleman (1997), argumenta que existem verdadeiros

¹O psicólogo americano Robert Weisberg, 64 anos, dedica-se a estudar a criatividade humana. Para tanto, o professor da Universidade de Temple, na Filadélfia, vem esquadrinhando a vida e a obra de gênios das artes e da ciência, como Mozart e Einstein, em busca de explicações diferentes do mito de que a criatividade é um privilégio de poucos. Em livros e artigos sobre o tema, ele tem mostrado que a inventividade dos gênios difere muito pouco daquela que o restante da humanidade emprega diariamente em tarefas corriqueiras do dia-a-dia. Para Weisberg, a produção de obras primas ou de grandes descobertas científicas depende de um elenco de fatores, e não apenas de inspiração. (ISTO É, jun. 2008. Disponível em: https://istoe.com.br/4379_TODOS+PODEM+SER+GENIOS/)

“assassinos” da criatividade: Vigilância, Avaliação, Recompensas excessivas, Competição, Controle excessivo, Restrição de escolhas, Pressão por desempenho e Limitação do tempo.

Para Goleman (1997), os facilitadores mais importantes da Criatividade são: a Crença na própria criatividade, Ausência de julgamento, Observação acurada (aprimorada), Perguntas argutas (de espírito livre, sutil).

Ostrower (1977), também considera a criatividade “um potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial uma de suas necessidades.” (p.09). Ela prossegue:

Criar é, basicamente formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse “novo”, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar (OSTROWER,1977, p.09).

May (1992), escreve de forma magnífica o seu processo terapêutico e de criação artística em seu livro *Minha Busca da Beleza*, e afirma: “Existe um paralelo surpreendentemente estreito entre a Arte e a Psicoterapia. Em minha vida, ambas vieram da mesma fonte. Em cada uma delas, nasce uma nova forma de vida, não das ideias, mas da intensidade das experiências”.

Psicoterapia é processo de criação e de mudança. Mudança pressupõe movimento, inovação, transformação, abertura ao novo. Requer Criatividade e a disponibilidade de utilização dos mais variados recursos (DIÓGENES, 2015).

Em Gestalt-terapia, utilizamos viagens de fantasia, desenho, pintura, colagem, mandalas, máscaras, dramatizações, cadeira vazia, troca de papéis, miniaturas (caixa de areia), trabalhos corporais, relaxamento, poesia, contos, massagem, argila, mosaico, tecelagem, canto, dança, teatro, sucata, modelagem, fotografia, mímica, elaborações de histórias, foto-linguagem como experimentos que possibilitam, ao cliente e ao terapeuta, o contato com a criatividade.

O processo terapêutico é a facilitação, o

desenvolvimento ou o desbloqueio do potencial criativo do cliente para um viver mais saudável e mais pleno. Usando ou não a arte como recurso. Fazer terapia requer do terapeuta o desenvolvimento da própria capacidade criadora.

A criatividade é um ato de coragem que diz: estou disposto a me arriscar ao ridículo e ao fracasso para experienciar este dia como uma novidade, como algo inédito. A pessoa que ousa criar, romper limites, não apenas participa de um milagre como percebe que, em seu processo de ser, ela é um milagre (Zinker, 2007, p. 16).

O PROCESSO CRIATIVO DO PSICOTERAPEUTA

O psicoterapeuta, para se utilizar da sua criatividade, precisa, antes, conectar-se consigo mesmo, e se lembrar de quem ele é. Para estar disponível para o encontro com seu cliente, necessita ter consciência de que deve dar início a “um trabalho árduo e intenso sobre a sua própria pessoa” (CARDELA, 2002, p. 102).

Uma das características que definem o Gestalt-terapeuta é a busca de um estilo próprio. Para isso, sua história pessoal deve estar a serviço do seu papel de psicoterapeuta, assim como suas habilidades pessoais. Isso quer dizer que, para a realização de um trabalho que ajude o cliente a (re) construir a sua “morada” (CARDELA, 2002, p. 103), o gestalt-terapeuta deve se conectar com a (re)construção do seu próprio “habitar confiado” (CARDELA, 2002, p. 103). “É preciso ter para onde voltar quando se esteve integralmente a serviço do outro. É necessário acolher-se” (CARDELA, 2002, p. 103). Ou seja, para que eu acolha o outro, eu preciso me acolher. E só assim me conecto comigo mesmo e crio meu estilo próprio.

Acolher-me para acolher o outro tem também outra função: desenvolver habilidades para lidar com os paradoxos que são inerentes à profissão. Esses paradoxos são “os problemas aparentemente contraditórios em relação ao aspecto pessoal e profissional do terapeuta” (CARDELA, 2002, p. 142).

O gestalt-terapeuta deve ter a capacidade de estar para o outro, olhando para a experiência emergente e o processo do cliente. Porém, não é raro, no *setting* terapêutico, surgir um confronto entre as questões de vida do cliente que não estão resolvidas na

vida pessoal do terapeuta. Com isso, o psicoterapeuta não pode perder de vista a sua vulnerabilidade.

A vulnerabilidade do terapeuta pode torná-lo receptivo às questões do cliente, mas, se não for reconhecida e trabalhada em sua terapia pessoal, pode transformar-se em obstáculo na relação, ou até prejudicar o processo do cliente (CARDELA, 2002, p.104).

É a vulnerabilidade do terapeuta – as suas próprias dificuldades não resolvidas na sua vida pessoal – que o sensibiliza para estar com o seu cliente, e o aproxima dele. Porém, quando não escutada em contexto adequado para tal, essa mesma vulnerabilidade distancia terapeuta e cliente e prejudica o encontro terapêutico (CARDELA, 2002).

É parecido com o que Hycner (1995) chama de “curador ferido”, ao afirmar que esse curador, embora ferido, certamente ajuda a curar; “porém, se o ferido torna-se “figura” na terapia, o foco pode ser a cura do terapeuta e não a do cliente, o que nunca é o objetivo da terapia” (HYCNER, 1995, p. 30).

Essa denominação “curador ferido” nos remete à mitologia grega, especialmente ao centauro Quíron, filho do deus Cronos e da ninfa Filira. A sua narrativa conta que, acidentalmente, foi ferido na coxa por Hércules ao matar o monstro Hidra de Lerna. Uma das setas contaminadas com o sangue do monstro atingiu Quíron. Este, embora imortal, não conseguia curar o próprio ferimento, incorporando, assim, uma vulnerabilidade. Eis porque o curador ferido, pela experiência da própria dor, é capaz de compreender a dor dos outros.

Esse mito nos possibilita compreender que a ferida do curador deve ajudar a desenvolver a compaixão e a benevolência, mas, na relação terapêutica, não deve ser a figura, mas um fundo que acolhe.

Outro elemento importante para o psicoterapeuta, na utilização da sua criatividade, é a *awareness* daquilo que está se passando entre o terapeuta e o cliente, já que o Gestalt-terapeuta precisa estar em contato consigo e com o outro. Isso demanda essa “capacidade de diferenciação e de estabelecer contato de boa qualidade, colocando-se a serviço do outro” (CARDELA, 2002, p. 104). Portanto, é responsabilidade do terapeuta

estar *aware* do “ENTRE”, da experiência relacional propriamente dita, que se constitui do encontro e das resistências de ambas as partes (CARDELA, 2002).

Esclarecer de onde parte a resistência é uma tarefa complexa, que exige humildade e disponibilidade do terapeuta para examinar pontos cegos e defensivos, assim como disponibilidade para trabalhá-los em sua psicoterapia pessoal (CARDELA, 2002, p. 105).

Isso deflagra a importância da experiência aqui-agora. “Essa é a pedra angular da Gestalt-terapia: dar-se conta do que está acontecendo na situação, consigo e no ambiente” (FIGUEROA, 2015, p. 104); e deflagra também o quanto é importante o terapeuta aprender a confiar em si mesmo e a se desapegar da ideia de controle do processo terapêutico, pois, como diz Perls (1977), “existe uma única coisa que deve controlar: a situação. Se você compreender a situação em que se encontra, e deixá-la controlar suas ações, então aprenderá como lidar com a vida” (p. 38).

Quando nos conectamos com a situação figural na *setting* terapêutica e confiamos em nós mesmos enquanto terapeutas, conseguimos deixar de lado o controle ilusório da situação, e não só não temos mais necessidade do passo a passo de um experimento como percebemos que não existe manual de instrução para a psicoterapia gestáltica.

Na situação terapêutica, respondo de acordo com alguns princípios. Atualmente, com a minha experiência, sei que não se trata de aplicar uma técnica ou formular um experimento, mas de aproveitar a situação da melhor forma possível, visando ao desenvolvimento da experiência presente para o cliente (FIGUEROA, 2015, p. 105).

É mais adequado ir na direção de encontrar o jeito e o caminho. O jeito se refere ao meu conjunto de experiências, aquilo que eu me sinto confortável em utilizar por já ter experienciado. O caminho é o desconhecido, aquilo que vai se apresentando inesperadamente (FIGUEROA, 2015).

Esse desconhecido me obriga a responder a ele, a buscar o possível em cada situação. Surgem novidades, coisas que eu não só não sabia como nem imaginava que poderiam funcionar ou não.

Afinal, nem tudo dá certo, e o que não dá certo não deixa de ser uma experiência aproveitável (FIGUEROA, 2015, p. 105).

Por se tratar de um método experimental e experiencial, o imprevisível faz parte da psicoterapia gestáltica, e só precisamos nos deixar levar pelo presente imediato, deixando para ver os resultados depois. Deixar-se conduzir pelo presente imediato facilita perceber o óbvio da situação, aquilo que está acontecendo aqui-agora, embora nem sempre seja fácil (FIGUEROA, 2015).

As técnicas, muitas vezes, servem-nos apenas como cartas na manga, com a mera função de nortear a situação até que algo melhor se apresente. Ou seja, a técnica ou experimento devem estar a serviço do processo terapêutico do cliente. É aqui que entra a grande sacada criativa do terapeuta.

O terapeuta criativo proporciona o contexto em que a totalidade do cliente pode se mostrar tal como é, e tira da sua “caixinha” o experimento. Aos poucos, vai conseguindo entrar no mundo do seu cliente e desbravar o que for possível e fizer sentido. Com isso, a presença do terapeuta na vida de uma pessoa gera um impacto que transcende todo e qualquer método utilizado, e exige do terapeuta o desenvolvimento de algumas características que Zinker (2007) classifica em duas categorias: a essência do terapeuta como pessoa – seus valores e atitudes; somadas às suas capacidades, habilidades e técnicas” (p.52).

Sobre as “Essências, valores e atitudes do terapeuta criativo”, Zinker é enfático:

A vida criativa requer esforço árduo. (...) O processo em si é o prato principal do banquete da criação... O terapeuta criativo tem uma rica história pessoal. Passou por muita coisa... Ele comemora a vida e celebra a essência, a beleza, a bondade e possibilidades futuras da outra pessoa. Essa atitude permeia sua atenção e seu pleno envolvimento nos detalhes da experiência do outro... não se distrai com coisas irrelevantes... O terapeuta experimental inventivo possui um tesouro imagético... percebe a elegância, a estrutura, a ordem e o ritmo da vida (ZINKER, 2007, pp. 53-54).

Sensível, atento e relaxado, o terapeuta gestáltico, à medida que ele vai escutando e percebendo seu cliente, é capaz de criar

imagens, metáforas, lembrar de músicas que possam fazer sentido para o processo terapêutico do cliente.

Ainda, segundo Zinker, há que se desenvolver habilidades lúdicas, pois, exercitar o lado brincalhão é fundamental para conseguir transitar ao máximo na fala literal do cliente, enriquecendo seu discurso e o diálogo terapêutico. “Brincar significa ganhar vida, experimentar o outro com vivacidade no olhar” (ZINKER, 2007, p. 55).

“O senso de humor é essencial a alguém que passa o dia ouvindo relatos de sofrimentos e dores” (ZINKER, 2007, p. 55). É ele que me possibilita rir, me desapegar daquilo que não é importante, ver o mundo de outro ângulo, tornar estranho o que é familiar (ou vice-versa), e assim se torna um companheiro de viagens do seu cliente.

Além disso, outro aspecto de quem é inovador é a “excitação perante os mistérios não revelados em si e no outro” (ZINKER, 2007, p. 55). O terapeuta criativo tem a capacidade de se deslumbrar, com “a capacidade de participar com prazer de uma experiência especial de outra pessoa” (ZINKER, 2007, p. 61). Ele tem também empolgação, curiosidade e envolvimento nos processos que acompanha, gosta de investigar e ir em busca de clareza das sensações, percepções, emoções e sentimentos. “Como um arqueólogo, ou Sherlock Homes, ele sai em busca de pistas, indícios e acessos aos espaços inexplorados do outro” (ZINKER, 2007, p. 55). Para isso, ele se envolve nas experiências dos seus clientes, porém, de maneira desapegada, ou seja, ele se liga e é receptivo ao mesmo tempo em que está atento ao seu próprio processo, para que ambos os processos (o do terapeuta e o do cliente) não se confundam.

O terapeuta criativo é alguém que corre riscos. Ele está sempre disposto a partir para um experimento, a tentar uma forma de olhar, a ensaiar algum comportamento arriscado ou até perigoso. Ele conta com bastante habilidade e compreensão antecipatória de que, se o trabalho for, seu timing será preciso o suficiente para salvar a situação (ZINKER, 2007, p. 61).

Portanto, há uma série de atributos do terapeuta criativo que dizem respeito ao seu modo de pensar e acreditar. São eles que delimitam as técnicas e os métodos que o

empolgam (ZINKER, 2007).

Sobre as capacidades, habilidade e técnicas do terapeuta criativo, continuamos seguindo Zinker, ao dizer que: “O terapeuta criativo é experimental. Sua atitude inclui o uso de si, do cliente e dos objetos do ambiente a serviço da invenção de novas visões das pessoas” (ZINKER, 2007, p. 62).

Trata-se de estar atento ao aqui-agora do discurso do cliente, saber dos materiais e recursos que possui no ambiente, estar *aware* da própria disposição e disponibilidade: juntos, esses aspectos favorecem o emergir do experimento adequado para aquela situação.

Por exemplo, o Gestalt-terapeuta, ao se utilizar das “metáforas do cliente como veículo para uma análise detalhada dos elementos fundamentais de sua experiência” (ZINKER, 2007, p. 67), após verificar sua disponibilidade para o experimento, pode ‘pedir ajuda’, por exemplo, às almofadas ou às cartas ou ao desenho ou à dramatização etc, e através deles, explorar a situação figural do cliente no *setting* terapêutico.

Zinker (2007) relaciona ainda outras características do terapeuta criativo, importantes para o seu trabalho. São elas (p. 71):

- Boa noção de timing (ritmo);
- Capacidade de detectar onde a pessoa pode ser alcançada, energizada, mobilizada emocionalmente;
- Conhecimento de onde estão os “bônus” psicológicos e de quando apertar cada um;
- Capacidade para mudar de marcha, para deixar de lado algumas coisas e passar a outras áreas que tenham mais vivacidade;
- Disponibilidade para instigar, desafiar, persuadir e energizar a pessoa para que realize o trabalho;
- Sabedoria para reconhecer quando deixar que a pessoa continue confusa, a fim de que aprenda como sair disso e alcance sua própria clareza.

Esse profissional criativo deve ser capaz de integrar diferentes habilidades, como se refere Zinker (op. cit): o conhecimento e a intuição, ser ativo e relaxado, sério e brincalhão, ter certezas e estar confuso, ter controle e deixar-se fluir, analisar os detalhes e enxergar a Gestalt.

O conhecimento, ser ativo, sério, ter certezas, controle, analisar os detalhes são funções do lado esquerdo do nosso cérebro, assim como a intuição, o ser relaxado, brincalhão, estar confuso, deixar-se fluir, enxergar a Gestalt são funções do lado direito.

A integração criativa se dá quando conseguimos “mergulhar nesse hemisfério direito intuitivo e repleto de imagens, coordenando e iluminando suas experiências com o hemisfério esquerdo” (ZINKER, 2007, p. 75).

Sugestões da utilização de alguns recursos que facilitam o acesso aos processos criativos.

FOTOLINGUAGEM

Um dos recursos a serem utilizados, como experimento, no *setting* terapêutico, é a fotolinguagem, que proporciona acesso aos conteúdos psicológicos, que por vezes, não se tornam claros ou acessíveis apenas por meio do diálogo.

É um recurso projetivo, pois permite à pessoa se perceber ou perceber uma situação de modo mais concreto, já que se encontra exterior a ela, sendo, com isso, facilitada sua expressão verbal. A fotolinguagem é um trabalho terapêutico (individual ou de grupo) realizado por meio de um conjunto de fotos ou imagens, que é composto a partir de temas.

Sendo assim, esse conjunto de imagens pode, por exemplo, conter: fotos diversas relacionadas ao conceito de equipes, caso o tema a ser trabalhado seja o relacionamento interpessoal dos funcionários de uma empresa; fotos diversas referentes à maternidade, se o tema a ser trabalhado seja direcionado ao ‘ser mãe’; imagens variadas que possam favorecer a emergência de sentimentos, caso a intenção seja trabalhar a expressão ou ressignificação de emoções etc.

De um modo geral, a fotolinguagem possui dois momentos: o de escolha da imagem, a partir da consigna dada pelo terapeuta, e o da partilha, onde a pessoa ou, se for trabalho em grupo, cada participante do grupo, fala sobre a foto escolhida. E a partir das conexões feitas e dos sentimentos emergentes, o trabalho terapêutico vai sendo desenvolvido.

É importante esclarecer que as adaptações a essa formatação inicial devem ser feitas sempre que fizerem sentido para o processo terapêutico que está sendo acompanhado.

Ou seja, outros materiais e recursos podem ser aliados e acionados para a facilitação de um processo de , tais como palavras, frases, músicas etc.

DESENHO: linhas e cores no processo terapêutico

Desenhar “é a arte de representar formas figurativas ou abstratas por meio de linhas e sombras. O desenho é a matriz das outras formas de expressão visual” (GRAÇA, 2014, p. 60). Geralmente, encontram-se alguns obstáculos, nesta forma de expressão, em decorrência dos padrões de beleza e normalidade em que as pessoas querem se encaixar.

Nesse sentido, desenhar acaba sendo muito difícil numa cultura tão acelerada como a que vivemos (GRAÇA, 2014).

Phillipini (2009), em termos técnicos, apresenta sugestões de uso, indicações e propriedades da utilização do desenho: expressão conceitual através da forma, percepção espacial, percepção das relações luz/sombra, delimitar e designar, expansão do movimento gráfico, delinear e configurar, objetividade, percepção de ponto/traço/linha, coordenação psicomotora entre figura/fundo, coordenação viso-motora.

Já para Zinker (2007), o desenho possibilita ao indivíduo se conhecer enquanto pessoa inteira, na medida em que tem a oportunidade de se olhar internamente a partir do que expressa externamente, por meio do desenho. Complementarmente, Edwards (2002) diz: “O processo de desenhar é curioso. É tão interligado com o ato de ver, que mal pode dele se separar” (p. 28). Ou seja, o desenho, enquanto um recurso terapêutico, é experienciado como expressão/comunicação total da pessoa, dentro de um processo de .

No processo de desenhar, a pessoa se permite exprimir totalmente sua excitação, até se sentir internamente satisfeita e completa. Seus desenhos mostram as mesmas características de seus sentimentos variá-

veis: da fragmentação à fluidez, da fluidez à totalidade. Com isso, a formação figura-fundo da *awareness* na pessoa é congruente com a formação figura-fundo visual de seus desenhos. Os desenhos acabados, com exceção de seu valor estético, tornam-se uma confirmação concreta de sua capacidade de se tornar um ser humano integrado (ZINKER, 2007, p. 281).

Ao se referir ao que chama de estágios do percurso criativo, Zinker (2007) descreve sua experiência gestáltica de arte da seguinte forma:

Estágio Um:

- As produções são mais primitivas;
- O cliente testa o material e certifica-se de que não será desqualificado ou criticado;
- Há um alto nível de excitação pela expansão de energia de cada pessoa.

Estágio Dois:

- Há uma expressão de maior confiança no processo;
- A pessoa se permite ficar “perdida” no próprio processo, envolvida na experiência;
- Emerge uma relação de figura/fundo;
- O processo interno é refletido na produção;
- A pessoa desloca-se de uma energia indiferenciada para a clareza de .

Estágio Três:

- Começa a experienciar uma sensação de completude;
- A energia está mais controlada e modulada;
- Torna-se mais pensativa, examina mais sua produção;
- O processo cognitivo torna-se mais ativo, há uma autoanálise;
- A produção começa a apresentar temas mais desenvolvidos;
- O trabalho se move para uma estrutura mais complexa;
- A pessoa se experiencia e respeita sua riqueza interna;
- Experiencia uma combinação de renovação, exaustão e surpresa por ter produzido algo completo, integrado e novo;
- Cada pessoa reconhece e integra as imagens à sua maneira.

Confirmando a riqueza desses recursos, Janie Rhyne (2000), pioneira da Arteterapia Gestáltica, afirma que a experiência com a

arte proporciona:

- A vivência do Presente;
- Atenção total ao momento;
- Dar-se conta do fazer consciente e o poder confiar na própria experiência;

Além disso, a experiência Gestáltica de Arte ajuda:

- A recuperar e desenvolver características e habilidades;
- A entrar em contato com seus conflitos
- Usar a capacidade criativa para expressá-los e ter a possibilidade de reorganizar suas percepções.

Conforme a autora, existem etapas gerais de uma experiência gestáltica de arte, a saber:

- Encorajar o uso do material de arte simplesmente para encontrar como e o que expressar em uma linguagem não verbal.
- Explorar-experimentar-expressar focalizando o que cada um possui de si mesmo – ênfase sobre a conscientização de Isto sou eu. Eu sou.
- Progressões graduais de aprendizagem, incluindo uma percepção do eu no espaço-tempo, em relação recíproca com os outros.

Assim, numa abordagem gestáltica, o desenho proporciona atenção, concentração, contato com a realidade, acesso a conteúdos psicológicos e relaxamento. Requer coordenação motora fina e controle intelectual. Além de ser indicado na ampliação de e para melhorar a qualidade do contato com o mundo interior e exterior, tal é o potencial desse recurso reconhecido por Pain (2001), quando diz: “O desenho é uma atividade analítico-sintética” (p. 99).

Como sugestão de materiais, apresentamos:

- Lápis preto, de cores;
- Giz;
- Giz de cera;
- Canetas coloridas, Pilot;
- Pastéis a óleo (Ideal para Mandalas);
- Papéis de tamanhos variados, texturas e cores diferentes.

COLAGEM:

transformando e integrando recortes da vida

A colagem é uma forma de representação artística por meio do recorte e colagem. É uma modalidade expressiva bastante indicada para começos de processos. Pode ser utilizado com diversos materiais e em cima de superfícies variadas (GRAÇA, 2014, p. 63).

É uma técnica que permite a elaboração de montagens com diversos tipos de imagens de recortes de revistas, jornais, cartões, papel liso, estampado etc, e busca a relação entre os elementos escolhidos e colados, bem como sua disposição no papel (OLIVEIRA, 2012).

Phillipini, (2009) apresenta a sugestão acerca do uso, indicações e propriedades da utilização da colagem: indicada para cronologias diversas, facilidade operacional, ordenadora, estruturadora, sintética, integrada, facilitadora do início do processo arte terapêutico.

A Colagem como recurso expressivo proporciona atenção/concentração; funções cognitivas de análise e síntese, ou seja, desconstrução-construção-reorganização; expansão de limites; acesso a conteúdos psicológicos; imaginação; reconfiguração de estruturas passadas e ressignificação da totalidade. Pode ser aplicada com tema livre, com consígnia, em criação individual ou coletiva, como único recurso ou aliada à outra técnica.

Os materiais mais comuns são:

- Cartolina;
- Papel A3;
- Papel madeira;
- Cola;
- Tesoura;
- Revistas;
- Jornais;
- Tecidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos este trabalho ressaltando alguns aspectos acima referidos, como: o potencial humanizador e transformador da psicoterapia, dentre tantos outros recursos de saúde e desenvolvimento pessoal; particularmente, enfatizamos a abordagem gestáltica em psicoterapia, notadamente por sua ênfase no existencialismo, na fenomenologia como método de trabalho e, obviamente, na sua perspectiva de consideração e crença no potencial criativo e autorregulador do ser humano. Reafirmamos a riqueza do experimento em psicoterapia, daquilo que emerge da própria situação de campo, e que, às vezes, se utiliza de variados recursos, como o corpo e materiais que facilitam o despertar e o desenvolvimento da criatividade existencial.

Por fim, aplaudimos os gestalterapeutas que, assentados numa postura criativa, caminham juntos com seus clientes pelos caminhos complexos da existência, valendo-se, quando oportuno de recursos artísticos ou criativos, para que a própria vida criativa se mantenha plena.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. Q. **Terapias Expressivas**. São Paulo: Vector, 2000.

ALENCAR, E. S. A **Gerência da Criatividade**. São Paulo: Makron Books, 1996.

_____. **Como desenvolver o Potencial Criativo**. Petrópolis: Vozes, 1990.

BELLO, S. **Pintando sua alma**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CAMARGO, L. ROBERT WEISBERG "Todos podem ser gênios". **Revista Isto é**, São Paulo, 04 jun. 2008. Disponível em: <https://istoe.com.br/4379_TODOS+PODEM+SER+GENIOS/> Acesso em: 03 set. 2019.

CARDELLA, B. H. P. **A construção do psicoterapeuta – uma abordagem gestáltica**. São Paulo: Summus, 2002.

EDWARDS, B. **Desenhando com o artista interior**. São Paulo: Editora Claridade, 2002.

FIGUEROA, M. As técnicas em Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K.O. **A clínica, a relação terapêutica e o manejo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2015.

GOLEMAN, D. **O Espírito Criativo**. São Paulo: Cultrix, 1997.

GRAÇA, A.S. **Arteterapia: contribuições para uma visão transdisciplinar do professor de arte na escola pública**. Monografia de conclusão de curso de Especialização em Arteterapia apresentada ao POMAR/SPEI. Rio de Janeiro, 2014.

HYCNER, R. **De pessoa a pessoa**. São Paulo: Summus, 1995.

MAY, R. **Minha Busca da Beleza**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

_____. **A Coragem de Criar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

OSTROWER, F. **Criatividade e processo de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

OLIVEIRA, R. B. **Recorte e colagem como técnica expressiva das artes plásticas na Educação e na Arteterapia**. Monografia de conclusão de curso de Especialização em Arteterapia apresentada à AVM Faculdade Integrada. Rio de Janeiro, 2012.

PAIN, S. **Teoria e Técnica da Arte-terapia**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

PHILIPPINI, A. **Linguagens e Materiais Expressivos em Arteterapia**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

RHYNE, J. **Arte e gestalt: padrões que convergem** (M. B. P. Norgren, trad.). São Paulo: Summus, 2000.

PERLS, F. **Gestalt-terapia explicada**. São Paulo: Summus, 1977.

A revista eletrônica FLUIR é um veículo de comunicação do Centro Gestáltico de Fortaleza com a comunidade gestáltica, acadêmica e social-comunitária. É espaço de divulgação de trabalhos científicos, e reflexões afins, aberto aos professores formadores, aos alunos das formações do CGF e demais sujeitos parceiros. As opiniões emitidas nos trabalhos aqui publicados, bem como a exatidão e adequação das referências bibliográficas são de exclusiva responsabilidade dos autores, portanto podem não expressar o pensamento dos editores. A reprodução do conteúdo desta publicação poderá ocorrer desde que citada a fonte.



“ERA UMA VEZ, ERA UMA OUTRA VEZ,
ERA SEMPRE UMA VEZ.
OS CONTOS EM GESTALT TERAPIA.”

Tenho consciência de que contar histórias
é equivalente a contar-se também.

(Laura Perls)

Josiane Satin Mortinho¹

RESUMO:

Os contos de fadas, as lendas, fábulas possuem papel importante na formação, fortalecimento e autonomia do nosso senso crítico, desenvolvimento de uma mente mais criativa, e, no potencial intelectual, clareando as emoções, possibilitando assim surgir soluções de problemas e informações culturais. Dentro da visão da Gestalt-terapia, podemos dizer que as histórias projetam e espelham situações. Na vida real nem sempre conseguimos dar o desfecho que consideramos adequado para nossos conflitos, diferentemente do que acontece na fantasia. Mas é bom lembrarmos que na realidade não é o “felizes para sempre” que importa, mas sim o “feliz no aqui e no agora”. Os contos de fadas nos mobilizam muitas sensações, através da imaginação criada das histórias narradas, despertam significações singulares. Passam-se os anos e os contos se mantêm vivos no corpo social. Em que medida os contos podem facilitar o processo de resgate de saúde? Como o psicoterapeuta pode se apropriar deste recurso? Este artigo é baseado no meu trabalho de conclusão de curso – realizado no Instituto Gestalt de São Paulo. Revisar a literatura me possibilitou ampliar a compreensão sobre esta temática e suas possibilidades terapêuticas. Com isso, o objetivo geral deste artigo é construir possibilidades de utilização dos contos com fundamentação teórica da Gestalt-terapia. E como específico, é compreender como os contos podem colaborar como recurso terapêutico no processo de psicoterapia gestáltica. A abordagem metodológica do estudo é a pesquisa qualitativa com um enfoque na pesquisa bibliográfica, recorrendo aos materiais já elaborados sobre o tema. No desfecho sobre a prática terapêutica, trata-se de um recurso projetivo, que revela o modo de funcionamento de quem assim está realizando o conto, facilita o processo de “*awareness*”, qualidade de contato com o mundo, buscando vivacidade, fluidez, disponibilidade, abertura, ritmo, discriminação, nesse contínuo em que o homem e o mundo se transformam.

PALAVRAS-CHAVE: Gestalt -terapia, Contos, Recurso Terapêutico, Experimento, *Awareness*.

¹ Psicóloga, Gestalt- terapeuta de crianças, adolescentes, adultos e casais.

INTRODUÇÃO

Contos tradicionais ou populares são histórias encontradas no folclore das diversas culturas que formam a humanidade. Eles refletem a sabedoria popular. Suas origens perdem-se no tempo, uma vez que são histórias de narrativas orais. Há contos encontrados em colunas e papiros egípcios. Os ancestrais se reuniam com suas tribos ao redor do fogo, para explicar os fenômenos naturais, mistérios da vida, lendas regionais e estabelecer regras para relação entre o homem, e a sociedade e o mundo ao seu redor.

O conto é uma memória histórico-socio-cultural, onde há diferenças de olhar e de ler o mundo ao agir em convivência (BEDRAN, 2012). O conto se revela para a imaginação pela audição, visão, movimento. O paladar e olfato também são portas para vida interior. As histórias são mágicas, possuem muitos significados que, em diferentes fases da vida, se transformam em novos sentidos e aprendizados.

Todas as histórias são repletas de interpretações e personalidades, misturam fatos e significados. Essa é a raiz de seu poder. As histórias nos permitem enxergar algo familiar com novos olhos. Ouvir e contar histórias são uma experiência que se traduz numa integração de sentidos capaz de recuperar os significados que nos tornam mais sensíveis.

Era uma vez, era uma outra vez, era sempre uma vez. É bom ouvir, é bom pensar, é bom sentir. As histórias geram uma significativa quantidade de processos criativos em todas as faixas etárias.

Este artigo tem como objetivo geral construir possibilidades de utilização dos contos com fundamentação na teoria da Gestalt-terapia (GT). E como específico, compreender como os contos podem colaborar como recurso terapêutico no processo de psicoterapia gestáltica.

A ABORDAGEM GESTÁLTICA

A escolha dessa abordagem como referencial terapêutico dá-se em virtude da identificação com seus pressupostos filosóficos acerca da natureza humana. A abordagem gestáltica (GT) considera o homem um ser essencialmente relacional, dotado

de singularidade, além de concreto e substanciado. Essa abordagem terapêutica e pedagógica valoriza a capacidade criativa do homem e o torna capaz de tomar posse de si e do mundo, responsável pelo potencial transformador da própria vida e destino (CARDELLA, 2002).

A GT apresenta uma visão holística do homem e mundo, e o que os envolve. Quer compreender o homem como ser que pensa, age no mundo, nas relações que ele estabelece dentro de um campo mais amplo, que é tudo isso que envolve sua existência e suas relações.

Em compreensão do homem enquanto parte de uma totalidade mais extensa e complexa que representa o contexto que ele está inserido. Considerando, então, o homem enquanto um ser-no-mundo, um ser de relação, procura focalizar a totalidade da relação que o indivíduo estabelece com seu meio.

Segundo Cardella (2002), o homem é o intérprete mais fiel de si mesmo, centro de sua própria liberdade e libertação, detentor do poder sobre si mesmo. É um ser em projeto, fazendo-se em processo, capaz de fazer opções e escolher o que deseja ou pretende ser.

O homem tem poder extraordinário de transformações, que se assemelham a um novo nascimento, ou seja, podemos transformarmos mesmo após períodos difíceis e dolorosos (Ribeiro, 2011).

EXPERIMENTO EM GESTALT-TERAPIA

A Gestalt-terapia, que emergiu nos anos 50 e 60, com foco no experimento e na ação criativa, propõe trazer o sensível e o corpo para o “*setting*” terapêutico, indicando que a experiência é um referencial essencial. O grupo que pensou e propôs a Gestalt-terapia teve o nome de “Terapia experiencial” como uma proposta para a nova abordagem. Fritz Perls, seu fundador, possui uma conhecida afirmação: “perca a razão, recupere os sentidos” (ALVIM; RIBEIRO, 2009).

Para Zinker (2007), o experimento é essencial ao aprendizado experiencial. Ele transforma o falar em ações, as recorda-

ções ineficazes e as teorias em estar presente aqui, com a integridade da imaginação, energia e excitação.

Uma característica comum de todo experimento é que ele sempre implica a sugestão de uma vivência, nova e no presente (CIORNAL, 2004).

O Experimento é um elemento de facilitação a ampliação da consciência do cliente, e o uso dele deve se valer quando assim fizer sentido para o momento que está sendo vivenciado com o cliente. É importante que o terapeuta tenha habilidade/familiaridade com o experimento, para assim propor ao seu cliente. Ao se basear na experimentação, fazendo uma passagem da explicação, a Gestalt-terapia permite que o ato psicoterápico seja um campo de experiência.

O experimento proporciona ao cliente a possibilidade de perceber o que ele faz, como ele se interrompe, seja para que ele experimente a possibilidade de formas diferentes de se posicionar, se relacionar, se expressar.

O objetivo de um terapeuta, ao sugerir um experimento, é auxiliar a intensificar e introduzir o contato da pessoa com um tema que esteja em ascensão, proporcionando-lhe possibilidades de vê-lo de outros pontos de vista. O experimento também pode vir com uma temática singular, o que facilitará que aspectos que estavam mais “no fundo”, possam emergir. E outras vezes, ao propor um experimento, o terapeuta aposta no poder da ação significativa de fazer surgir o que for relevante ao momento de seu cliente (CIORNAL, 2004).

Quando falamos de contos, não estamos nos referindo a uma técnica, mas a uma atividade realizada com recursos lúdicos, que poderia inclusive acontecer em muitos ambientes frequentados pela criança que não o espaço terapêutico.

Sob o ponto de vista da Gestalt-terapia, a técnica serve para facilitar, fomentar, fazer emergir e desenvolver o material oferecido pelo conto. Ela pode ser apresentada, na forma de descrições, questionamentos ou experimentos. Também é importante não confundirmos uma técnica com recursos lúdicos: o conto, por exemplo, não é uma técnica, um recurso que pode ser utilizado

de diversas formas pela criança. A técnica incidirá naquilo que o indivíduo produziu com o conto ou na forma como ele conduziu a manipulação do material.

A técnica incidirá sempre sobre o conteúdo e o processo da sessão terapêutica, em um ininterrupto movimento de figura e fundo. A alternância de intervenções entre o processo é característica dos processos terapêuticos de caráter holístico em que o ser humano, dentro desta perspectiva, não pode ser compreendido apenas por aquilo que fala, mas a partir de seu comportamento total no campo terapêutico (AGUIAR, 2005).

Jamais utilizaremos de uma técnica que não surja a partir da situação apresentada pela criança/adolescente e não seja possível dentro da fronteira relacional criança/psicoterapeuta em um dado momento do processo terapêutico (AGUIAR, 2005).

Ao utilizarmos uma técnica dentro desse parâmetro, necessariamente nos encontraremos em condições de afirmar: para que estou propondo isso agora, para essa pessoa, nessa relação? Em que isso está facilitando o processo de resgate de saúde para essa pessoa? Como isso se insere no contexto da história de vida dessa pessoa, de suas formas habituais adoecidas e suas possibilidades relacionais nesse momento?

O bom terapeuta permanece com o processo que evolui junto com a criança, independente da técnica utilizada. O procedimento ou técnica é um mero catalisador (OAKLANDER, 1980).

A Gestalt-terapia não se resume a um conjunto de técnicas. Os experimentos só são gestálticos na medida em que eles são usados num contexto gestáltico, caso contrário se tornam meramente atividades que são propostas com outros objetivos, sem adequação e conhecimento do experimento. O que muda quando esse sentido fenomenológico de experimentar - ação expressa por um verbo - se reduz a experimento como técnica ou coisa, expressa por um substantivo (ALVIM, 2009).

Perls substitui as buscas causais pelas experimentações de soluções, desta forma favorecendo a tomada de consciência, -através de uma representação de todas as

polaridades de uma determinada situação (GINGER, 2007). Assim, podemos utilizar os experimentos como forma de ampliar este olhar frente à totalidade do ser, fazendo com que cliente e terapeuta possam compreender mais aspectos que estão envolvidos em determinadas situações ou mesmo no funcionamento geral do cliente.

Os experimentos podem ser desde técnicas simples, que sequer são percebidas pelo cliente que ali está sendo empregado um experimento, como é o caso da focalização, onde o terapeuta evidencia um fenômeno que está aparecendo, trazendo para a consciência do cliente.

O grande ganho da psicoterapia é que no momento presente da relação terapêutica, com o nosso corpo e o nosso sentir mobilizado, temos condições de perceber-nos, de dar-nos conta de algo que não se dava e este “dar-se conta” não é intelectual, pois a *awareness* passa pelo corpo.

Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 62) afirmam a esse respeito:

O terapeuta conta com a *awareness* de si próprio para lidar com o cliente, de acordo com a situação, dando a ele a oportunidade de exercer suas agressões (ou o que quer que seja) em circunstâncias reais e enfrentar uma reação normal sem que o teto desabe. Assim, aquilo que é não-consciente pode surgir em primeiro plano de modo que sua estrutura possa ser experienciada. Ajudamos o cliente a ver como ele censura, retrai-se, com quais músculos, imagens, recursos. Quando ele percebe-se reprimindo ativamente, ele mesmo pode começar a relaxar a repressão.

CONTOS DE FADAS, FÁBULAS, MITOS, LENDAS, CONTOS POPULARES: DEFINIÇÕES.

O termo “conto de fadas” pode ser abordado de perspectivas histórica, antropológica, psicológica e literária. Sendo cada uma com seus próprios parâmetros de análise do fenômeno.

A palavra “fada” vem do latim “*fatum*” que significa destino, fatalidade e todos os seus derivados, como fábula, falar, fado. A ela são atribuídos poderes de interferir positivamente ou negativamente no destino do

homem, mas que findam em um final feliz (MEDEIROS e BRANCO, 2008)

O surgimento dos contos de fadas perde-se no tempo. A literatura registra que são histórias transmitidas oralmente de geração a geração e que, mesmo com toda a tecnologia, mantém seu espaço de destaque narrativo junto à infância. Já não se reservam apenas à função de entretenimento ou de acalanto ao sono das crianças, mas seu poder se expressa na magia e na fantasia que despertam na criança (SCHNEIDER e TROSSIAN, 2009).

Os contos transcendem o público infantil, são histórias para todos os públicos. Em cada fase da vida, ele será vivido, sentido, experimentado de uma forma, a constituição da singularidade se dará com a história de vida, valores, crenças, ambiente.

As histórias possuem uma linguagem universal, podem ter ausência de nome, de características físicas, na maioria das vezes de locais determinados. Chapeuzinho Vermelho, não é nome. É uma característica de uma roupa que a personagem usa. Cinderela, não é nome. É a gata borralheira, é a menina que vivia no borralho, é assim dito pelo fato de dormir junto às cinzas do fogão. Rapunzel, é assim chamada porque quando sua mãe estava grávida teve desejos por rapônzio, uma espécie de vegetal, encontrado na Alemanha parecido com alface.

Os contos, em sua essência, não eram destinados ao universo das crianças, já que as histórias eram recheadas de cenas de adultério, canibalismo, incesto, mortes e outros componentes do imaginário dos adultos. Souza (2005) refere-se aos contos, como histórias que narravam o destino dos homens, dificuldades, sentimentos, suas inter-relações e suas crenças no sobrenatural. Geralmente, as narrações ocorriam em campos de lavouras, reuniões sociais, nas salas de fiar, casas de chá, nas aldeias ou nos demais espaços em que os adultos se reuniam, e os responsáveis por narrar eram profissionais que herdavam a função dos antepassados, ou como uma simples tradição (RADINO, 2003).

A partir da descoberta da infância, os contos passaram a sofrer adaptações no sentido de atender às necessidades das crianças, bem como de sua imaginação.

Os contos de fadas distinguem-se das demais histórias infantis pelo uso de magia e encantamentos, um núcleo problemático no qual o herói ou a heroína busca sua realização pessoal, pela existência de obstáculos a serem enfrentados pelos heróis (CALDIN, 2002; RADINO, 2003; TURKEL, 2002). Para Bettehlein (1980), é característica desses contos a presença de um dilema existencial de forma breve e precisa. Cashdan (2000) afirma que “o Conto de fada tem quatro etapas”: a travessia, a viagem ao mundo mágico; a dificuldade a ser superada; e a conquista (destruição do mal); a celebração da recompensa.

Schneider e Torossian (2009, p. 35):

Os contos representam uma narrativa cujos personagens heróis e, ou, heroínas enfrentam grandes desafios para, no final, triunfarem sobre o mal. Permeados por magias e encantamentos, animais falantes, fadas madrinhas, reis e rainhas, ogros, lobos e bruxas personificam o bem e o mal. No conto de fadas, tapetes voam, galinhas põem ovos de ouro, pés de feijão crescem até o céu, enfim, traz-se à tona o improvável, e é essa magia que instiga a mente humana.

ESTRUTURA DOS CONTOS DE FADAS

Contos de fadas são de natureza espiritual/ética/existencial, onde narram acontecimentos ou aventuras que se passam no mundo mágico, espaço fora da realidade em que vivemos. Seus argumentos desenvolvem-se dentro da magia (reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, gênios, bruxas, gigantes, anões, objetos mágicos) e têm núcleo problemático imposto ao herói ou heroína. Os personagens principais são: crianças, jovens, princesas, anões, gigantes, bruxas, reis. Personagens secundários: a madrasta, os pais, a avó, a corte do rei, os trabalhadores, animais e objetos animados, varinhas, vassouras, espelhos mágicos (JUVINO, 2010).

Esses personagens representam: modéstia ou orgulho, coragem ou covardia, beleza ou feiura, bondade ou maldade. Essas características são destacadas na trama, onde a bondade vence a maldade, o corajoso vence o covarde, o belo vence o feio, onde o vício, inveja são punidos, já a virtude é exaltada (JUVINO, 2010).

O conto de fadas expressa os empecilhos

que precisam ser vencidos, para realização do herói, seja pelo encontro de seu verdadeiro eu, ou encontro da princesa, mostrando para o leitor uma condição de respeito dos males humanos. A criação de um herói que sempre vence ao final é o que vai atrair as crianças, sendo que a modalidade, em geral, está no contato com o bem e as virtudes. Do ponto de vista da psicanálise, “O conto de fadas diz à criança que embora existam bruxas, nunca se esqueça que também existem boas fadas, e que são mais poderosas” (BETTELHEIM, 1980).

A motivação das fábulas é de origem popular, com aspectos bem realistas e irônicos. Em geral, são narrativas breves e bem-humoradas, propondo-se a divulgar mensagens e ensinamentos que nos levem a refletir sobre nosso comportamento, valores e condutas cotidianas.

Para Juvino (2010), todo conto de fadas, para ser completo, deve apresentar componentes que deem sustentação a essas narrativas, como: fantasia, recuperação, fuga e refúgio. Outra característica notória é que sempre usam expressões que instigam a imaginação, como: “Era uma vez”. O espaço em que se realizam é sempre casinhas no meio da floresta, bosques, castelos, palácios e locais cheios de encantamentos, possibilitando o imaginário do leitor. Os contos ajudam a desenvolver a individualidade da criança, oferecendo concepções distintas em cada fase da vida, fatores que contribuem na construção do adulto.

A motivação das fábulas é de origem popular, com aspectos bem realistas e irônicos. Em geral, são narrativas breves e bem-humoradas, propondo-se a divulgar mensagens e ensinamentos que nos levem a refletir sobre nosso comportamento, valores e condutas cotidianas.

AS CONTRIBUIÇÕES DO CONTO DE FADAS INFANTO-JUVENIL

O conto de fadas atua de tal forma que influencia o que uma criança pensa e experimenta o mundo; é por isso que ele é tão persuasivo a ela.

As histórias ensinam à criança que é inevitável que o ser humano passe por obstáculos na vida. Entretanto, apresenta que, se

a pessoa tiver coragem para enfrentar, ela poderá superar todas as barreiras e vencer no final. A criança necessita que lhe sejam concedidas situações simbólicas de como lidar com os conflitos, para assim, amadurecer. Assim, os contos de fadas são ricos nesse sentido, pois falam justamente dos problemas existenciais da sociedade e, ao mesmo tempo, garantem o final feliz, pois, sempre haverá o clichê “feliz para sempre” (BETTELHEIM, 2007).

As crianças ao ouvirem histórias entram em contato com a escrita, linguagem, memória, curiosidade e a sua capacidade criadora, execução de conflitos, compreensão de sua cultura e emoções. O encontro do seu imaginário com o mundo de personagens diversificados presentes nos contos, possibilita o enriquecimento psicossocial. Na visão de Abramovich (1999), os contos de fadas, trabalham com as emoções das crianças, por acontecer em um lugar onde não existem limites e em que qualquer pessoa pode enfrentar, envolvendo-a em situações, que permite a ela, uma solução para a dificuldade, com ajuda de seres com poderes especiais.

Os contos fornecem muitos elementos para que a criança possa elaborar seus conflitos através da narrativa (CORSO E CORSO, 2006).

Como toda arte é significativa, o sentido mais acentuado dos contos será diferente para o ser, e diferente para a mesma pessoa em momentos diversos da vida. A criança deduzirá um sentido diferente do mesmo conto de fadas, dependendo das suas preferências e necessidades do momento (BETTELHEIM, 1978).

O uso dos contos e histórias, só fará sentido no contexto terapêutico da clínica infanto-juvenil, se o terapeuta estiver alinhado com seus objetivos a serem trabalhados, em que aquele (a) cliente se beneficiará com o uso desse recurso.

O CONTO COMO RECURSO TERAPÊUTICO EM GESTALT-TERAPIA.

A Gestalt-terapia utiliza-se do conto como um instrumento exploratório de significados existenciais. O trabalho com contos em Gestalt-terapia se dará pela busca da

compreensão de mensagens existenciais presentes nesses, a partir da percepção subjetiva do cliente, não cabendo qualquer interpretação do psicoterapeuta.

O conto como recurso terapêutico será o FUNDO, e as identificações feitas pelo cliente serão as figuras que surgirão. As identificações são projeções do *SELF*.

As histórias/contos é um recurso muito abundante em projeções. Os personagens, os elementos presentes nos contos, as imagens, seres místicos, contexto, conteúdo, as metáforas, propiciam movimentos irrefletidos de escolha que podem abrir possibilidades de acesso diante daquilo que é evitado.

Ao se apropriar-se de um elemento, personagem, conteúdo, contexto traz-se para a apresentação o simbólico e suas significações. Contos/estórias são um sistema dinâmico de símbolos, metáforas, que se transformam em narrativas. Os objetos que compõem os contos também podem ser elementos simbólicos e metafóricos.

Essa experimentação mobiliza o corpo como potência do agora, e se configura em narrativa sobre si e sobretudo, sobre si no mundo com os outros/as.

Segundo Juliano (2017), os contos transmitem além da história em si, representações antigas que foram passadas ao longo das gerações desde tempos primordiais. Tais representações formam a base de conhecimento vivencial, auxiliando a trilhar caminhos e a refletir sobre as escolhas.

Mitos e contos de fadas, falam na linguagem de símbolos. São recursos preciosos para mobilizar o fundo, tornando-o mais rico, mais consistente. Em geral, funcionam enriquecendo o campo sensorial que estava estreitado por questões existenciais (Juliano, 1999).

As metáforas em Gestalt-terapia pressupõem que elas emergem como figura na experiência imediata da sessão e recebem as projeções daquilo que está por ser integrado pelo cliente, quando são nomeadas as dificuldades, acontece o alívio. São responsáveis por expressar de uma maneira confortável e suave que, muitas vezes, no cotidiano, não é possível a comunicação de forma lógica e racional, então há necessi-

dade de uma comunicação mais sintética, próxima ao campo da imaginação, assim, as histórias, contos de fadas, fábulas, são formas de expressões.

Através das histórias, temos possibilidades de organização de aspectos internos (sensações, emoções, pensamentos, sentimentos, crenças, valores, etc), diante de situações reais, de tal forma que possibilite a compreensão e interpretação do mundo.

Os contos falam por meio de metáforas. Representam situações e símbolos das vivências das pessoas que os ouvem ou assistem, e estas estão diretamente implicadas no processo de entender e repassar essas histórias. O símbolo deve ser adequado ao momento do criador. O símbolo leva a revelações, a ampliações e a transformações, podendo ressignificar dores e desafetos, concreto e simbolicamente.

Segundo Diógenes (2019), devemos considerar que o cliente, vem para terapia para entender os eventos de sua existência e ter a possibilidade de fazer ressignificações em sua própria história de vida, o uso de contos e histórias, como experimento, pode auxiliar neste processo.

Histórias e contos ajudam o cliente a entrar em contato com valores e crenças internalizadas/introjetadas e dar voz a sentimentos difíceis de expressar. A introjeção é um ajustamento quando incorporadas em si mesmos normas, atitudes, modos de agir e pensar, que não são verdadeiramente do eu.

O clima do “era uma vez” permite que se experimente um novo ingresso no tempo. O ERA, traz um sentimento de imediatismo, UMA eleva o cenário da história na imaginação, VEZ nos possibilita ir no tempo, tanto no passado quanto ao futuro, até que um ponto de tranquilidade criativa seja alcançado, a partir do qual os acontecimentos possam se desdobrar inventivamente.

Segundo Diógenes (2016), os contos não estão ligados à noção de tempo nem de lugar, sendo assim o “Era” se torna um espaço de liberdade, no qual se pode refazer cenários, recriar enredos e até transformar os elementos e personagens da história. A liberdade de expressão e de ação pode existir.

O ato da criação, de total entrega, es-

pontâneo, onde tudo pode acontecer. O processo criativo passa por movimentos importantes que estão: flexibilidade e capacidade transformadora.

O conto traz possibilidades do ser humano de transcender os limites do tempo e do espaço e de sobreviver a ele – é terapêutico por natureza. Histórias podem ser criadas com base em qualquer estímulo, desde que haja disponibilidade para isso. A vida oferece estímulos a todos os instantes.

Para fazer-se uso do conto como recurso terapêutico, é fundamental que o psicoterapeuta tenha afinidade e familiaridade com eles e sinta-se à vontade em utilizá-los. A dimensão natural e sobrenatural se misturam. Neste sentido, há personagens que mudam sua aparência, outros que vivem eternamente, elementos naturais com sentimentos e uma série de aspectos mágicos.

Deve-se concordar, com Juliano (1999), que é função do terapeuta, juntamente com o cliente, ajudar a trazer uma figura emergente, clara e definida, para que, uma vez formada a “Gestalt”, essa figura possa recuar para o fundo, permitindo que uma nova figura possa emergir, fazendo assim a percepção fluir dinamicamente.

Sobre o ponto de vista fenomenológico, o ser humano é dotado de capacidade e criatividade. O cliente é o protagonista da sua história, ele centraliza atenção e o terapeuta acompanha seu movimento, ritmo. Inferir um conto, um livro, na sessão de psicoterapia sem ter um contexto, ou por ansiedade do terapeuta, é ferir os pressupostos gestálticos, em especial ao método fenomenológico, é deixar de acompanhar o fenômeno como ele se apresenta, aquilo que emerge.

TRABALHANDO COM OS CONTOS

Em Gestalt-terapia, uma técnica ou recurso é um elemento facilitador, sendo assim as histórias são terapêuticas quando são contadas sob medida, contextualizadas, personalizadas, e fruto de um encontro sintônico; cujo objetivo é proporcionar a ampliação de *awareness*.

A melhor forma de se construir histórias sob medida é deixar fluir no momento terapêutico. Podem-se criar as histórias es-

pontaneamente, no momento da sessão terapêutica ou escrevê-las posteriormente a partir das metáforas que o próprio cliente usar e expressar. Todos possuem uma linguagem rica em metáforas e um grande potencial criativo.

As histórias/contos trazem a beleza da vivência de todas as vicissitudes, acessando os polos onde claramente, existe uma separação nítida entre o bem e mal, feio e bonito, mocinho e vilão, e isso também ajuda a afinar o olhar e aprender a diferenciar pessoas e atitudes saudáveis e que fazem bem, das que fazem mal. Durante a fantasia então, pode-se descobrir novas possibilidades de desfechos para situações que experimentam na realidade e recriá-los em suas vidas, que muitas vezes no percurso da vida foi ensinado de uma maneira polar que existe uma “maneira” certa de ser, fazer, sentir.

Dentro da Gestalt-terapia, pode-se dizer que as histórias espelham projeções e situações que são idealizadas e podem ajudar a viver uma “*awareness*”, o dar-se conta. Entretanto, *awareness* é para além do significado de “dar-se conta”. Pois, engloba ao pensar, o sentir, o agir de uma forma mais congruente, é uma consciência emocionalizada, que provoca mobilização e transformação.

Yontef (1998, p. 31) afirma que na Gestalt-terapia enfatiza-se sobre “*awareness*”:

No sentido de saber o que está fazendo no presente, e não se confunde esse estar sendo com o que foi, poderia ter sido ou poderia ser. Procedimento baseado na ‘*awareness*’ do que é, energizando a figura em questão no presente e com vivo interesse.

Joyce (2016, p. 52), considera importantes as seguintes intervenções:

Concentração e atenção na respiração por um momento. Você pode perceber o que está sentindo? Você está consciente do que está pensando? O que ocorre quando você diz isso? De que parte do seu corpo você está consciente? Observo que seu corpo parece rígido e sua respiração ficou superficial. Você percebeu isso?

De forma geral, o terapeuta está encorajando o cliente a permanecer no aqui e agora; expandir a *awareness*, direcionar ou focalizar para o que está sendo evitado ou minimizado.

Os contos trazem possibilidades de reescreverem e narrarem outros desfechos para sua vida. Eles nos aparecem como espelhamentos e inspirações para lidar com os fatos do cotidiano. Na história, o herói enfrenta desafios, passa por superações naquilo que se propõe a fazer. Quando traz para a realidade as possibilidades e olhares esperançosos, levantadas durante a fantasia, tem-se a oportunidade de fazer diferente, e viver de forma saudável e criativa.

Os contos/ histórias trazem projeções através dos seus personagens, elementos das histórias, conteúdo e contexto, proporcionando movimentos irrefletidos de escolhas que podem abrir portais diante do que é evitado.

A decisão está presente na vida do herói, que faz escolhas e sofre consequências delas. Na vida sabemos que somos responsáveis pela autoria de nossa história.

O “final feliz” de uma história é representado pelo “felizes para sempre”. Dentro da abordagem gestáltica, o final feliz pode também representar uma ansia por fechamentos de “Gestalts” que não foram fechadas e, portanto, podem causar dor, inquietação, ansiedade e descontentamento. Ao ler um conto/ história nem sempre será possível ocorrer o fechamento de *gestalten*.

Segundo PERLS, HEFFERLINE E GOODMAN, é o organismo que se põe em contato com o ambiente, mas o contato é a realidade mais simples e primeira. Por isso, o princípio para o pensamento gestáltico sempre será baseado nas relações, portanto, nossa noção de SUBJETIVIDADE é sempre INTERSUBJETIVIDADE, e também INTERCORPORALIDADE.

Pode-se ainda fazer uma diferenciação que não se está falando do EU, e sim do ENTRE, descrevendo como se dá a experiência organismo e ambiente. O *Self*, não é sinônimo de EU, descrição de uma personalidade, de uma singularidade ou de uma individualidade pura sem nenhum atravessamento.

O *Self* é processo, mutável, passível de transformações, pois é o ser com o mundo, que implica em um processo pessoal que pode ser transformado conforme o campo, a situação e o momento. É a nossa forma de agir e reagir com o mundo. É um sistema

de contatos presentes e agente de crescimento. O *Self* integra funções perceptivas, proprioceptivas, motoras, musculares e necessidades orgânicas. O *self* compreende a função Id, Ego e Personalidade

A função Id é a necessidade vital e os atos automáticos. É vinculado ao sistema sensorio motor e associa-se às emoções básicas. São os gestos espontâneos. A função Ego está relacionada às escolhas e tomadas de decisão, o que requer mobilização, movimento e contato com o aqui-agora de suas necessidades. Muito ligado também às emoções (mover para fora).

Os contos podem acionar a função ego por meio da conscientização, a partir da reflexão do conto, de seu contexto atual de vida, suas necessidades, e o que ela pode escolher no momento. Pode também se identificar com algum personagem ou elemento do conto, e a partir disso também olhar para si e tomar consciência de suas escolhas e decisões.

A função Personalidade é a representação de si mesmo, é a autoimagem, é a constituição da identidade. É a forma como somos nas nossas interações sociais, ou seja, é a maneira particular de agir com o mundo (RIBEIRO, 2006).

Os contos e a maneira como são contados, recontados, criados sempre ativam um modo de funcionamento do "*Self*", de forma que o gestalt-terapeuta vai conduzir a atividade do cliente na perspectiva da ativação da função necessária ao atingimento dos objetivos.

De acordo com Pinto (2015):

Trabalhar com contos, pode ser interessante de ser conduzido, principalmente em indivíduos com tendências a estilo de personalidade Introjetivo, pelo temor à rejeição, situações em que são ridicularizados. Indivíduos com tendências a estilo de personalidade Projetivos tentem a terem dificuldade de perceber o corpo, sensações e percepções, vivendo em estado de vigia, alerta, constantemente. Indivíduos com tendências a estilo de personalidade Retrofletor, tendem a terem pouca espontaneidade, perfeccionista, porém muito reflexivo. Pessoas com predisposições Egotistas, tendem a serem muito preocupados com a imagem, vaidoso, perfeccionista e sensível às críticas. Pessoas com tendências a serem

Dessensibilizados, tendem a serem mais voltados para o concreto, com tendência a menor compreensão a símbolos e metáforas, indivíduos com tendências a estilo de personalidade Defletor entra em contato com os contos traz boas reflexões, porém sem aprofundamentos, mantém em superficialidade. Indivíduos com tendências a estilo de personalidade Confluyente tendem a terem um bom senso estético, suas reflexões tendem a terem "lições moralistas". Indivíduos com tendências a estilo de personalidade Profletor, tendem a terem certa dificuldade de perceber suas emoções e de lidar com elas, mas apresentam uma imensa criatividade, voltadas para as artes.

A personalidade vai ser ativada em qualquer tipo de trabalho com contos ou histórias, pois todos promovem uma projeção da autoimagem. Qualquer trabalho realizado vai ser elaborado e interpretado de acordo com a percepção do cliente e da forma como ele se vê, proporcionando a integração dos conteúdos internos e clareza do seu modo particular de ser.

CONCLUSÃO

Os atos de contar e ouvir histórias são as formas mais remotas e presentes na vida de transmitir conhecimentos, ensinamentos, experiências, reflexões e mobilizar as emoções. Quem conta um conto sempre aumenta um ponto, ou tira dois pontos, pois ao recontarmos as histórias já estamos narrando com nossa personalidade.

Através dos contos tem-se a possibilidade de comunicar ideias num envoltório suave que não levanta defesas. As histórias são ouvidas de acordo com a possibilidade do cliente no momento, deixando um amplo espaço para que ambos possam agir conforme a necessidade, onde o foco muda quando a necessidade é satisfeita ou superada.

Criar um conto, histórias, uma narrativa, podem surgir oportunidades de ressignificações: integrando, fazendo novas escolhas, deixando surgir novas Gestalt. É importante lembrar que as fantasias e projeções podem ser de grande ajuda no caminho quando consegue transitar livremente entre a fantasia e a realidade.

A história proporciona, possibilidades de enriquecer a vida das crianças e dos adultos, de estimular a imaginação, desenvolver sua capacidade intelectual, compreender o

mundo, construir identidades, harmonizar ansiedades e indicar caminhos para as resoluções de problemas, promovendo ao mesmo tempo, confiança em si próprio.

Metodologicamente, a Gestalt-terapia, através de seus pressupostos, em especial o método fenomenológico, não se vale de interpretações advindas do terapeuta. É a singularidade do cliente que dá valor e significado. O psicoterapeuta primeiro ouve a história e deixa que o significado se manifeste, em lugar de colocar expectativas sobre os possíveis significados, e este então emerge se tornando uma figura nítida e precisa da experiência. Por isso, os contos são tão importantes recursos da imaginação, simbolização e ressignificação existencial.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5ª edição. São Paulo: Scipione, 1999.
- AGUIAR, Luciana M. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. São Paulo: Editora Livro Pleno, 2005.
- ALVIM, Mônica Botelho; RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O lugar da experimentação no trabalho clínico em Gestalt-terapia**. 2009. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/html/v9n1a05.html>. Acesso em: 05 set. 2022.
- BEDRAN, Beatriz. **A arte de contar histórias: narrativas orais e processos criativos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Editora: Paz e Terra, 2014.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **A oralidade e a escritura na literatura infantil**: referencial teórico para a hora do conto. Encontros Bibbi: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, 13, 1-14, 2002.
- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **A construção do psicoterapeuta – uma abordagem gestáltica**. São Paulo: Summus, 2002.
- CASHDAN, Sheldon. **Os sete pecados capitais nos contos de fadas**: como os contos podem influenciar nossas vidas. Rio de Janeiro: Campos. 2000.
- CIORNAI, Selma. **Percursos em arteterapia gestáltica**: arte em psicoterapia, supervisão clínica em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004, v.62.
- CORSO, Diana Lichtenstein. Corso, Mário. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre, Artmed, 2006.
- DIÓGENES, Maria de Fátima Pereira. Era uma vez... uso de contos e histórias no processo psicoterápico. In: MENDONÇA, Bruna Improta de Oliveira; BRITO, Maria Alice Queiroz de (org.). **Ensaio em Gestalt-terapia**. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 145-166.
- FINGER SCHNEIDER, Raquel Elisabete e TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan. **Contos de fadas**: de sua origem à clínica contemporânea. 2009, vol.15, n.2, pp. 132-148. ISSN 1677-1168.
- GINGER, Serge, GINGER, Anne. **Gestalt: uma terapia do contato**. São Paulo: Summus. 1995.
- JULIANO, Jean Cleark. **O tear da vida**: reflexões e vivências psicoterapêuticas. São Paulo: Summus, 2017.
- JUVINO, Analice da Silva. **A relação entre o conto de fadas tradicional e o moderno**. 2010. 51 f. Monografia (Especialização) - Curso de Letras, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2010.
- MEDEIROS, Adriana e Branco, Sonia. **Contos de Fada: Vivências e técnicas em arteterapia**. Rio de Janeiro - Wak, 2008.
- MENDONÇA, Bruna Improta de Oliveira e BRITO, Maria Alice Queiroz de. **Mandalas como recurso terapêutico na prática da Gestalt-Terapia**. 2017, vol.14, n.27, pp. 273-290.
- OAKLANDER, Violet. **Descobrimos crianças**: abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. São Paulo: Summus, 1980.
- PERLS, Frederick; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.
- PINTO, Ênio Brito. **Elementos para uma compreensão diagnóstica em psicoterapia**: O ciclo de contato e os modos de ser. São Paulo: Summus, 2015.
- RADINO, Glória (2003). **Contos de fadas e a realidade psíquica**: a importância da fantasia no desenvolvimento. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. (2006). **Vade-Mécum de Gestalt-terapia**: Conceitos Básicos. São Paulo: Summus.
- SCHNEIDER, Finger Raquel Elisabeth; TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan. **Contos de fadas**: de sua origem à clínica contemporânea. *Psicol. rev.* (Belo Horizonte) [online]. 2009, vol.15, n.2, pp. 132-148.
- SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. (2005). **Valorizações afetivas nas representações de contos de fadas**: um olhar piagetiano. *Boletim de Psicologia*, 55 (123), 1-22.
- TURKEL, Ann Ruth. (2002). **From victim to heroine: children's stories revisited**. *Journal American Academy of Psychoanalysis*, 30 (1), 71-81.
- YONTEF, Gary M. **Processo, diálogo e awareness. Ensaio em Gestalt-Terapia**. São Paulo: Summus, 1984.
- ZINKER, Joseph. **Processo Criativo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2007.
- RIBEIRO, Jorge P. **Conceito de mundo e de pessoa em Gestalt-terapia**: revisitando um caminho. São Paulo: Summus, 2011.
- JOYCE, Phil. **Técnicas em Gestalt**: aconselhamentos e psicoterapia. Petrópolis: Vozes, 2016.

A revista eletrônica FLUIR é um veículo de comunicação do Centro Gestáltico de Fortaleza com a comunidade gestáltica, acadêmica e social-comunitária. É espaço de divulgação de trabalhos científicos, e reflexões afins, aberto aos professores formadores, aos alunos das formações do CGF e demais sujeitos parceiros. As opiniões emitidas nos trabalhos aqui publicados, bem como a exatidão e adequação das referências bibliográficas são de exclusiva responsabilidade dos autores, portanto podem não expressar o pensamento dos editores. A reprodução do conteúdo desta publicação poderá ocorrer desde que citada a fonte.



ENSAIO SOBRE O LUTO ANTECIPATÓRIO: UM DIÁLOGO ENTRE O CUIDADO OFERECIDO PELA GESTALT-TERAPIA E O ENFRENTAMENTO DA PERDA MEDIATA DE UM ENTE QUERIDO

Leônia Maria Santiago Cavalcante¹

RESUMO:

As pessoas costumam não entrar em contato, desde a infância, com os significados da morte e do morrer. Isso conduz a um entendimento da vida como dissociada da morte, o que inviabiliza o desenvolvimento do autossuporte necessário para lidar com a finitude da vida, que se concretiza com a morte de um ente querido, por exemplo. Negar a existência da morte como parte da condição humana favorece uma luta interior caracterizada por um grande desgaste de energia emocional, frente a necessidade real de aceitação da finitude, o que dificulta, assim, o processo do luto e a sua elaboração. Neste contexto, o luto antecipatório apresenta contornos específicos e complexos, diante do diagnóstico de uma doença irreversível ou através do adoecimento decorrente de uma fatalidade. Descortina-se, com ele, a possibilidade da morte de ente querido a qualquer momento, em uma vivência do luto que ocorre antes mesmo de se perder a pessoa amada. Este artigo surge, assim, a partir da vivência pessoal da autora, diante do enfrentamento do luto antecipatório por ocasião do adoecimento de sua mãe, e desenvolve considerações teóricas sobre a morte, sobre a experiência da perda e sobre o processo de luto, para, em seguida, expor de forma mais específica a experiência do luto pré-morte - o luto antecipatório - e enumerar os impactos emocionais sofridos pelo enlutado e pela sua família. Com isso, possibilita uma discussão sobre o cuidado terapêutico a ser ofertado pela Gestalt-terapia como suporte na compreensão e elaboração da crise existencial decorrente desse processo. Trata-se de pesquisa bibliográfica e documental, realizada no campo teórico e empírico, com abordagem qualitativa, a partir do método indutivo e de aprendizagens inferentes. Considerando o caráter prolongado do luto antecipatório, a cronicidade da doença do ente querido e a terminalidade da vida que se aproxima, o presente estudo conclui pela importância do Gestalt-terapeuta estar inserido na equipe multidisciplinar, atuando nos processos paliativos necessários para minimizar o sofrimento do enlutado e do doente, oferecendo também intervenções durante todo o processo, no qual os envolvidos possam se preparar melhor para a dor e para a saudade. Tudo isso com o olhar está voltado para o cuidar da dignidade do morrer e da dor dos que ficam. Em sede de resultados, destaca-se a relevância de uma rede de apoio satisfatória no luto antecipatório, caracterizada por um cuidado terapêutico holístico, integral, multidisciplinar, ético e humanizado.

PALAVRAS-CHAVE: Luto antecipatório, Gestalt-terapia, Morte, Sofrimento, Cuidado.

¹ Psicóloga graduada pela Universidade Federal do Ceará – UFC (1985). Psicopedagoga pela Unichristus (2003). Avaliação psicológica interventiva na saúde e educação pela UFC (2005). Mestre em Administração de RH pela UFC (2009). Gestalt-terapeuta pelo Centro Gestáltico de Fortaleza (2021).

INTRODUÇÃO

Embora se saiba que a morte faz parte da vida, os seres humanos não são educados para aceitá-la como uma experiência inerente a sua existência, sendo, por isso, um evento da condição humana ainda repleto de mistérios, de incertezas e de medos. Assim, como não entram em contato desde a infância, através da educação, com os significados da morte e do morrer, as pessoas passam a entender a vida como dissociada da morte, o que faz com que as mesmas não desenvolvam o autossuporte necessário para lidar com a finitude da vida e com as perdas do existir humano, por exemplo, como a morte de um ente querido.

Quando se nega a morte como uma dimensão da vida humana, ela continua despertando nas pessoas uma angústia e um sofrimento muito grandes, gerando uma diversidade de sentimentos ambíguos que fazem experienciar a perda de forma desorganizada e com muito desespero, comprometendo a saúde mental e a qualidade de vida dessas pessoas.

Ao reagir à morte e ao rompimento do vínculo com a pessoa amada por meio de uma reação de pesar, grandes sofrimentos psicológicos surgem. Trava-se uma luta com a realidade da morte, ocorre um grande desgaste de energia emocional frente à aceitação da sua existência, dificultando, assim, o processo do luto e a sua elaboração.

A vivência do luto antecipatório, nesse contexto, torna-se ainda mais difícil, pois, a partir de um diagnóstico de uma doença irreversível ou através do adoecimento decorrente de uma fatalidade, como o acometimento do ente querido pelas sequelas do vírus Covid 19, invade-se, ainda em vida, a possibilidade da morte da pessoa que se ama, de modo que a vivência do luto ocorre antes mesmo de se perder o ente amado. No caso, começa-se a lidar com a realidade da perda e a enfrentar as emoções do pesar em momento anterior ao falecimento, de modo que as perdas simbólicas e concretas passam a impactar o dia a dia do indivíduo e a sua relação com o familiar doente.

A partir desse momento, o indivíduo é desafiado a viver a cronicidade e a terminalidade junto ao seu ente querido, o que traz grande sofrimento pela consciência da ine-

vitabilidade da morte e pela falta de perspectiva de futuro com aquele ente.

Quando se vive o luto antecipatório, precisa-se enfrentar a doença do ente querido e, ao mesmo tempo, cuidar dele, convivendo com o olhar perdido de quem vive a iminência da morte. Assim, enfrenta-se uma situação que demanda também lidar com as próprias emoções e com os sentimentos de impotência frente à iminência da morte de alguém que se ama.

Este artigo surgiu a partir da vivência pessoal da autora diante do enfrentamento do luto antecipatório por ocasião do adoecimento de sua mãe, hoje com 96 anos, que foi contagiada pelo Covid 19, estando há um ano e três meses no leito, traqueostomizada, logo, impossibilitada de se comunicar de forma oral com seus familiares. Longe de fazer um relato detalhado de suas vivências e do seu sofrimento, a autora propõe-se a estabelecer um diálogo com a Gestalt-terapia, buscando encontrar no cuidado oferecido pelo terapeuta e pela sua abordagem um suporte para o enfrentamento da elaboração do luto antecipatório, amenizando o sofrimento existencial. Sabe-se que o processo de luto coloca o indivíduo diante de uma crise existencial que precisa de um tempo para ser elaborada, sendo uma experiência de transição individual e singular a qual precisa ser acolhida com um olhar holístico, considerando as dimensões física, emocional, familiar, social e espiritual, devido a sua complexidade, e para que, assim, o enlutado encontre recursos pessoais para a sua autorregulação e para um ajustamento criativo posterior.

Trata-se de pesquisa bibliográfica e documental, realizada nas bases de dados google scholar e redalyc, no campo teórico, com abordagem qualitativa. Outrossim, a pesquisa assume caráter empírico ao utilizar procedimentos indutivos que partem da experiência pessoal da pesquisadora, na relação com o luto antecipatório de sua mãe, mediante aprendizagens inferentes. Para tanto, utiliza-se do sentipensar desenvolvido por Maria Cândida Moraes e Saturnino de La Torre, que viabiliza a construção de novas teorias, linguagens, estratégias pedagógicas e metodologias, frente a multidimensionalidade do ser aprendente/sujeito pesquisador (MORAES; LA TORRE, 2018).

Neste sentido, o presente estudo faz, inicialmente, considerações gerais sobre a morte, sobre a experiência da perda e sobre o processo de luto, para, em seguida, expor de forma mais específica a experiência do luto pré-morte - o luto antecipatório -, e os impactos emocionais sofridos pelo enlutado e pela sua família, possibilitando uma discussão sobre o cuidado terapêutico oferecido pela Gestalt-terapia como suporte na compreensão e na elaboração da crise existencial decorrente desse processo. Segundo Nucci (2021, p. 71) “não basta aceitar a morte, precisamos também, serenamente, cuidar da dignidade do morrer e da dor dos que ficam”.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A MORTE/EXPERIÊNCIA DE PERDA E O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO LUTO NUMA PERSPECTIVA GESTÁLTICA.

A perda de um ente querido traz bastante dor ao indivíduo, não só pela ausência física no dia a dia, mas porque, com a sua morte, acontece o rompimento de uma relação significativa que, dependendo da natureza da ligação afetiva, bem como das circunstâncias da morte do ente querido, provocam um vazio e uma perda de sentido na vida do enlutado. Afinal, foi construída uma história ao longo da vida com aquele ente querido, no entanto, com a finitude, mudanças bruscas acontecem, as quais enchem o indivíduo enlutado de entorpecimento, de saudade, de desorganização e de desespero, até que aceite a realidade da morte e possa viver o pesar, ajustando-se ao sentimento da ausência (BOWLBY, 1999; WORDEN, 1998 apud FRANCO, 2009).

Na visão de Freitas (2010, p.62), independentemente das condições da morte, ela sempre “se configura como uma ruptura, uma imposição de um aniquilamento, exposição ao vazio, porém, acredito que fértil de sentidos”, pois, apesar de se estar diante de um fato natural da existência, entrar em contato com a morte do outro significa o fim de uma existência que faz intensificar a angústia sobre a própria morte e sobre a ansiedade existencial (SOUSA, 2016; NUCCI, 2021).

A morte continua sendo um tabu, permanecendo um assunto não muito bem-

-vindo entre as pessoas. Segundo Bianchi e Camps (2020, p.207), infelizmente, “a nossa sociedade nega a certeza da morte como parte da condição humana”. Alguns medos associados, como medo da separação de quem se ama, medo de sofrer e o medo da própria morte, não encontram espaços para serem comunicados e expressos, o que não favorece, em vida, a preparação para a morte e para o morrer, sendo que, ao não tomar conhecimento daquilo que é preciso saber sobre o inevitável, a escuridão do não saber e do não dito sobre o mistério da morte angustia ainda mais (NUCCI, 2021).

Quando, inesperadamente, o indivíduo perde um ente querido, essa perda faz com que o indivíduo encontre a efemeridade da vida, sendo desencadeado o processo de luto caracterizado por sentimentos e reações físicas/emocionais em decorrência do experimentar da dor e do sofrimento pela separação da figura de apego (BOWLBY, 1995 apud SOUSA, 2016).

Parkes (1998, apud SOUSA 2016) e Fukumitsu (2012) afirmam que o processo de luto pode ser comparado a uma ferida física ou existencial, pois demanda um processo de cicatrização para ser curada, portanto, é necessário tempo para a ferida aberta ser processada pela pessoa enlutada. Fukumitsu (2012) acrescenta ainda que o luto é compreendido como um momento de crise existencial, e não como uma doença que provoca um desajustamento de ordem emocional e relacional diante do caos vivido pela experiência da perda.

Na perspectiva de Freud (1915/2006, apud SANTOS; YAMAMOTO; CUSTÓDIO, 2017), o luto torna-se uma missão psíquica a efetuar, um trabalho que demanda muita energia psíquica para a elaboração da perda em função do objeto amado que não existe mais e da percepção do mundo como pobre e vazio sem a pessoa amada. Parkes (2009, apud SANTOS; YAMAMOTO; CUSTÓDIO, 2017, p. 4) reforça a ideia de Fukumitsu (2012) quando “explica que todos os acontecimentos que provocam mudanças na vida e desafiam o mundo interior, provocam uma crise no sujeito”, na medida em que o seu mundo presumido se modifica e precisa de um ajustamento para dar conta do desequilíbrio causado em sua vida. Neste sentido, ocorre uma desorganização devido ao luto e à dificuldade de aceitação da perda,

sendo necessário por parte do enlutado um movimento em busca do seu equilíbrio, de sua homeostase.

Tanto a reação à perda como o processo de elaboração do luto são individuais, singulares e únicos, pois fatores pessoais, psicológicos, familiares, sociais e circunstanciais da morte, juntamente à natureza da ligação (parentesco) e à vinculação afetiva com a pessoa falecida, associam-se ao significado da perda e à aceitação do enlutado. Quanto mais o indivíduo for ligado afetivamente ao ente querido, mais significativa se tornará a perda, podendo determinar reações emocionais intensas no seu enfrentamento, como sentimentos ambivalentes, negativos e de dor (revolta, desespero, angústia, culpa, agitação, isolamento, tristeza intensa, mal estar físico, etc.). Vale ressaltar que outros fatores concernentes à realidade do enlutado e da especificidade do adoecimento/morte influenciam em suas reações à perda, como: natureza da morte (acidente, natural, suicídio, Covid 19); idade e sexo do enlutado; sua estrutura de personalidade e como reage constantemente ao estresse; rede de apoio social/ familiar existente; suas crenças culturais e religiosas.

O processo de luto e sua elaboração envolve desde o choque inicial e a negação da situação da perda até a sua aceitação, quando a pessoa se permite entrar em contato com a diversidade de sentimentos que impactam esse momento, acarretando, por vezes, grande sofrimento existencial.

A Gestalt-terapia, segundo Fukumitsu (2012), reconhecendo a experiência de perda como parte do mundo fenomenológico do sujeito, preocupa-se em compreender como o cliente vive esse sofrimento, facilitando a sua percepção e a ampliação da *awareness* acerca desse sofrimento entre organismo, meio ambiente e campo. Assim, procura-se auxiliar na aceitação da perda e sua irreversibilidade, para que o enlutado possa apropriar-se no seu tempo de suas emoções e sentimentos autênticos frente à experiência da finitude, conscientizando-se de suas implicações para a sua existência no agora.

Para a Gestalt-terapia, o indivíduo precisa assumir uma postura ativa de modo a significar o seu sofrimento e elaborar o luto vivido. As necessidades do cliente no

momento da perda estão confusas, logo, “formam *gestalten* incompletas e pedem atenção e energia nesse campo organismo-ambiente” (YONTEF, 1998 apud SOUSA, 2016). Desta forma, tanto as sensações advindas diante da perda do ente querido como toda a experiência de dor ameaçam o seu “eu” e fazem com que o enlutado resista a entrar em contato com tal situação e suas necessidades internas, reagindo de forma inadequada e, sobremaneira, não reconhecendo a realidade da perda.

Quando o indivíduo não consegue compreender e suportar o vivido, segundo Bianchi e Camps (2020), emerge o sofrimento prolongado, a ansiedade, a raiva, a depressão, etc.

Ao não entrar em contato com a realidade real, o indivíduo não reconhece a possibilidade da perda, o que o impede de sentir e estar aware dos seus sentimentos. Para Fukumitsu (2012), a elaboração do luto é um processo que busca o fechamento das *gestalten* inacabadas, e isso só acontece quando o cliente fala e expressa o que está vivendo, afirmando o seu sofrimento como forma de cicatrização da situação real, reunindo a seguir forças e sentido, segundo MARTINS e LIMA (2014) para reorganizar a sua existência sem o parente querido, ensejando encontrar recursos próprios para diminuir o seu sofrimento.

O fechamento da *gestalten* e a consequente elaboração da perda e do luto se dá quando o *self*, a partir da aceitação da realidade da perda “destrói e destitui o morto e a si mesmo do lugar antes ocupado em uma determinada forma de ser e se relacionar com sua presença no campo homem-mundo”, para que possam surgir novas relações e uma reelaboração do real (FREITAS, 2010).

Franco (2009) explana que a morte de quem se ama leva aos sofrimentos tanto fisiológico quanto psicológico, bem como à perda do próprio *self*. Com a vivência do processo de elaboração do luto, no entanto, ocorre a reconstrução de um novo *self* pós-luto. Segundo Freitas (2010), a aceitação da nova condição e a resignificação frente à aniquilação da morte geram a construção de novos sentidos e de novas relações no campo homem-mundo para o enlutado.

EXPERIENCIANDO O LUTO ANTECIPATÓRIO: A BUSCA POR UM CUIDADO INTEGRALIZADO À LUZ DA GESTALT-TERAPIA COMO SUPORTE AO ENFRENTAMENTO DA MORTE IMINENTE DO ENTE QUERIDO.

Como Gestalt-terapeuta, hoje acolhendo a dor do sofrimento de sua mãe, que se encontra há um ano e três meses recolhida a um leito em decorrência das sequelas adquiridas pelo contágio com o Covid-19, a autora deste estudo sente a necessidade de contribuir, a partir de sua vivência e de suas angústias pessoais, para um cuidado mais humanizado e para o alívio do sofrimento existencial inerente ao luto antecipatório.

A autora vive a proximidade da morte de sua mãe desde a sua intubação, e, ainda hoje, entra em contato diariamente com o seu sofrimento diário, lidando sempre com a impotência diante da cronicidade da doença. Além do medo de perdê-la, outros sentimentos e sensações emergem em decorrência do luto antecipatório prolongado, como, por exemplo, impotência, desesperança, desamparo e um cansaço físico/mental por viver uma dor intensa tão solitária, embora acompanhada por familiares.

O luto antecipatório coloca o indivíduo frente a uma perda antecipada que impacta o seu bem estar físico, emocional, social e espiritual, na mesma medida em que fragiliza o *self*. A vida pede um enfrentamento diário, mas a vivência do enlutamento impõe gestaltens inacabadas e ciclos interrompidos por perturbações na fronteira de contato com o outro e com o mundo, não permitindo o ajustamento do *self* à realidade, bem como impedindo o prosseguir satisfatório do processo de viver (BARROCA; LIMA; SALES, 2019).

A Gestalt-terapia, como já dito anteriormente, não somente se volta para a identificação das fases e dos fatores facilitadores/complicadores do processo de luto, como também busca compreender a experiência do luto antecipatório e o seu significado para quem vive esse processo. Somente a partir dessa compreensão é que poderá oferecer um cuidado e suporte adequado para as alterações cognitivas, emocionais, sociais e espirituais que surgem em decor-

rência das perdas simbólicas e concretas, bem como para o sofrimento causado pela ruptura antecipada do vínculo e da relação diária com o familiar em processo de adoecimento crônico (KÓVACS, 1992, RANDO, 2000 apud BARROCA, LIMA, SALES, 2019).

Quando a morte visita, provoca mudanças bruscas ensejando uma crise existencial que demanda recursos psíquicos próprios para uma reorganização do mundo interno, com o objetivo de lidar com as dificuldades decorrentes do rompimento e da ausência do vínculo afetivo com a pessoa amada. Essa crise existencial acentua-se no processo do luto antecipatório pelo adoecimento repentino e crônico prolongado, ocorrendo uma separação e um desligamento afetivo anterior à morte propriamente dita, o que leva à necessidade de elaboração do luto anterior à morte. Vive-se uma perda antecipada pela impossibilidade de cura do ente querido e, desta forma, o indivíduo é obrigado a viver diariamente a possibilidade da morte iminente. Até a aceitação da realidade, por ocasião do adoecimento crônico, o indivíduo é tomado pelo medo da morte e pelo desespero, ambos associados a comportamentos como crises de choro, ansiedade, angústia, insônia, desânimo, tristeza profunda, comprometendo a sua saúde mental.

Segundo Kóvacs (1992, apud SANTOS; YAMAMOTO, CUSTODIO 2017), com o luto antecipatório, o indivíduo passa pela dor e pelo sofrimento da morte do outro antes mesmo da morte real, acontecendo o prematuro rompimento do vínculo por ocasião do adoecimento crônico. Instaura-se, inicialmente, a partir da vivência pessoal da autora, o medo da morte de quem se ama para, em seguida, viver a impotência de não poder mudar a impossibilidade da cura (cronicidade e irreversibilidade da doença), como também de não poder encontrar formas para amenizar o sofrimento do parente adoecido, ao lado de ter que experimentar também o sofrimento relacionado a sensação presente da morte iminente do ente querido.

Além do sofrimento pela ameaça da proximidade da morte, testemunha-se a situação irreversível das perdas simbólicas e concretas junto ao ente querido. Presencia-se a morte diária, em vida do seu parente querido, no caso a mãe, de quem não mais se alimenta, não fala e apenas olha com um

olhar resignado e perdido, comunicando-se exclusivamente através de apertos de mão. Vivencia-se a angústia de sentir o sofrimento daquele que ama, sofrendo principalmente em vê-lo sofrer. Essa impotência diária e a falta de perspectiva transformam-se em esgotamento físico e mental, podendo por isso, o enlutado chegar a desejar o descanso eterno do ente querido para poupá-lo de tanto sofrimento. Nesse momento, o enlutado cansado, esgotado, sem energia, é também invadido por sentimento de culpa, situação ambivalente que tende a roubar muita energia psíquica do mesmo.

O indivíduo exaustivamente cansado devido ao caos vivido no luto antecipatório, e, a cada dia, sentindo-se fragilizado pela situação vive uma dor intensa e um desamparo sem fim, com uma sensação de incapacidade de lidar com esse sofrimento existencial. No caso, precisa ser acolhido e cuidado para que a sua dor tenha voz. Somente quando ele sentir que está amparado e em segurança, bem como que a sua alma é testemunhada e ouvida sob uma reverência profunda, é que o seu sofrimento poderá ser validado, incorporado e integrado como parte de si, sendo reconhecido (SOUZA, 2016). Nesse momento, vislumbra-se a possibilidade da travessia em companhia, seja de um amigo, de um familiar ou de um terapeuta.

É nesta visão fenomenológica, holística e integrada que se dá a ética da atenção e do cuidado do processo de luto em Gestalt-terapia. Segundo Fukumitsu (2012), o luto, por não ser uma doença, não precisa ser curado, pois é um estado de travessia que precisa ser apoiado pelo terapeuta. “Apenas somos chamados a reconhecer e testemunhar a dor, a ouvir e estar presente. Não consertar. Uma reverência profunda à alma de alguém em sofrimento”. E esse respeito e companheirismo reforçam os únicos recursos da alma que podem ajudar quem sofre a passar por isso (DEVINE, p.2021, p.200). Acrescenta Karina (2012) que o terapeuta deve oferecer o tempo necessário para que a dor do enlutado seja aceita e também para que ele possa sobreviver apesar dessa dor, reconstruindo a sua fé na vida.

Dentro desta visão gestáltica, Nucci (2021, p.40) aduz que, como cuidador, o terapeuta prioriza “o respeito às dores e aos sofrimentos, aos princípios e a dignidade

da pessoa humana - sendo esse ser singular com sua própria história”, devendo “esse cuidado enfatizar a solidariedade e compaixão afetiva onde o sofrimento da pessoa humana é soberano” (MATSUMOTO, 2012 apud NUCCI, 2021, p.41).

O cuidado, além de humanizado, tem que ser multidisciplinar. Infelizmente, segundo o relato e vivência da própria autora, os planos de saúde e suas equipes de profissionais que cuidam do doente em casa (*homecare*) ainda não dão o suporte necessário ao doente e aos seus familiares, desconsiderando, assim, as várias dimensões do ser humano (física, psíquica, social e espiritual). O olhar do cuidado do *homecare* volta-se principalmente para os cuidados físicos, com o objetivo de prolongar, proteger e preservar a vida humana, deixando de lado a qualidade do processo do morrer e o suporte ao sofrimento existencial vivido tanto pelo doente quanto pelos familiares. Segundo Pessini (2018), deixa-se de lado a pessoa humana como um todo e o seu sofrimento existencial, esquecendo que esse sofrimento é muito mais complexo, pois não se resume somente aos cuidados físicos.

A ausência do cuidado integral foi experienciada no contexto vivido pela autora deste estudo que, vivendo o luto antecipatório de sua mãe, por diversas vezes, buscou suporte da equipe do *homecare*, mas não teve o apoio necessário para minimizar o seu sofrimento e as suas angústias relacionadas ao cuidado com o ente querido. Além disso, como enlutada, também não teve qualquer suporte para lidar com as dificuldades relacionadas ao manejo com os diferentes familiares, considerando suas diversas formas de olhar e de cuidar, as quais impactaram no não atendimento às reais necessidades do doente.

Diante das necessidades não atendidas e expostas acima, e em decorrência da falta de um cuidado mais humanizado e integral no processo de luto antecipatório, ressalta-se que o psicólogo Gestalt terapeuta deve se inserir na equipe multidisciplinar, atuando nos processos paliativos necessários junto aos pacientes e aos familiares em sua própria casa ou mesmo no ambiente hospitalar.

No enfrentamento da doença e do luto antecipatório, segundo Figueiredo (2016),

as intervenções realizadas pelos profissionais de saúde durante o processo junto ao doente e aos familiares podem não só prevenir problemas no luto pós-morte como também criar facilitadores para o enlutado administrar melhor a crise existencial que vivencia, favorecendo, numa perspectiva gestáltica, a sua autorregulação nesse processo e o seu ajustamento criativo posterior relacionado à elaboração do pós-morte.

Acrescenta Fonseca (2004, apud FIGUEIREDO, 2016) que é na fase do luto antecipatório que se pode preparar para a morte que se avizinha, e isso só se torna possível quando se têm o suporte e uma rede de apoio necessários para oferecer amor, atenção e cuidado ao parente terminal. O terapeuta gestáltico, assim, deve ocupar o lugar de anfitrião e de porto seguro ao enlutado, com escuta atenta e amorosa para que ele amplie a *awareness* do que está sendo vivido, da sua própria dor e da desorganização do momento presente, de modo que se torne capaz, através da autorregulação organísmica, de buscar conscientemente forças e recursos próprios para continuar a sua caminhada sem o seu familiar (BIANCHI; CAMPS 2020).

Conclui-se, com a citação de Devine (2021, p. 207) em seu livro “Tudo bem não estar tudo bem”, levando em consideração o luto e a perda em um mundo que não aceita o sofrimento: “Quanto maior a dor do enlutado mais precisamos prestar serviço e apoiar, demonstrando curiosidade genuína e sensibilidade para o que a pessoa necessita”. A médica geriatra Ana Cláudia Arantes, citada por Figueiredo (2016), reforça que, quando se vive o luto antecipatório de forma mais satisfatória e com uma rede de apoio adequada, o processo de luto pós-morte será menos sofrido e mais saudável.

CONCLUSÃO

A vivência do luto antecipatório demanda por parte do indivíduo grande gasto de energia psíquica para o enfrentamento da possibilidade da morte de um ente querido. Sentimentos ambivalentes, ansiedade, tristeza profunda e grande desesperança o impedem o enlutado de dar continuidade à sua rotina diária. Além do sofrimento do seu ente querido, deve encarar o seu próprio sofrimento diante da proximidade da morte de quem ama.

É um momento de muita vulnerabilidade para o enlutado que vivencia o luto antecipatório, logo, demanda um suporte terapêutico e uma rede de apoio que possam oportunizar um cuidado holístico e integral que abra espaço para uma escuta humanizada e respeitosa, na qual possa expressar seus medos e incertezas frente à finitude de quem ama. O processo do luto antecipatório, numa perspectiva gestáltica, caracteriza-se como uma crise existencial e, por isso, propõe-se que o terapeuta ofereça uma compreensão para o sofrimento do indivíduo, acolhendo-o e validando-o por sua individualidade e por sua singularidade. Como o luto é uma crise existencial, é preciso apoio, presença e compaixão afetiva para que a dor do enlutado seja reconhecida e aceita.

Segundo a Gestalt-terapia, no momento em que o enlutado entra em contato com sua dor e com seus sentimentos, ocorre a ampliação da *awareness* acerca desse sofrimento, conscientizando-se das implicações para a sua existência no agora. E quando afirma esse sofrimento para si, este aceita a realidade da perda e a integra em sua vida, encontrando forças e recursos próprios através da autorregulação organísmica, a qual possibilita reorganizar sua existência, agora confusa e repleta de gestalten inacabadas. O caos existencial provocado pelo luto antecipatório precisa de um fechamento e de um ajustamento para que o enlutado possa dar conta do desequilíbrio causado em sua vida. A Gestalt-terapia, assim, propõe a ética da atenção e o cuidado humanizado como elementos facilitadores da reconstrução e da recuperação da homeostase do indivíduo.

O luto é, portanto, um estado de travessia onde se faz necessário um enfrentamen-

to pessoal, o qual deve ser acompanhado pelos profissionais de saúde. No caso do luto antecipatório, tanto o suporte quanto o cuidado devem se voltar não apenas para o doente em sua integralidade, considerando todas as suas dimensões físicas, psicológicas, sociais e espirituais, mas também para os familiares que vivenciam esse luto.

Considerando o caráter prolongado do luto antecipatório, a cronicidade da doença do ente querido e a terminalidade da vida que se aproxima, o Gestalt terapeuta deve estar inserido na equipe multidisciplinar, testemunhando e acolhendo a dor e o sofrimento de todos os envolvidos no processo do luto, bem como atuando nos processos paliativos necessários para minimizar o sofrimento do enlutado e do doente terminal, oferecendo também intervenções durante todo o processo, no qual todos possam se preparar melhor para a dor e para a saudade.

Este estudo conclui, destarte, pela importância de uma rede de apoio solidária no luto antecipatório, caracterizada por um cuidado multidisciplinar, reflexivo mas necessariamente ético e humanizado, rico em reconhecimento, contatos humanos, companheirismo e conexão.

REFERÊNCIAS

- BARROCA, Amanda M. do N.; LIMA, Nayara G. de M.; SALES, Roberto L. Luto antecipatório à luz da Gestalt-terapia. **Revista Psicologia & Saberes**. vol. 8, n.12, 2019.
- BIANCHI, Daniela P. B.; CAMPS, Patrícia B. Luto e enfrentamento na contemporaneidade. In: MARRAS, Margaret (org). **Angústias Contemporâneas e Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2020.
- DEVINE, Megan. **Tudo bem não estar tudo bem**. Vivendo o luto e a perda em um mundo que não aceita o sofrimento. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.
- FIGUEIREDO, Fernanda F. **Luto antecipatório**- o ensaio sobre a morte. Disponível em vamosfalarsobreluto.com.br, 2016.
- FRANCO, Maria Helena P. Luto em cuidados paliativos. In: Conselho Regional de Medicina do estado de São Paulo (org). **Cuidados paliativos. Cadernos Cremesp**. São Paulo, pp 559-570, 2009.
- FREITAS, Joanneliese de L. **Experiência de adoecimento e morte**. Diálogos entre a pesquisa e a Gestalt-terapia. Curitiba: Juruá, 2010.
- FUKUMITSU, Karina O. **Perdas no desenvolvimento humano**: um estudo fenomenológico. São Paulo: Digital Publish & Print Editora, 2012.
- MARTINS, Marize; LIMA, Patricia V.de A. Contribuições da Gestalt-terapia no enfrentamento das perdas e da morte. **IGT rede** (on line), vol.11, n.20, pp.01-32, 2014.
- MORAES, Maria Cândida; LA TORRE, Saturnino. **Sentipensar**: fundamentos e estratégias para reencantar a educação. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2018.
- NUCCI, Nely Aparecida G.; O fim de uma ilusão. In: FUKUMITSU Karina O. (org). **Educação para a morte**. São Paulo: Phorte, 2021.
- PESSINI, Leo. Espiritualidade, Finitude Humana, Medicina e Cuidados paliativos. In: FUKUMITSU, Karina O.; **Vida, Morte e Luto**. São Paulo: Summus, 2018.
- SANTOS, Renato C.; YAMAMOTO, Yuri M.; CUSTÓDIO, Lucas Matheus G.; Aspectos teóricos sobre o processo de luto e a vivência do luto antecipatório. **Psicologia. PT (o portal dos psicólogos)**. [Facebook.com/psicologia.pt](https://www.facebook.com/psicologia.pt), 2017.
- SOUZA, Luiza Eridan E.M. de. O processo de luto na abordagem gestáltica: contato e afastamento, destruição e assimilação. **IGT rede**. vol.13, n.25, pp 253-272, 2016.

A revista eletrônica FLUIR é um veículo de comunicação do Centro Gestáltico de Fortaleza com a comunidade gestáltica, acadêmica e social-comunitária. É espaço de divulgação de trabalhos científicos, e reflexões afins, aberto aos professores formadores, aos alunos das formações do CGF e demais sujeitos parceiros. As opiniões emitidas nos trabalhos aqui publicados, bem como a exatidão e adequação das referências bibliográficas são de exclusiva responsabilidade dos autores, portanto podem não expressar o pensamento dos editores. A reprodução do conteúdo desta publicação poderá ocorrer desde que citada a fonte.



SOFRIMENTO EXISTENCIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID -19: POSSIBILIDADES DE TRANSFORMAÇÃO À LUZ DA GESTALT-TERAPIA

Leônia Maria Santiago Cavalcante¹
Liane Maria Santiago Cavalcante Araújo²

RESUMO:

Em tempo de pandemia, a relação homem-ambiente sofreu bruscas alterações, principalmente com foco na sobrevivência. Diante disso, observa-se a interação entre o sofrimento existencial vivido na pandemia de Covid-19 e a quebra das continuidades presentes na existência humana. Nessa medida, propõe-se a analisar as possibilidades de enfrentamento criativo do sofrimento humano à luz da Gestalt-terapia, considerando as características que fundamentam essa abordagem (existencialismo, fenomenologia e teoria de campo). A relevância da pesquisa decorre da necessidade de reflexão/compreensão dos novos desafios impostos ao cuidado, em meio à travessia da pandemia, inerentes à clínica gestáltica. Trata-se de pesquisa documental e bibliográfica, realizada no campo teórico, com abordagem qualitativa; e no campo empírico, por meio do uso da técnica snowball, que investiga os estressores comuns a partir dos vinte relatos obtidos, que remetem às vivências singulares das descontinuidades no cotidiano durante a pandemia. Em sede de resultado, concluiu-se que a especificidade do cuidado na clínica gestáltica viabiliza um espaço de encontro existencial/fenomenológico dialógico, sagrado e experiencial, favorável à ressignificação e à reorganização do sofrimento vivido. Destaca-se, ainda, a necessidade de uma clínica gestáltica ampliada, diante da complexidade da crise individual e coletiva inaugurada, para que se possa produzir um cuidado pós pandêmico integral, mediante um diálogo que favoreça a integração das dimensões interventivas das áreas pessoal, familiar, educacional, social, institucional e ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: Gestalt-terapia; Pandemia; Continuidades; Sofrimento; Cuidado.

¹ Psicóloga graduada pela Universidade Federal do Ceará – UFC (1985). Psicopedagoga pela Unichristus (2003). Avaliação psicológica interventiva na saúde e educação pela UFC (2005). Mestre em Administração de RH pela UFC (2009). Gestalt-terapeuta pelo Centro Gestáltico de Fortaleza (2021).

² Estágio Pós-Doutoral em Direito Constitucional na Universidade de Fortaleza. Doutora e Mestre em Direito Constitucional pela Universidade de Fortaleza. Especialista em Direito Processual: Grandes Transformações pela UNISUL (2009). Segunda líder do Grupo de Pesquisa GEPEDI/UNIFOR e pesquisadora do Grupo REPJAAL/UNIFOR, ambos da Universidade de Fortaleza

INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19 se caracteriza por ser uma crise sanitária mundial e coletiva que veio impactar o espaço coletivo de convivência e de trocas econômicas, políticas e sociais no século XXI. A experiência individual e subjetiva, bem como a experiência relacional do ser humano consigo, com o outro e com o mundo foi afetada com impacto na forma humana de viver, conviver e trabalhar. Assim, a condição de sujeito existencial precisou sofrer adaptações para dar lugar a formas de enfrentamento a essa ameaça invisível e real em busca da sobrevivência dos indivíduos.

Mudanças foram impostas no convívio diário, nos diferentes contextos familiares, laborais e sociais diante da iminência do contágio e do medo da morte em decorrência da letalidade do vírus. O isolamento e o distanciamento social tornaram-se medidas necessárias para reduzir o número de infectados frente ao cenário pandêmico caracterizado pelo aumento do número de mortos a cada dia.

O medo de contaminar pessoas queridas, ao lado do medo de ser contaminado por esse vírus inimigo, de comportamento ainda desconhecido, provocou ansiedade, estresse e insegurança na população, acentuados pela falta de suporte e amparo devido ao sistema brasileiro de saúde precário e inoperante e à ausência de uma liderança política capaz de dar apoio terapêutico e proteção sanitária necessárias às urgentes demandas físicas, emocionais, sociais e econômicas inerentes à conjuntura pandêmica. A política do Governo Federal e as atitudes do Presidente em exercício em tempos de pandemia, ao desprestigiar a Ciência e não respeitar as orientações da Organização Mundial de Saúde – OMS, assim como as determinações e informações ambíguas/conflitantes do Ministério da Saúde, ensejaram nos brasileiros comportamentos não alinhados à necessidade de prevenção. Tudo isso favoreceu desequilíbrios em âmbito nacional nas formas de enfrentamento à pandemia.

Diante desse cenário, e segundo a visão do existencialismo, da fenomenologia e da teoria do campo, propõe-se, por meio do presente artigo, responder à seguinte questão de pesquisa: em que medida a

Gestalt-terapia, em sua abordagem holística, favorece o reconhecimento dos desafios e das especificidades do cuidado terapêutico necessários para dar suporte a uma resignificação do sofrimento existencial vivido durante a pandemia? Trata-se de uma pesquisa documental e bibliográfica, realizada no campo teórico e empírico, por meio da técnica snowball, com suporte nas ferramentas interativas sociais, a partir do seguinte questionamento: o que mais impactou você na pandemia? O que mais fez você sofrer?

A relevância da temática reside na importância de pensar os prejuízos causados pela pandemia não apenas à saúde física, mas também à saúde mental diante da privação prolongada de comportamentos sociais imposta aos sujeitos em tempos de isolamento como medida de evitar a propagação do vírus SARS-CoV-2 (vírus da família do coronavírus, causador da doença Covid-19). Parte-se da hipótese de que a pandemia interferiu de forma abrupta na condição material de existência humana, rompendo o equilíbrio das relações no campo organismo-meio.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A NATUREZA DO SOFRIMENTO HUMANO INDIVIDUAL E COLETIVO VIVENCIADO DURANTE A PANDEMIA

A pandemia de Covid-19 desencadeou uma contínua exposição à quebra das continuidades na materialidade da vida a fim de manter a sobrevivência, o que decorreu da necessidade de buscar uma proteção estabelecida/incerta para assegurar a não contaminação/propagação do vírus. Com isso, provocou não só sintomas físicos, mas diferentes formas de sofrimentos existenciais/psicossomáticos em razão do esvaziamento da vida e de sentido provocados pelo isolamento social (BIRMAN, 2020). Não se trata apenas de uma vivência de descontinuidade, mas de ameaça constante diante da exposição contínua a fatores estressores como incertezas, inseguranças, perdas e luto, que impactaram as vulnerabilidades física e emocional humanas.

Segundo Brito (2020, p. 17), tais evidên-

cias caracterizam a Pandemia como um “trauma coletivo” com características de trauma da gota d’água, caracterizado como “situações que em si não se constituem como traumáticas, mas a contínua exposição às mesmas ou a um mesmo padrão de situações mina as defesas e tornam-se uma situação ou contexto traumático”, o que demanda um esforço/ajustamento para recuperar a homeostase.

Na perspectiva de Aharonson (2020, apud BRITO, 2020), no contexto pandêmico viveu-se a ruptura de quatro continuidades que foram abaladas na vida cotidiana, rompendo com a ilusão do controle e da continuidade, a saber: continuidade cognitiva, continuidade de papéis, continuidade social/interpessoal e continuidade histórico-pessoal. Portanto, as quebras dessas continuidades moldaram o sofrimento humano vivenciado na pandemia, de modo que essas provocaram o rompimento do cotidiano, desorganizando significados e sentidos da história individual e coletiva.

A dinâmica familiar foi impactada com ensino e trabalho remotos, bem como com a ausência da mão de obra assalariada doméstica, modificando a rotina das atividades do lar e os projetos familiares. O campo familiar precisou se autorregular para dar conta das interrupções de contato, do medo, da insegurança, do cansaço e do mal-estar experienciados. Foi preciso organizar e cuidar dos vínculos familiares e da educação dos filhos frente às novas demandas exigidas pelo isolamento social (YANO; GOMES, 2020).

A sensação de incerteza e insegurança quanto ao futuro, nas áreas sanitária, econômica, profissional, social e política, foi potencializada pelo medo diante dos riscos envolvidos e por fatores estressantes como o crescente número de mortes diárias, desemprego, violência familiar, divórcios, suicídios, abuso de álcool e drogas e todo tipo de estresse pós-traumático. Tudo isso foi acentuado pelo contexto inseguro de acolhimento e a ambiguidade das informações quanto à eficácia dos cuidados médicos e terapêuticos necessários.

Nessa conjuntura, acrescenta-se a angústia e o estresse (*burnout*) vividos pelos profissionais de saúde por sua exposição constante ao vírus, mas também pela alta

demanda epidemiológica em busca de proteção sanitária e terapêutica da população, o que acarretou em notória sobrecarga de trabalho. Todas as áreas profissionais foram afetadas na medida em que ocorreu a virtualização massiva das relações de trabalho, com demandas de novas posturas/competências profissionais a serem mobilizadas. Enquanto isso, houve um crescente aumento de demissões e a precarização das condições/relações de trabalho, o que resultou em sentimentos de desvalorização por parte dos trabalhadores (ANDRADE, 2021). Diante desse cenário impactante e traumático, foi necessário um ajustamento diário na esfera pessoal e profissional dos trabalhadores.

Segundo Birman (2020) as diversas reações adaptativas apresentadas encontram-se relacionadas, também, às características singulares dos sujeitos, como idade, existência de comorbidade, condições econômicas, dimensão psíquica, social e familiar, fatores que interferem no mecanismo individual de autorregulação no campo organismo-meio e na homeostase esperada para a assimilação dessa experiência de grande potencial desorganizador para o psiquismo humano. O sofrimento individual revela, assim, as singularidades psíquicas intrincadas com a vulnerabilidade biológica, as experiências individuais e a interferência da situação ambiental, que no momento da pandemia caracterizou-se como absolutamente desfavorável (MARI, 2020).

Para Andrade (2021) a pandemia desvelou a desigualdade social no Brasil, desigualdade essa que também ocasionou diferentes impactos da pandemia na vida dos familiares, estudantes e trabalhadores no contato com as dificuldades vivenciadas. Muitas famílias com baixo poder aquisitivo, que dependiam do trabalho autônomo, ficaram sem renda para sobreviver. Estudantes da rede pública, sem acesso à internet, ficaram impossibilitados de acompanhar o ensino remoto. Todos os sujeitos foram impactados com a pandemia, mas não na mesma medida e intensidade. A população mais vulnerável teve sua própria sobrevivência afetada. Nessa medida, a adaptação ao cenário dependeu de uma ajuda financeira do Governo para satisfazer necessidades básicas.

Pesquisas desenvolvidas em Fortaleza, no Estado do Ceará, Brasil, mostram os da-

nos reais da pandemia de Covid-19 à saúde mental do cearense. Matias Carvalho Aguiar Melo, médico psiquiatra do Hospital de Saúde Mental Professor Frota Pinto, em Fortaleza, relata o aumento de casos de depressão e ansiedade e identifica, como causas possíveis, o isolamento social, o medo de morrer e contaminar parentes, o desemprego, a solidão, as incertezas, as mudanças de rotina, os impactos financeiros e as perdas físicas e emocionais (SERPA, 2022). Segundo o psiquiatra (SERPA, 2022), pesquisas estimam uma elevação de 25% de transtornos afetivos e ansiosos durante a pandemia. Sintomas emocionais como insônia, nervosismo, preocupação excessiva, medo constante de se contaminar, dificuldade de concentração, medo de sair de casa, obsessões por limpeza, refúgios de tela (celulares, computadores etc.), compulsão por alimentação, uso de álcool e drogas, ao lado de sintomas físicos como náuseas, tontura, falta de ar, tensão muscular, irritabilidade, taquicardia e fadiga, têm sido queixas frequentes.

Na mesma linha, Danyelle Rolim Carvalho (COSTA; NASCIMENTO, 2021), também psiquiatra do Hospital de Saúde Mental Professor Frota Pinto, em Fortaleza, relata que os transtornos mentais preexistentes foram todos agravados nesse cenário de pandemia. Além da depressão, transtornos de ansiedade/pânico, transtornos obsessivos compulsivos e transtorno de estresse pós-traumático tornaram-se comuns após o internamento, a intubação e a perda de entes queridos.

Nessa medida, Birman (2020 apud ABUD, 2021) pontua que os seres humanos vivem, com a pandemia, um quadro de neurose traumática coletiva, uma crise humanitária que encontra similaridades nos períodos de guerra, nos quais a espécie humana está em risco na medida em que são expostos a um trauma de dimensão coletiva, acarretando inúmeras perturbações psíquicas no campo da saúde mental em decorrência das perdas simbólicas, humanas e materiais, determinando sentimentos de medo constante, luto, desamparo, melancolia e angústia. Diante disso, é preciso refletir acerca do suporte a ser oferecido a esses sujeitos frente ao reconhecimento dos desafios e dos cuidados necessários a partir da visão do existencialismo, da fenomenologia e da teoria do campo, características da Gestalt-terapia.

CONTRIBUIÇÕES DA GESTALT-TERAPIA PARA A RESSIGNIFICAÇÃO DO SOFRIMENTO VIVIDO NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Para Cardoso (2019, p. 76), a Gestalt-terapia, “em sua fundamentação antropológica compreende o homem como um ser de possibilidades, dotado de liberdade para escolher sua essência a cada instante, consumando, assim, seu projeto de vida e de ser-no-mundo”. Nesse contexto, os pressupostos do existencialismo que fundamentam a visão do homem em Gestalt-terapia, tornando-os responsáveis por suas escolhas ficou comprometida no momento da pandemia, sendo a existência humana obrigada a obedecer a condições do campo distintas por necessidade de sobrevivência.

Embora o campo não seja determinante, é notório que constitui, para Horta (2021), uma força que afeta a pessoa como um todo. Portanto, a experiência do isolamento social impôs limitações ao contato presencial e trouxe impactos no cotidiano, determinando adequações da relação com o meio e vice-versa. Na visão de Bianchi e Campos (2020), vive-se uma experiência de luto e urge a necessidade de o indivíduo encontrar formas de adaptação para que possa se reorientar no mundo, que parece ter perdido significado.

A partir dessa noção do campo organismo-ambiente adotada pela abordagem gestáltica houve uma mudança nos conceitos de saúde e doença, “quando todo e qualquer sintoma é uma tentativa primeira de adaptação do organismo diante das prioridades que este discrimina no seu momento atual e a busca de atender a elas da melhor forma possível, na negociação necessária com as condições existentes no meio” (LIMA, 2013, p. 153). Em consonância com essa visão, o sofrimento existencial vivido por ocasião da pandemia é fruto de uma tentativa de ajustamento criativo frente a essa situação difícil, como um fenômeno que emerge, nesse campo, na fronteira de contato entre organismo-ambiente.

CARACTERIZAÇÕES DO SOFRIMENTO EXISTENCIAL EM UMA PERSPECTIVA GESTÁLTICA HOLÍSTICA/DE CAMPO E FENOMENOLÓGICA/EXISTENCIAL

De acordo com Francesetti (2021), o sofrimento emerge na fronteira de contato e, dessa forma, não é a pessoa quem sofre, mas a relação entre ela e o mundo (tudo acontece no entre) e, portanto, o sofrimento emerge no aqui e agora do encontro, sendo cocriado na relação e não como um evento dentro do paciente. Acrescenta Francesetti (2021, p. 58-64), então, que o sofrimento é “uma experiência fenomenológica, de campo, situacional, encarnada, intencional, estética, experiencial e existencial que busca outra carne para poder vir à luz e atravessar os vestígios da experiência não vivida, para assimilá-la”. Dessa forma, “todo sofrimento traz pistas do seu sentido buscando ser captado na relação através dos sentidos, sendo também dimensional, pelo sofrimento se situar ao longo de um continuum saúde-doença, não permitindo enquadres ou categorias para defini-lo” (FRANCESETTI, 2013 apud CARDOSO, 2019, p. 94).

Peixoto (2018) reforça que, portanto, a abordagem gestáltica pensa o sofrimento humano como um acontecimento da fronteira de contato, saindo da perspectiva que situa o indivíduo como vítima para voltar-se à compreensão do indivíduo no campo organismo-ambiente, quando afeta e é afetado pelo mundo que lhe cerca. Nesse caso, o sofrimento é um fenômeno do campo e efeito da composição dos contatos entre organismo-ambiente, indivíduo-meio e pessoas-situações. Diante disso, interessa saber, segundo Peixoto (2018, p. 224), “como se dá a superfície contatual que se constrói com a situação e com as pessoas, formas-superfícies onde são inscritas as histórias das relações, formas de afetos, sensibilidades, desejos, sonhos que serão os temperos da forma-qualidade dos processos contatuais nascentes” (compondo formas-de-contato-vitais, saudáveis ou formas-de-contato-cristais, rígidas).

Na situação pandêmica existe uma tentativa criativa de autorregulação situacional, porém, essa dança contatual composicional nasce não só da situação, mas sofre influências de fundo de outras experiências vividas pelo sujeito que são tocadas, o que produz,

muitas vezes, na interação com o meio, formas de contato desatualizadas, cristais que tecem inadequações ou sofrimentos que se expressam por uma falta de ajustamento às mudanças impostas pelo campo atual (PEIXOTO, 2018).

Como não sofrer diante de uma situação traumática como essa? As dimensões existenciais fundantes da essência humana foram todas roubadas por essa crise compulsória. A forma de viver a espacialidade e a temporalidade foi cerceada, assim como o próprio direito de ir e vir e de livre circulação pelo mundo. Nessa medida, e com a virtualização da alteridade, o acesso ao corpo do outro através da mediação da tecnologia inviabiliza, inclusive, a psicoterapia presencial face a face, olho no olho, corpo a corpo, a própria vivência da relação terapêutica presencial. “Não houve tempo para possíveis adaptações, ou seja, não tivemos escolhas nem para criação de formas pessoais dialéticas de enfrentamento” (MELO, 2021, p. 12).

Surge, assim, a angústia, o medo e um vazio frente às mudanças impostas pelo exílio forçado e diante da falta de controle do devir. Desta forma, Peixoto (2020, p.153) refere que mesmo com a tentativa de reparar essa falta de contato e de afetos presenciais com o uso das novas tecnologias e das redes sociais, “a ausência da experiência do contato vivo, sem estado de presença” não sustenta os sistemas de referência afetivo-sociais que costumavam compor o território de vida humana. Observa, desta feita, que os ambientes virtuais não constituem ambientalidades afetivas substitutivas do contato presencial, dado o caráter do ser coexistencial que caracteriza o ser humano (PEIXOTO, 2018, 2020).

Refere Francesetti (2021) que o sofrimento nasce e transforma-se na relação, possibilitando ao terapeuta apoiar essas transformações. Para os Gestalt terapeutas, mantém-se o desafio de dar suporte e cuidado terapêutico para essa travessia, cientes de que a clínica gestáltica entende que a saúde não pode ser compreendida sem pensar a dor e o sofrimento inerentes à vida. Ao contrário, parte do reconhecimento de que viver é uma caminhada complexa e multifatorial, na qual essa experiência sofre a influência das forças do campo e do fundo vivido individual em relação.

A CLÍNICA GESTÁLTICA COMO ESPAÇO DE ENCONTRO EXISTENCIAL, DIALÓGICO, SAGRADO E EXPERIENCIAL: FORMAS DE CUIDADO E POSSIBILIDADES DE RESSIGNIFICAÇÃO E REORGANIZAÇÃO DO SOFRIMENTO VIVIDO EM TEMPOS DE PANDEMIA

A clínica gestáltica tem hoje, segundo Peixoto (2020), uma grande preocupação diante do sofrimento existencial vivenciado na pandemia, buscando, por isso, promover ações de cuidados de produção de ambientais afetivas e políticas de vida, com potencialidades de reconstrução do campo existencial pandêmico desvitalizador e sequestrador de contatos e de projetos de vida.

Na pandemia, segundo PHG (1997, apud SCHILLINGS, 2022, p. 23), devido aos impedimentos na fluidez do contato, o organismo recorreu “à supressão de sua própria *awareness*, retraindo-se do contato”, pois esse torna-se perigoso e ameaçador por os indivíduos estarem atravessados de gestalts inacabadas (inseguranças, angústias, medos), que sobrecarregam a fronteira de contato e o contato presente de qualidade. Nesse caso, não ocorre a fluidez da formação figura-fundo, impedida pelo indivíduo por não poder mobilizar agora os contatos sensorial, motor, emocional e cognitivo necessários à *awareness* e à mudança. Então, novos significados deixam de ser construídos e suas necessidades atuais tornam-se desatualizadas.

Francesetti (2021) diz que o sofrimento existencial e a dor são fruto de experiências não atravessadas e não assimiladas, quando o passado, não sendo passado, se presentifica, muitas vezes, por falta de apoio relacional e existencial para atravessá-las e assimilá-las. Logo, o que não pode ser superado ou atravessado aparece em forma de sintomas, um tipo especial de adaptação, porém, cristalizado, um ajustamento disfuncional em busca de equilíbrio. Assim, Silveira (2020) entende que o adoecimento humano é uma possibilidade de ajustamento disfuncional ao qual o organismo recorre e, por isso, a Gestalt-terapia propõe a ampliação da *awareness* para transformar os atos

que adoecem em um caminho que conduz à saúde.

Os Gestalt-terapeutas, por meio da relação terapêutica e do acolhimento do sofrimento no aqui e agora dessa relação, assumem o desafio de tornar o sofrimento existencial da pandemia uma passagem ou travessia. Essa travessia acontece quando o indivíduo é acolhido para que sua história se revele e se atualize, pois, ao ser ouvida e vista, torna-se possível a conscientização e integração dos fragmentos alienados, com o preenchimento dos sentidos que não estiveram presentes (FONSECA, 2020; SCHILLINGS, 2022). Nessa medida, no encontro dialógico e autêntico terapeuta-cliente, no espaço do “entre”, é possível sair da cultura do “sobre” e produzir sentidos através desse espaço de criação e de esperança, em companhia capaz de sustentar esse processo de ressignificação.

Para Cardella (2020, p. 110), “como o sofrimento é fenômeno do campo, é relacional, acontece nos desencontros vividos e nos encontros não acontecidos”, de modo que cabe ao terapeuta oferecer a morada para a experiência da falta do cliente, por meio de uma presença autêntica, ao confirmar suas vivências e aceitá-lo em sua totalidade, de forma respeitosa, com compaixão e sem julgamentos. Com isso, favorece um lugar seguro para o contato pleno através de uma comunicação genuína e entrega no entre.

CARDOSO (2013) reforça a perspectiva buberiana sobre o espaço do inter-humano na relação terapêutica, que é possibilitado pelos princípios dialógicos de inclusão, confirmação, presença e entrega. Nessa linha, e diante desse caráter dialógico, a relação vai além de uma relação profissional e técnica, de modo a favorecer a qualidade do encontro e do processo de experimentação em segurança. A partir desse lugar seguro, construído por esse contato e diálogo autênticos, o paciente se abre para contatar sentimentos, sensações e experiências que foram evitadas, ensejando a ampliação da consciência da própria experiência antes negada em razão da falta de autossuporte para lidar com a situação vivida de forma mais criativa e saudável. Ribeiro (2019) assinala, ainda na visão de Buber, as atitudes necessárias ao terapeuta para que o diálogo autêntico e o contato pleno terapeuta-cliente possam acontecer no *setting* terapêutico, são elas:

abertura, reciprocidade, experiência imediata e responsabilidade compartilhada. É esse contato pleno no “entre”, o “fazer com”, que facilita a expressão autêntica do cliente e a presentificação da experiência (PHG, 1997, apud CARDOSO, 2013).

Cabe ao terapeuta fomentar o contato do paciente com a totalidade experienciada e as múltiplas dimensões que o constituem, com a historicidade em interdependência com pensamentos, sentimentos e sensações, em perfeita interação com os outros e com o mundo que coexiste agora. Esse cuidado, segundo Burow e Scherpp (1985), chama a atenção para a experiência atual e presente, de modo que o passado, suas percepções evitadas (defesas) e o futuro conquistem espaço no *setting* terapêutico à medida que atuam sobre o presente. No caso, as necessidades atuais ganham espaço no aqui e agora do espaço terapêutico.

A partir do que emerge no *setting* terapêutico, o terapeuta gestáltico pode propor ao paciente experimentos diversos que mobilizem suas funções de contatos no aqui e agora do contato com suas sensações corporais, reestabelecendo o *continuum da awareness* por meio da corporeidade, que, para Alvim (2014b), produz um saber imediato da experiência que integra contato, sentimento, excitação e formação de gestalts no campo atual. Nesse contexto de segurança do *setting* terapêutico, reforça Cardoso (2020), o indivíduo se permite deixar vir as gestalts abertas, explorando, assim, sensações, sentimentos e crenças de sua experiência de forma mais descritiva e integrada, fortalecendo seu autossuporte para enfrentar a crise atual.

O terapeuta gestáltico, centrado no caráter dialógico e experiencial da relação terapeuta-cliente, não coloca limites à fantasia e à criatividade no espaço terapêutico. Está sempre voltado a experimentos e usos de recursos criativos diversos que possibilitem o desprendimento criativo para o aprendizado do cliente no *setting* terapêutico, estimulando a fluidez do processo de consciência por meio da intercorporeidade, que acontece somente através do engajamento corporal e afetivo entre terapeuta e paciente, que impulsionam o encontro dos sentidos no campo terapêutico, capaz de restituir o poder criativo por parte do paciente (ALVIM, 2014a). Quando faz isso, o terapeuta

promove o ajustamento criativo do paciente através dos processos de presentificação, autorrealização e atualização de suas potencialidades criativas.

Cardella (2017) refere que a complexidade da condição humana demanda, por parte do terapeuta, um respeito profundo aos seguintes aspectos presentes na experiência humana, que tornam o *setting* terapêutico também um espaço sagrado: **étnico** (conexão com sua origem e historicidade); **estético** (pertencimento à natureza, aos espaços e aos tempos que acolham a corporeidade humana); **ético** (implica relações que assumam a responsabilidade compartilhada); e **sagrado** (abertura à presença do mistério e da transcendência da experiência humana).

Como exposto acima, a abordagem gestáltica é uma terapia do contato e da experiência, de modo que os bloqueios e as experiências na fronteira de contato são sempre objetos de experiência no processo terapêutico, devendo o cliente ser estimulado a viver experiências reais de contato com o terapeuta que possibilitem novos aprendizados, considerando as situações que emergem no aqui e agora da relação, devendo o terapeuta respeitar as necessidades do cliente, sua espontaneidade, seu ritmo, suas resistências e sua disposição/autossuporte para experimentar essas possibilidades de contato e ação no *setting* terapêutico (BUROW; SCHERPP, 1985).

ENTRE AS FRONTEIRAS DO CONTATO E A DESCOBERTA DE OUTROS CAMINHOS: POSSIBILIDADES DE RESSIGNIFICAÇÃO DO SOFRIMENTO HUMANO NO CAMPO TERAPÊUTICO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Segundo Peixoto (2018; 2021) a ressignificação do sofrimento só acontece quando o terapeuta compõe com um cliente uma experiência intercorpórea e intersubjetiva no campo terapêutico (uma partitura clínica estética), o que se faz por ressonância-simpatia, empatia, sincronia, sintonia e polifonias. Configura-se, assim, o campo inter-humano capaz de produzir envelopes afetivos e capacidades de afetações geradoras de experiências contatuais e sentidos relacionais vitalizados. A partir desse campo de afetação potencializador do encontro clí-

nico, tornam-se possíveis tessituras afetivas dos contatos, o que permite, segundo Merleau-Ponty (1948, apud PEIXOTO, 2021), novas formas de o cliente habitar o presente e ressignificar ideias, percepções e sentidos construídos na relação com o campo social. Como consequência, impulsionam-se, assim, as transformações do sofrimento vivido.

Quando em companhia do terapeuta, um guia auxiliar para o processo de travessia, o paciente revisita sua história através da experimentação e da corporeidade, quando seu corpo habitualmente movido por crenças, introjetos, condicionamentos e “deverias” é revisitado, o que dá espaço ao estímulo para que mobilize as emoções vividas e construa novos significados e encaminhamentos a questões inacabadas, experimentando criar um outro final para sua história (DIÓGENES, 2021). Ocorre que toda experiência de sofrimento demanda uma reorganização “para que o indivíduo satisfaça suas necessidades, feche a Gestalt, passe para outro assunto, devendo ser capaz de manipular a si próprio e o seu meio, pois mesmo as necessidades puramente fisiológicas só podem ser satisfeitas mediante a interação do organismo com o meio” (PERLS, 1988 apud MARTINS; LIMA 2014, p. 11).

Fukumitsu (2019) propõe que o programa RAISE, de sua autoria, busca Resignificações e Acolhimento Integrativo do Sofrimento Existencial através de ações de acolhimento, cuidados integrativos e de um trabalho psicoeducativo nos diversos ambientes (família, escolas e instituições), incentivando a ampliação das formas de gerenciamento das crises existenciais. Essa forma e modelo de cuidado integral se torna emergente no contexto pós-pandêmico, demandando, o campo atual, como suporte para a saúde mental individual e coletiva, uma clínica gestáltica ampliada, que possa produzir o diálogo e a integração das dimensões interventivas das áreas clínica, familiar, educacional, social, institucional e ambiental.

A presente pesquisa apresenta, a seguir, as falas coletadas dos sujeitos e faz uma análise a partir dessas falas dos principais estressores experienciados por eles durante a pandemia, buscando descrever posteriormente as rupturas vividas no contexto pandêmico em relação as quatro continuidades elencadas por Aharanson (2020,

apud BRITO, 2020): continuidade social e interpessoal, continuidade de papéis, continuidade histórico-pessoal e continuidade cognitiva.

- Senti a falta do tocar, do abraçar ocasionado pela distância física.
- A pandemia me fez ver que, para o bem e para o mal, imprevistos acontecem e que nós seres humanos não temos controle de tudo.
- Não foi o medo da doença em si, mas a preocupação com a crise financeira de forma global que viria posteriormente sobre o mundo. Triste perceber como a doença foi usada de forma política, a serviço do poder.
- O que me fez sofrer foi observar como as populações mais vulneráveis se tornaram ainda mais expostas a falta de emprego e recursos necessários a sua sobrevivência.
- O que mais me impactou foi constatar a nossa fragilidade humana.
- Sofri por ficar longe dos meus pais, familiares e amigos mais próximos.
- Senti falta do convívio quase diário com meus filhos e netos.
- Tive que trabalhar de forma remota, ministrar aulas a distância e ainda ter que cozinhar e fazer o serviço de casa.
- Ficar numa casa grande sem nenhum funcionário para ajudar, ter que cozinhar.
- Senti falta de não poder viajar.
- O que mais me afetou foi o excesso de informações somado a centenas de desinformações sustentadas por fake news.
- No início da pandemia foi muito esquisito ver todo mundo de máscara, o que me impediu muitas vezes de reconhecer as pessoas e os amigos. Também me incomodou ver a cidade vazia e ruas do bairro paradas... invadiu em mim um sentimento de estranhamento e de medo.
- Perdi minha mãe, e mesmo sendo enfermeira não pude fazer nada. Senti muita impotência diante desse vírus tão potente e tão letal. Hoje faço terapia para me recuperar psicologicamente dessa perda e de toda essa crise existencial. Nessa vida tudo é passageiro e nada acontece por acaso em nossa vida. Deus poupou minha mãe...tudo que ele faz é perfeito.
- Fiquei angustiada por não ter ideia de quando terminaria tudo isso e muito preocupada com aquelas pessoas e profissionais que não puderam se isolar por terem que trabalhar.
- Senti muito pelos familiares que não puderam se despedir de seus familiares (ausência de rituais de despedida como velório, missa de sétimo dia presencial).
- Me senti roubada de tanta coisa, de tantos momentos importantes com pessoas que amo.

– Mesmo com tanto cuidado e isolada dos familiares, filhos e netos minha mãe pegou esse vírus. E até hoje sofre as consequências estando em cima de uma cama. Sinto uma impotência muito grande de vê-la sofrer e sem muita perspectiva. Dói tanto meu coração. Sinto um misto de impotência e inconformismo diante da fatalidade desse fato. Difícil lidar com essa situação. Peço aceitação todos os dias para que sofra menos.

– Medo de contaminar as pessoas que amo.

– Senti falta do convívio com a comunidade.

– Senti muita raiva, revolta e indignação com a postura do presidente em colocar a economia sempre à frente de tudo que estávamos vivendo...me senti muito desamparada, desprotegida...acho que todos nós brasileiros.

Diante do conteúdo dos relatos obtidos, constata-se as seguintes descontinuidades:

- Descontinuidades sociais e interpessoais: afastamento de familiares e amigos, modificações nas relações familiares e de trabalho, privação de momentos importantes com familiares, amigos e a comunidade; falta de tocar e abraçar; cidades e ruas vazias; perdas físicas e sociais;
- Descontinuidade de papéis: trabalho de forma remota em todas as áreas laborativas, demanda de novas habilidades/competências profissionais, aumento de trabalho na rotina das atividades domésticas, ausência de mão de obra para serviços domésticos;
- Descontinuidade histórico-pessoal: preocupação com a crise financeira global e preocupação com o futuro dos projetos pessoais/coletivos; doença usada de forma política e a serviço do poder; desigualdade social potencializada; crescimento de fake news; falta de proteção por parte do Governo Federal.
- Descontinuidade cognitiva: impotência e inconformismo diante da realidade, incerteza quanto à retomada da realidade, incerteza quanto ao futuro, ansiedade e insegurança diante do contágio e gravidade da doença, consciência da fragilidade humana, excesso e ambiguidade de informações, adaptação ao uso de máscaras, sentimento da ausência dos rituais de despedida etc.

Todas essas rupturas e descontinuidades, segundo Bland (2020, apud EVANGELISTA; CARDOSO, 2020), intensificaram dilemas existenciais comuns, próprios da condição humana, como vida x morte; comunidade x individualidade; liberdade x

determinismo; egoísmo x altruísmo. Assim, nesse momento, os seres humanos foram convocados a pensar esses paradoxos de forma não excludentes, revendo suas formas de ser e estar no mundo em busca de formas de ajustamento para tantas mudanças bruscas causadas nas formas de viver e se relacionar.

Algumas quebras de continuidade vivenciadas no campo organismo-meio levaram a certos desequilíbrios e tensões relacionais, gerando um nível de estresse determinante para o surgimento de sofrimentos pessoais e coletivos. Percebe-se, da análise das falas acima, que houve um esvaziamento de contatos com o outro provocado pelo isolamento social, acompanhado do excesso de convivência no âmbito familiar, com o aumento de conflitos familiares, violência doméstica, divórcios etc.

Outro aspecto a ser destacado foi o aumento excessivo do uso das redes sociais como forma de compensar a falta de contato físico e a privação das relações sociais, provocando o afastamento das pessoas mais próximas e até ensejando crises conjugais. Foi afetada, nesses moldes, a própria forma habitual de fazer contatos, de trabalhar e de estudar. Os indivíduos tiveram que investir nos ajustes necessários através de estratégias adaptativas que findaram por comprometer a homeostase dos sistemas familiares e sociais.

Assim, esse momento demanda uma clínica gestáltica ampliada, a partir de uma perspectiva dialética entre sujeitos e coletividade, “respeitando a alteridade do cliente e ao mesmo tempo que possa desenvolver uma consciência social sobre nossas ações sobre o outro e sobre o planeta ” (BRITO, 2020, p. 26). Para tanto, Leloup (2020) assinala a urgência de um olhar da transdisciplinaridade, o olhar plural, que demanda o diálogo entre a ciência e a arte de cuidar como imperativo e decisivo, pois o que está em jogo é a própria sobrevivência dos seres humanos e não humanos no planeta. Destarte, a Gestalt-terapia deve preocupar-se em fomentar espaços de ambientalidades afetivas e de vida coletivos nesse momento, com ações de cuidado na esfera da saúde mental que possam criar possibilidades de produzir um campo ético-estético-político de produção de vida que favoreça acordos contatuais mais criativos e saudáveis, com vistas a po-

tencializar um sopro de vida no existir coletivo e na atualização de projetos de vidas dos seres humanos (PEIXOTO, 2020).

CONCLUSÃO

Durante a pandemia de Covid-19 constatou-se que a demanda imposta pela necessidade de enfrentamento do vírus rompeu com o equilíbrio da relação organismo-meio, impedindo o ser humano de satisfazer suas necessidades básicas, o que comprometeu a qualidade do contato do sujeito com ele mesmo, com o outro e com o mundo. Verifica-se, assim, de acordo com o pensamento holístico da Gestalt-terapia, que a alteração compulsória nos modos de vida por motivo de sobrevivência, sem escolhas, provocou uma perda de homeostase e de sentido na vida do sujeito. Nesse cenário, vislumbra-se que emergiram do campo, e na fronteira de contato entre organismo e ambiente, vivências de sofrimento em busca de ajustamento. Esse sofrimento, por sua vez, foi cocriado frente às alterações inevitáveis do campo, impostas ao sujeito.

Assim, constata-se que o território de vida humana experimentou a falta de ambientes humanizados e reais em decorrência do impedimento dos contatos físicos e da troca de afetos presenciais a despeito da realização de adaptações diversas através das relações virtuais e do uso das redes sociais. Observa-se que a ambientalidade afetiva de pertencimento coexistencial foi comprometida de forma brusca como medida de sobrevivência, produzindo efeitos diversos nas subjetividades e nos corpos existenciais humanos (medo, desesperança, desamparo, raiva, tédio etc.). Como consequência, originou-se daí a diminuição da potência de compor superfícies contatuais saudáveis e plenas, principalmente devido às discontinuidades cognitivas, de papéis, sociais e histórico-pessoais vividas em decorrência do cenário pandêmico.

Frente a esse cenário, constata-se que o Gestalt-terapeuta é capaz de construir uma vivência intercorpórea e intersubjetiva com seu cliente, geradora de um seguro campo composicional de afetos, o que potencializa uma experiência contatual geradora de novas energias e novos significados. Verifica-se que essa possibilidade decorre de sua postura existencial/fenomenológica, sagrada, dialógica e experiencial, que impulsiona

a reorganização das situações inacabadas vividas pelo paciente no campo pessoal e social, ensejando a transformação do sofrimento em companhia.

Nesse tempo de travessia pandêmica a Gestalt-terapia propõe um cuidado integral e ampliado que vai além da clínica, capaz de oferecer uma proteção para novos devires, o que somente se torna possível com a construção de espaços de vida coletivos experienciais, éticos, sagrados e estéticos que possam tecer um fundo afetivo de cuidados de si, do outro e do planeta, com foco na restauração do equilíbrio do indivíduo mediante o contato com o sentido da totalidade existencial por ele vivida.

REFERÊNCIAS

ABUD, Marcelo. **Depressão, angústia e pânico**: entenda as consequências da pandemia para a saúde mental. 2021.

ALVIM, Mônica B. **A poética da experiência**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014a.

ALVIM, Monica B. *Awareness*: experiência e saber da experiência. In: FRAZÃO, Lilian M.; FUKUMITSU, Karina O. (Org.). **Gestalt-terapia**: conceitos fundamentais. São Paulo: Summus, 2014b.

ANDRADE, Bruno Henrique L. Criando possibilidades em tempos de Covid-19. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 22, 2021.

BIANCHI, Daniela P. B.; CAMPOS, Patricia B. Luto e enfrentamento na contemporaneidade. In: MARRAS, Margaret (Org.). **Angústias contemporâneas e gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2020.

BIRMAN, Joel. O impacto da pandemia na Saúde Mental. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS – ABC. Webinários da ABC: conhecer para entender – o mundo a partir do coronavírus – Ed. 07 – impactos da pandemia na saúde mental. **ABC**, Rio de Janeiro, 19 maio 2020. Disponível em: <https://www.abc.org.br/evento/webinarios-da-abc-7/>. Acesso em: 14 abr. 2022.

BRITO, Maria Alice Q. de. Reflexões gestálticas sobre traumas em tempo de pandemia. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GESTALT-TERAPIA E ABORDAGEM GESTÁLTICA – ABG (Org.). **Olhares da gestalt-terapia para a situação da pandemia**. Curitiba: CRV, 2020.

BUROW, O. A.; SCHERPP, K. **Gestaltpedagogia**: um caminho para a escola e a educação. São Paulo: Summus, 1985.

CARDELLA, Beatriz Helena P. Cuidados às pessoas em sofrimento e possibilidades de ressignificação. In: FRAZÃO, Lilian M.; FUKUMITSU, Karina O. (Org.). **Enfrentando crises e fechando gestalten**. São Paulo: Summus, 2020.

CARDELLA, Beatriz Helena P. **De volta para casa**. Amparo: Foca, 2017.

CARDOSO, Claudia L. A face existencial da Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, Lilian M.; FUKUMITSU, Karina O. (Org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013.

CARDOSO, Claudia L. O plantão psicológico em tempos de pandemia. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GESTALT-TERAPIA E ABORDAGEM GESTÁLTICA – ABC (Org.). **Olhares da gestalt-terapia para a situação da pandemia**. Curitiba: CRV, 2020.

CARDOSO, Cláudia L. Sobre as dores do existir: uma introdução à psicopatologia em Gestalt-terapia. In: CARDOSO; GIOVANETTI (Org.). **Sofrimento humano e cuidado terapêutico**. Belo Horizonte: Artesã, 2019.

COSTA, Lígia; NASCIMENTO, Thatiany. Pandemia impacta saúde mental e eleva demandas na área: as pessoas passaram a se conhecer mais. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 15 ago. 2021. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/pandemia-impacta-saude-mental-e-eleva-demandas-na-area-as-pessoas-passaram-a-se-conhecer-mais-1.3122834>. Acesso em: 14 abr. 2022.

DIÓGENES, Maria de Fátima P. Resinificando histórias de vida. In: FRAZÃO, Lilian M.; FUKUMITSU, Karina O. (Org.). **Recursos criativos em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2021.

EVANGELISTA, Paulo Eduardo R. A; CARDOSO, Claudia L. Aconselhamento psicológico fenomenológico-existencial online como possibilidade de atenção psicológica durante a pandemia de COVID-19. **Perspectivas em Psicologia**, Uberlândia, v. 24, n. 2, jun./dez. 2020.

FONSECA, Samanta S. da. Racismo à brasileira e sofrimento psíquico da população negra: contribuição da gestalt-terapia. In: MARRAS, Margaret (Org.). **Angústias contemporâneas e gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2020.

FRANCESETTI, Gianni. **Fundamentos da psicopatologia fenomenológica-gestáltica**: uma introdução leve. Belo Horizonte: Artesã, 2021.

FUKUMITSU, Karina O. **Programa RAISE**: gerenciamento de crises, prevenção e posvenção do suicídio em escola. São Paulo: Phorte, 2019.

HORTA, Saleth S. Possibilidades clínicas em tempos de pandemia. In: CARDOSO; GIOVANETTI; EVANGELISTA (Org.). **Cuidado em tempos de distanciamento social**. Belo Horizonte: Artesã, 2021.

LELOUP, Jean-Yves. **Uma arte de cuidar**: estilo alexandrino. Petrópolis: Vozes, 2020.

LIMA, Patrícia V. de. A. A Gestalt-terapia holística, organísmica e ecológica. In: FRAZÃO, Lilian M.; FUKUMITSU, Karina O. (Org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013.

MARI, Jair de J. O impacto da pandemia na Saúde Mental. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS – ABC. Webinários da ABC: conhecer para entender – o mundo a partir do coronavírus – Ed. 07 – impactos da pandemia na saúde mental. **ABC**, Rio de Janeiro, 19 maio 2020. Acesso em: 14 abr. 2022.

MARTINS, Marize; LIMA, Patricia V. de A. Contribuições da gestalt-terapia no enfrentamento de perdas e da morte. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 20, 2014.

MELO, Daniel Marcio P. Sofrimento psíquico durante a pandemia de Covid-19: uma análise existencialista sobre a materialidade da vida e sobre o uso da tecnologia. **Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea**, v. 10, n. 1, p. 01-17, jun. 2021.

PEIXOTO, Paulo-de-Tarso de C. P. **Gestalt-terapia & contatologia**. Macaé: Paulo-de-Tarso, 2018.

PEIXOTO, Paulo-de-Tarso de C. P. WU WEI e ambienta-lidades afetivas: uma visão biomusical em tempos de pandemia. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GESTALT-TERAPIA E ABORDAGEM GESTÁLTICA – ABC (Org.). **Olhares da Gestalt-terapia para a situação da pandemia**. Curitiba: CRV, 2020.

PEIXOTO, Paulo-de-tarso de C.P. Música, Gestalt-musi-coterapia e a *awareness* do campo. In: FRAZÃO, Lilian M.; FUKUMITSU, Karina O. (Org.). **Recursos criativos em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2021.

RIBEIRO, Jorge P.; Sofrimento humano e o cuidado terapêutico. In: CARDOSO; GIOVANETTI. (Org.). **Sofrimento humano e cuidado terapêutico**. Belo Horizonte: Artesã, 2019.

SCHILLINGS, Angela. Abrindo as janelas dos sofrimentos emocionais. In: SILVA; ALEGRIA (Org.). **Psicopatologia na clínica gestáltica**: expressões do contato em sofrimento. Curitiba: Juruá, 2022.

SERPA, Marília. Hospital de Saúde Mental oferece atendimento para pacientes com ansiedade no Ceará. **O Povo**, Fortaleza, 10 fev. 2022. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/2022/02/10/hospital-de-saude-mental-oferece-atendimento-para-pacientes-com-ansiedade-no-ceara.html>. Acesso em: 14 abr. 2022.

SILVEIRA, Karina da. Gestalt-terapia e psicossomática. In: MARRAS, Margaret (Org.). **Angústias contemporâneas e gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2020.

YANO, Patrícia L.; GOMES, Sâmia S. Relações familiares em tempos de pandemia. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GESTALT-TERAPIA E ABORDAGEM GESTÁLTICA – ABC (Org.). **Olhares da Gestalt-terapia para a situação da pandemia**. Curitiba: CRV, 2020.

A revista eletrônica FLUIR é um veículo de comunicação do Centro Gestáltico de Fortaleza com a comunidade gestáltica, acadêmica e social-comunitária. É espaço de divulgação de trabalhos científicos, e reflexões afins, aberto aos professores formadores, aos alunos das formações do CGF e demais sujeitos parceiros. As opiniões emitidas nos trabalhos aqui publicados, bem como a exatidão e adequação das referências bibliográficas são de exclusiva responsabilidade dos autores, portanto podem não expressar o pensamento dos editores. A reprodução do conteúdo desta publicação poderá ocorrer desde que citada a fonte.



UMA DANÇA ENTRE SINGULARIDADES: EU-TU NO CAMPO DA RELAÇÃO TERAPÊUTICA

Tancredo Lobo¹

Mas se você quiser transformar
O ribeirão em braço de mar
Você vai ter que encontrar
Aonde nasce a fonte do ser.
(Milton Nascimento)

RESUMO:

Este ensaio passeia pelas grandes áreas das ciências humanas e sociais, considerando que a existência é política porque comunitária, também é estética porque contempla a beleza e é ética porque se faz ethos, morada substancial da vida. Apoia-se primeiramente na filosofia de Martin Buber (1878-1966), suas contribuições para os estudos sobre a filosofia social e a comunidade, a hermenêutica, através das narrativas do Hassidismo, tendência mística do Judaísmo, presentes no que muitos chamam de antropologia da religião, além de seus estudiosos e comentadores, com o objetivo de correlacionar com a abordagem psicológica da Gestalt-terapia. Tem como ponto de partida a busca da compreensão do Ser humano, partícipe e construtor da ontologia da relação. Questiona a relação humana, particularmente no encontro que ocorre na psicoterapia. Apresenta a tese de que a palavra-princípio EU-TU descrita por Buber encontra possibilidade de ser vivida na relação psicoterapêutica e argumenta que, do início ao final da existência, é o diálogo – elemento sustentador da relação – que inscreve nos seres humanos o Ser da relação.

PALAVRAS-CHAVE: Gestalt-terapia; Pandemia; Continuidades; Sofrimento; Cuidado.

¹ Doutor em Educação (UFC, 2010). Possui graduação em Letras pela UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI (1989), bacharel em Direito pela URCA (1994), especialização em Administração Escolar pela UECE (1995), especialização em Literatura Brasileira (PUC-Minas Gerais - 1989) e mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2003). Formação em Biodança (Escola de Biodança do Ceará e IBF - International Biocentric Foundation - 2010). Professor adjunto da Universidade Regional do Cariri. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em administração escolar, psicologia da educação e currículo. cursando Psicologia (FATECI - 2015) e Formação em Gestalt-Terapia (Centro Gestáltico de Fortaleza - 2013 a 2015)..

INTRODUÇÃO

Um filhote humano recém-nascido, sentindo algum desconforto, berra e balbucia alguns sons ininteligíveis, acompanhados de movimentos desordenados, “chama” alguém, e, possivelmente, é atendido. Esse outro alguém que lhe cuida vem ao seu encontro e presta algum socorro em forma de comida, um toque carinhoso, ou troca de fralda etc. O primeiro silencia e dorme. O outro, mesmo sem entender, compreendeu o seu papel. Essa experiência se repete, confirmando o circuito solicitação-resposta. Aí reside o protótipo da relação.

Um moribundo humano, sentindo que a postergada finitude agora é iminente, reunindo as derradeiras forças agarra a mão de quem por perto lhe presta algum cuidado em busca de contato. Esse instante, embora forte e significativo, se esvai na companhia da morte. Faz-se silêncio e quietude. O que fica sente que algo mudou.

Do início ao fim, é a relação. O diálogo, mesmo sem palavras, é uma necessidade vital. Mesmo que seja uma protorrelação, como no caso do recém-nascido, está a confirmar o caráter ontológico do contato humano. Entre um e outro momento, é a dança da existência.

Eis a problemática expressa no presente estudo: É possível ocorrer a vivência da palavra-princípio EU-TU, descrita por Martin Buber, na relação terapêutica da clínica gestáltica?

A escolha dessa questão pretende movimentar a reflexão acerca da possibilidade de um encontro genuíno, com zelo particular quando se debruça sobre o encontro que ocorre na relação psicoterápica. Os argumentos pessoais estribam-se em demonstrações teóricas e bibliográficas dos autores referenciados, ao longo e ao fim, tudo num esforço para validar uma tomada de posição quanto à vivência referida – EU-TU.

O percurso deste texto segue pelas discussões sobre a relação terapêutica, a ontologia da relação, a filosofia do encontro, a dança como movimento existencial até às considerações terminais provisórias.

AMBIGUIDADES: EU – NÃO-EU

Sobre o problema acima referido (vivência EU-TU na relação psicoterapêutica) autores diversos discordam.

Para alguns, como Carl Rogers, há essa possibilidade – quando o encontro entre terapeuta e cliente torna-se uma relação dialógica; quando ocorre alguma mutualidade. Esse autor, referindo-se a Buber, no livro “Liberdade para aprender”, assim afirma:

Acho que a minha capacidade de ser coerente e genuíno ajuda, muitas vezes, a outra pessoa. Quando a outra pessoa é transparentemente autêntica e coerente, quem recebe ajuda sou eu. Nos raros momentos em que a autenticidade profunda de um, vai ao encontro da autenticidade profunda do outro, ocorre a memorável “relação eu-tu”, a que se referiu Martin Buber, o filósofo existencialista judeu. Esse mútuo encontro, profundo e pessoal, não acontece muitas vezes, mas estou convencido de que, se não acontece, ocasionalmente, não somos humanos (FONSECA FILHO, pp. 27-28).

No livro “Psicodrama da loucura”, de José S. Fonseca Filho, o autor comenta o divulgado encontro de Carl Rogers com Martin Buber, na Universidade de Michigan, Estados Unidos, em 1957.

[...] Buber e Rogers não chegaram a um pleno acordo. Rogers acreditava que poderia existir a relação Eu-Tu dentro da psicoterapia. Buber esclarecia que não seria um verdadeiro Eu-Tu, porque faltariam os elementos necessários para a verdadeira relação de reciprocidade, de mutualidade, de experientiação do outro lado. A relação seria muito mais num sentido único do que em ambos. Terapeuta e cliente nunca estão iguais na situação real. Concorda, porém, que possa ser um profundo diálogo existencial (idem, p. 30).

Como se vê, o próprio Buber aposta na impossibilidade da vivência EU-TU na psicoterapia, que, por ser experiência, nunca poderia haver a relação EU-TU. Ainda no referido diálogo entre esses dois grandes humanistas, Rogers insiste que se estabelece uma relação de ajuda, onde se encontra o verdadeiro sentido de “entre nós”, para em seguida Buber dizer: não, não é possível, “nisso, discordamos”. Rogers entende o encontro na psicoterapia como uma relação simétrica, no sentido de “um encontro entre duas pessoas em bases iguais – apesar de,

no mundo EU-ISSO ser uma relação desigual” (in: Revista da Abordagem Gestáltica, 2008); enquanto isso, Buber continua a dizer que a relação é assimétrica, portanto, uma experiência.

Tratando a relação Eu e o Outro como ambiguidade entre a dimensão vital e a racional, Merleau-Ponty (2006) afirma: “se o Eu que percebe é verdadeiramente um Eu, ele não pode perceber um outro Eu” (p.477). O autor insere o diálogo numa perspectiva de linguagem para afirmar que, mesmo existindo ali “um ser a dois”, é possível perceber, ou até mesmo antever, o pensamento um do outro, pois:

É somente depois, quando me retirei do diálogo e o rememoro, que posso reintegrá-lo à minha vida, fazer dele um episódio de minha vida privada, e que o outro regressa à sua ausência ou, na medida em que permanece presente, é sentido por mim como uma ameaça. A percepção de outrem e o mundo intersubjetivo só representam problema para os adultos (idem, p.475).

Assiste razão ao filósofo, pois a criança, em relação consigo, com os outros e com o mundo, vive imersa na experiência sensível e não acessa a ambiguidade de pensar/sentir a relação. Como se vê, ambiguidade não significa necessariamente dicotomia, mas esse duplo da pessoa toda.

Karl Jaspers, embora tenha chamado sua psicopatologia de “psicologia compreensiva”, assenta-se na assimetria médico - paciente, mesmo quando esse último é “psiquicamente doente” (Hersch, 1982), afirma que não é possível a relação EU-TU na conduta médica, ainda que haja um momento em que médico e paciente experimentem um encontro mais íntimo, e que é preciso a humanização de tal relação. Ao referir-se à experiência transcendente e à objetividade do mundo, assevera: “não seremos salvos pela mística, nem pelas visões. Só pela dicotomia sujeito-objeto, pela clareza da realização, chegaremos ao ponto em que nela, através dela, alcançaremos a apreensão do abrangente” (JASPERS, 2011, p.48).

Ressalta a inquietação problematizante: como pode uma clínica que se acredita humanista, existencial e fenomenológica não possibilitar tal vivência? Até onde permanece a desigualdade de papéis e responsabilidades na relação terapêutica entre o pro-

fissional e seu cliente? Na Gestalt-terapia, o que pode acontecer quanto ao encontro humano?

Perls, Hefferline e Goodman (PHG), no livro Gestalt-terapia (1997), são explícitos ao discorrer sobre a psicoterapia gestáltica, afirmando que “é um método não de correção, mas de crescimento” (p.51). Por isso, é o investimento na atitude consciente de terapeuta e cliente, que, juntos, superam as “dicotomias neuróticas” da realidade e buscam os ajustamentos criativos num processo de aprendizagem mútuo. E ensinam:

Porque a psicoterapia obviamente [é] uma disciplina humana, um desenvolvimento da dialética socrática. E a conclusão do tratamento não é a dissolução da maioria dos complexos ou a liberação de determinados reflexos, mas é alcançar um nível determinado na técnica de *awareness* de si próprio que o paciente possa continuar sem ajuda – pois aqui, como em todo outro campo da medicina, *natura sanat non medicus*, apenas nós mesmos (no ambiente) é que podemos nos curar (idem, p.61).

Parece um paradoxo. O ser humano, pela natureza, cura a si mesmo, mas precisa da relação para acessar o caminho e caminhar junto. Com isso, os fundadores da Gestalt-terapia esclarecem que essa abordagem não tem um caráter utilitarista, tecnicista e/ou pragmatista. Trata-se de uma abordagem humanista firmada na crença de que o ser humano não é resultado de condições objetivas tão somente, mas “iniciador de coisas novas”, como diz Adriano Holanda, pois um ser capaz de responder, apesar das contingências, com ajustamentos criadores rumo à sua realização e crescimento.

PRIMADO: A RELAÇÃO – O ENCONTRO – O DIÁLOGO

Na fundação de uma ontologia relacional – em que o dado primário é a relação – o ser humano instituído (social, político, econômico) encontra a fonte do seu ser na entressubjetividade – o espaço-tempo do Entre, em que e quando o sujeito atua. Ali, busca a inclusividade de suas dimensões ônticas somadas à extensividade do campo existencial. Justamente aí a relação propicia o encontro, que se faz efetivo pelo ato do diálogo.

Esse encontro pode ser funcional, útil e formal, como no movimento EU-ISSO, a que se refere Buber, como uma necessidade para se viver em comunidade. Contrariamente, pode ser um encontro genuíno entre Eu-Tu. Neste caso, não são duas pessoas – um NÓS – nem também uma unidade ou uma fusão UM-OUTRO, mas, como explicam Müller-Granzotto (2007) sobre a clínica como uma experiência de campo e percepção do “outro”:

O que significa dizer que, para o olhar clínico, o gestalt-terapeuta e o consultante não são dois, mas, nem por isso, constituem uma unidade. Em verdade, a situação clínica é a vivência de uma situação de contato, de um a priori de correlação, em que verificamos uma mútua “contaminação”, a constituição de uma “estranha” indivisão, de uma indivisão “ambígua”, porquanto não diz respeito nem a um nem a dois (p.290).

A relação não descaracteriza o eu nem o tu. Mas, como um paradoxo ou “ambiguidade”, afirma ambas as subjetividades dançantes. Assim se refere, ainda Granzotto, sobre esse movimento de temporalidade:

O TU é aquele a quem só posso “encontrar” em regime de “relação”. Só posso “encontrá-lo” no face-a-face da palavra princípio, onde, paradoxalmente, não estou mais investido do poder objetivante, por cujo meio poderia reconhecer nele uma coisa, uma qualidade, um modo de ser (idem, p.304).

Sobre essa objetificação da realidade, Buber opõe duas noções complementares: a dimensão social, onde e quando se experimentam as “massas” de indivíduos estendidos na sociedade, esse *locus* incerto e vago; e o conceito de comunidade – o espaço-tempo da construção da relação – que se funda na própria etimologia da palavra – *communitas* – o compartilhamento daquilo que é comum entre as pessoas. Na comunidade, aquilo que se desdobra do encontro, Buber denomina dialógico. Para ele, a relação inter-humana no diálogo não se reduz a uma conversa, num meio de comunicação entre dois indivíduos. O diálogo - sustentáculo da relação - deve ser recíproco e concreto. O inter-humano repousa sobre a existência de seres individuais que têm um fim em si, vivem comunitariamente e agem uns com os outros. Portanto, o “inter-humano” é um conceito diferente de “social” ou “sociedade”. Para Buber, as ciências ditas huma-

nas e sociais, deveriam procurar entender as diversas formas do ser do inter-humano, num exercício dialógico e compartilhado de um conjunto de saberes que expanda a compreensão desse humano relacional, por isso integral. Afora isso, continua-se a produzir uma representação fragmentária da existência humana, descuidando das múltiplas dimensões biopsicossocial e espiritual constitutivas da pessoa.

O “regime de relação”, acima referido por Granzotto, fomenta o diálogo inter-humano como sendo a vivência ética na comunidade, pois esse espaço-tempo comum tem relevos éticos, estéticos, afetivos e práticos da existência na cotidianidade. O diálogo precisa da disposição integral da pessoa para outrem, para o diferente que impulsiona o crescimento, estribado na responsabilização do cuidado com a vida vivida. Atitude capaz de relativizar a barbárie, a indiferença, a violência, o apagamento do outro e de si mesmo; ao tempo em que fortalece a reintegração comunitária tão esgarçada contemporaneamente.

Para Buber (1987), a comunidade é “a única relação dialógica grupal que possibilita a verdadeira vida entre os homens”.

FILOSOFIA DO DIÁLOGO

Uma genealogia das formas expressivas dialógicas, suas reflexões e atitudes comunicativas, encontra no filósofo da antiguidade grega Platão a utilização do diálogo como uma ferramenta discursiva para comunicar suas verdades. O filósofo se valeu do diálogo como um método pedagógico para demonstrar como a escrita deve se concatenar com as ideias.

Posteriormente, em Roma e pela idade média, os filósofos (por exemplo, Justino de Roma, Trifão de Constantinopla) continuam a utilizar essa forma de produzir reflexões e comunicá-las através das apologias. Até chegar ao iluminismo, pensadores como George Berkeley e David Hume se valem do diálogo como gênero de investigação filosófica.

Na modernidade, o diálogo fora entendido como o exercício da conversa (Michael Oakeshott), o uso da linguagem para se comunicar. Tanto que, o diálogo, para os linguistas estruturalistas, como proposto por

Roman Jakobson, ocorre na comunicação codificada entre emissor e receptor, através de um canal. Todavia, para o chamado “dialogismo” e seu principal filósofo da linguagem, Mikhail Bakhtin, a comunicação só é possível na reciprocidade do diálogo, a enunciação.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através de enunciação ou das enunciações (BAKHTIN, 1981, p.123).

O filósofo avança na compreensão do diálogo, em relação aos primeiros estruturalista, ao reconhecer que a enunciação é um fenômeno social e historicamente situado. Ademais, tem caráter subjetivo, por isso considera a alteridade e o aspecto da dialogicidade. No entanto, sua análise estruturalista fica no terreno da discursividade e intertextualidade.

Outros importantes pensadores trataram do tema do diálogo. O psicólogo soviético Lev S. Vigotski, com base no materialismo histórico-dialético, considera o diálogo como instrumento de mediação interna e social; para Emmanuel Levinas, em sua teoria de alteridade radical, o diálogo é uma atitude ética perante o outro; Jürgen Habermas, um dos fundadores da teoria crítica, considera o diálogo uma racionalidade comunicativa etc.

São muitas as reflexões o tema, até chegar à noção de diálogo como ato coesivo da relação. Inaugurada essa perspectiva por Hans Trüb (1889-1949), médico e psicoterapeuta suíço, que manteve relação pessoal e teórica com Jung até conhecer Buber, em 1923, e envolver-se com o desenvolvimento da filosofia do diálogo, a psicoterapia dialógica, até a publicação em 1951 do livro “A cura do encontro”.

Mas, é com MARTIN BUBER (1878-1965), que a filosofia do diálogo experimenta todo seu desenvolvimento e reconhecimento. O filósofo austríaco, embora não se possa classificá-lo simplesmente em uma escola filosófica, passeia pela Fenomenologia, o Existencialismo, a Ontologia, faz um contraponto com Kant, especialmente no questionamento sobre a primazia do sujeito mo-

derno, tem uma afinidade com Feuerbach, reverencia suas origens judaicas e hassídicas, inspira em Kierkegaard (o dilema existencial humano) e Nietzsche, em especial (Assim Falou Zaratustra), para fundar uma antropologia da existência humana com-o-mundo e uma fenomenologia do diálogo. O fenômeno dialógico é situado no mundo porque emerge do encontro humano na relação. Buber trata de temas como a religião, as narrativas do Hassidismo (aspecto místico do Judaísmo), Socialismo, Comunidade, o Mal etc; mas o tema em que é mais conhecido e estudado é a Filosofia do Diálogo, especialmente apresentado no clássico livro “Eu e Tu”, de 1923, e no “Do Diálogo e do Dialógico”, de 1930, onde reflete sobre a restauração do indivíduo como pessoa.

Sobre esse sentido de alteridade relacional, Zuben (2003) é esclarecedor:

Um dos pontos centrais da antropologia de Buber é, sem dúvida, a questão do outro como Tu. Este é para Buber o fundamento ontológico e existencial de todas as outras realidades e ações humanas. O Tu é o fundamento do “nós” e este o esteio da comunidade (p.152).

Agora, necessário se faz elencar dois conceitos básicos para Buber: Diálogo e Dialógico.

O diálogo é ato – não, necessariamente, a palavra ou sequer o gesto - que sustenta o encontro ressonante, e requer certas condições. Segundo Buber, primeiro é necessário o conhecimento do outro: “é na contemplação de um face-a-face, que o ser se revela a quem o quer conhecer” (2001, p.75), podendo, a partir daí, estabelecer-se a presença. Segundo, realizar uma *epoké* de atitudes pré-conceituais, especialmente as objetificantes, pois,

O Tu encontra-se comigo. Mas sou quem entra em relação imediata com ele. Tal é a relação, o ser escolhido e o escolher, ao mesmo tempo ação e paixão. Com efeito, a ação do ser em sua totalidade como suspensão de todas as ações parciais, bem como dos sentimentos de ação, baseados em sua limitação – deve assemelhar-se a uma passividade (idem, p.57).

Embora use o termo “passividade”, Buber refere-se ao ato de lançar a “palavra”, “endereço-lhe a palavra-princípio”, como diz; realizar o movimento inicial da Dança.

O diálogo, portanto, estende-se como um tecido de atos e significados para dar a dinâmica do intercâmbio, a interação, a interatividade. Por isso, transcende a interioridade psicológica da pessoa para possibilitar a relação. Esse ato pode ser um palavrório, um palavrado, uma falação oca; mas, quando autêntico, o diálogo manifesta a totalidade do ser.

Sobre o conceito de Dialógico, Buber alarga sua compreensão para além do aspecto predicativo para incluir o atitudinal. O comportamento, a ética, a vida é que são dialógicos. O entrelaçamento da existência vivida, fundada no diálogo “um-para-com-o-outro-no-mundo”, é que torna a relação dialógica como instauradora da compreensão da ambiguidade do ser humano, ao reconhecer que o Tu, e a palavra-princípio Eu-Tu, são anteriores ao Eu e ambos estão inseridos no mundo do diálogo.

Assim sendo, mesmo que se possa prescindir da fala, da comunicação, há contudo um elemento que parece pertencer indissolúvelmente à constituição mínima do diálogo, de acordo com seu próprio sentido: a reciprocidade da ação interior. Dois homens que estão dialógicamente ligados devem estar obviamente voltados um-para-o-outro; devem, portanto, - e não importa com que medida de atividade ou mesmo consciência de atividade - ter-se voltado um-para-o-outro (BUBER, 2014, p.41).

Esse “voltar para o outro” é disponibilizar-se para o Entre – o intervalo fértil que se estabelece entre um e outro. O dialógico acontece aí, que, certamente, não se refere apenas a um espaço geográfico, mas o tempo entre o dizer e o responder a palavra. Exemplificando isso, Buber diz: “toda arte é essencialmente dialógica” (idem, p.60), pois se oferece a apreciação e gozo do outro.

Para Buber, o encontro dialógico é a dimensão essencial do trabalho com seres humanos, pois exige uma atitude hermenêutica baseada na compreensão da história, da sociedade e comunidade, no ser humano que é histórico e devir, simultaneamente lançado no mundo (dasein), sem deixar de utilizar outras abordagens das ciências sociais nem afastar-se da theoria (grego), contemplação, observação. A essencial reflexão filosófica, como uma investigação sobre o si mesmo, o outro e – ambos – no mundo, não como fechamento, mas como abertura.

Um instrumento privilegiado, mas não único, para o campo dialógico é a fala. “Autêntica”, no dizer de Mauro Martins AmatuZZi, em que a fala assume seu aspecto de autenticidade, fazendo-se dialogal, instrumento de intercâmbio relacional, capaz de superar a tagerelice vazia, pois esta não é diálogo. O autor, inclusive, se refere à possibilidade de “resgate” dessa fala autêntica, posto que, como é facilmente constatável, a sociedade comunica-se maioritariamente em estado de inautenticidade. E faz referência a Merleau-Ponty, que, no livro Fenomenologia da Percepção, (nota VI. 4. op. cit.), diferencia a fala autêntica da “expressão secundária, uma fala sobre falas” (p.636) tão comum na tagarelice do cotidiano. No entanto, o diálogo não se reduz ao falante, pois,

Só estou falando plenamente de mim, quando estou falando para alguém e não apenas diante de alguém ou tendo alguém diante de mim que me escute, e isso porque o sujeito (ao qual nos referimos ao dizer “de mim”) só se constitui, só está sendo, no ato da relação. E está implícito na atitude de falar para alguém a disposição de escutar esse alguém, ou melhor, de escutar sua resposta (AMATUZZI, 1989, p.43).

O outro elemento essencial para que se estabeleça o diálogo, é a escuta, caso haja palavra, ou confirmação entressubjetiva gestual. Caso não haja palavra, a escuta se opera noutra dimensão atitudinal, bem como mais complexo se torna quando o diálogo não conta sequer com gestos. Fica claro que a escuta não se reduz a uma atividade senso-perceptiva, mas a uma atitude, que também não recai exclusivamente ao ouvinte, mas na relação. Daí decorre o desafio de escutar os ecos do campo, que, muitas vezes, são inaudíveis.

Segundo Buber (2014), há pré-condições para que a fala autêntica ocorra: Autenticidade ou pertinência, para que não se confunda com a dicotomia verdade versus mentira; ao atravessar os papéis sociais e as máscaras, perceber a totalidade do outro, sua abrangência; falar com liberdade de expressão (sem imposição, propaganda, convencimento), em que se fala solto, imprevisível, espontâneo como a criança, que mobiliza uma resposta, mas não a exige; requer a confirmação mútua, legitimação, aceitação de si e do outro, que sejam como são; a participação (ação entre as partes) ativa do falante/ouvinte e do ouvinte/falante; a

abertura para a fecundidade – “surgimento de novos sentidos na sequência da conversação”, nas palavras de AmatuZZi (op. cit.); no encontro se pode perceber, não necessariamente com as sensações, o fluxo dialógico – inclusão – confirmação – presença – entrega – atitudes – reciprocidade e responsabilidades mútuas – abertura – imediatez – vivência.

A partir desse encontro autêntico, admite-se uma Ontologia do Entre – o campo espaciotemporal de que fala Buber, fundamentalmente na sua obra “Eu e Tu” – tempus em que emergem as propriedades constitutivas e essenciais da existência. No Entre habitam as causas originárias do movimento humano, que se contemplam nas palavras e nas ações da pessoa com o outro e no/com o mundo. Movimentos estes que Buber chama de “palavra-princípio” (José Maurício de Carvalho chama de “palavra-fundamento”, pois, segundo ele, é disso que se trata; neste texto “movimento”), nomeadamente EU-TU e EU-ISSO. Esse duplo movimento existencial se dá em decorrência de que o mundo também é duplo, por isso a dupla atitude.

O mundo é duplo para o homem, segundo a dualidade de sua atitude. A atitude do homem é dupla de acordo com a dualidade das palavras-princípio que ele proferir. As palavras-princípio não são vocábulos isolados mas pares de vocábulos. Uma palavra-princípio é o par Eu-Tu. A outra é o par Eu-ISSO no qual, sem que seja alterada a palavra-princípio, pode-se substituir Isso por Ele ou Ela. Deste modo, o Eu do homem é também duplo. Pois, o Eu da palavra-princípio Eu-Tu é diferente daquele da palavra-princípio Eu-ISSO (BUBER, 2001, p.51).

A palavra-princípio ou palavra-fundamento ou movimento humano é o ato que provém do Ser da relação, não como funcionalidade ou utilidade, mas como disposição, abertura, atitude que ocorre no imediato, no entressubjetivo, no face-a-face. Somente quando não houver finalidade na comunicação, a expressão movimenta-se pela inclusão de si e do outro no campo, com pleno envolvimento no encontro mediado pelo diálogo. Essa vivência chamada EU-TU ocorre, mesmo que fugazmente, em simetria dos corpus dançantes na relação com os seres.

Trata-se de uma vivência escassa, dispersa, mas intensa, pois recíproca.

A relação Eu-Tu não é o objetivo, nem isso é desejável, pois é um fim em si mesma. No entanto, ao vivenciar, mesmo que fugazmente, essa relação restaura na pessoa a integridade, a totalidade perdida pela experiência inautêntica do mundo do Isso, a experiência da separação e da fragmentação.

O movimento EU-TU não perdura, pois é um instante de eterno presente em que são vividas as essências, é a dádiva de poder realizar-se no contato com o Tu. Volta o tema da ambiguidade e do paradoxo: como diz Buber, essa vivência convoca uma atitude ativa e passiva, uma escolha e o deixar-se ser escolhido, complementarmente. É o caminhar pelo caminho da cura, do cuidado, da humanidade sem meio-termo.

Diferentemente, o movimento Eu-ISSO é a experiência em que o mundo é ordenado. As coisas ou mesmo o outro, tornam-se um meio para atingir um fim, tem uma utilidade. É o relacionamento, a experimentação, o conhecimento, o manuseio, a utilização, é um contato objetificado e objetivado com a natureza – Eu-Coisa – e também com outros seres humanos. Os objetos são experimentados no passado, devido à sua natureza fossilizada.

Mesmo que necessária, pois é onde se desenrolam as experiências cotidianas, o movimento EU-ISSO (EU-ELE ou EU-ELA), quando em excesso ou único meio do ser humano experimentar o mundo, torna-se um investimento na alienação e na indiferença. A fala incisiva de Buber é: “... o homem não pode viver sem o Isso, mas aquele que vive somente com o Isso não é homem.” (2001, p. 72). Buber diz que o ser humano existe sempre em movimento entre os dois polos referidos. Por isso, uma atitude objetivante perante o mundo, que ele chama de palavra-princípio EU-ISSO, é importante para a vida no cotidiano, mas insatisfatória para a existência plena da pessoa.

Agora, é justo interrogar: após falar da relação consigo, com o outro, com a natureza, e toda essa dimensão mundana, como fica a relação com Deus?

Em cada uma das esferas, graças a tudo aquilo que se nos torna presente, nós

vislumbramos a orla do Tu eterno, nós sentimos em cada Tu um sopro provindo dele, nós o invocamos à maneira própria de cada esfera (ibidem, pp. 53-54).

A premissa do raciocínio inclusivo de Buber é a primazia da totalidade, que se faz pela inclusão, implicação, simultaneidade e reciprocidade. Todas as “coisas” (ou entes, como queira) se apresentam como totalidades dentro do grande campo da existência. Por isso, Buber nomeia a relação com o divino de “Eu-Tu eterno”, e constrói um pensamento em que a vivência dessa relação estende-se no cotidiano, mundanidade, como deve ser e é. Encontro com a total Presença capaz de superar os corriqueiros dualismos, como: Homem X Deus; sagrado X profano; realismo vão X absoluto perfeito; imanência X transcendência etc. Esse diálogo com o grande Tu materializa uma vivência para além do cognitivo, do funcional objetual, em que articula, possivelmente, uma fala sem palavra, pois o Entre comporta esses movimentos sem forma.

O Entre é o espaço-tempo dessa infinita dança. Movimento este que não é uma procura, uma finalidade, uma utilidade, mas uma “graça”, que se precipita toda vez que o Eu e o Tu lançam o ato essencial da disponibilidade entressubjetiva para o diálogo, inclusive na relação psicoterapêutica também.

A RELAÇÃO PSICOTERAPÊUTICA

“O paradoxo é a paixão do pensamento; o pensador sem paradoxo é como um amante sem paixão, um sujeito medíocre.”
Newton Aquiles von Zuben

A clínica psicoterapêutica é a experiência humana de encontro entre o que vem pedir ajuda e quem se oferece para ajudar. Esse encontro é sempre mediado pelo sofrimento psíquico, pela tragédia, às vezes pelo desespero humano.

Richard Hycner diz que a psicoterapia é uma profissão paradoxal. Escreve sobre isso, como se numa prosa, afirmando:

Tarde da noite, no silêncio ressonante que resta quando os clientes se foram, o terapeuta, bem no fundo de si mesmo, sente-se perseguido pelos resíduos dos paradoxos do dia. Ele busca desesperadamente respostas definidas. Não encontra nenhuma, pois esses são os paradoxos

inerentes à prática da psicoterapia. Eles existem, independente da orientação teórica do terapeuta (HYCNER, 1995, p.27).

Sem desprezar o conhecimento teórico e as técnicas, o psicoterapeuta precisa caminhar pelos caminhos subjetivos de si e daquele que lhe solicita ajuda. Esses “caminhos” estão espalhados no campo relacional que se estabelece. E nessa relação emergem os contrapontos: ciência, arte e técnica; saúde e psicopatologia; identidade e alteridade; acolhimento amoroso e “presença distanciada”, como diz Buber, nessa verdadeira microcomunidade humana.

Num sentido ambivalente, o *Self* do terapeuta – esse sistema de contatos que o coloca em ato – expressa a luta do aspecto mítico referenciado no “curador ferido” (o centauro Quíron, da mitologia grega), aquele que, a partir da própria dor, se oferece para acolher a dor do outro. Uma atitude, dentre outras, que Fritz Perls chama a atenção no livro *A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia*, nomeando de “simpatia”:

Usualmente, há três caminhos para o terapeuta, independentemente de sua linha ou abordagem teórica. Um é a simpatia ou envolvimento no campo total – dar-se conta de ambos, do si-mesmo e do paciente. Outro é a empatia – um tipo de identificação com o paciente que exclui o próprio terapeuta do campo, portanto exclui meio campo. Na empatia o interesse do terapeuta se centra exclusivamente em torno do paciente e suas reações. [...] Por último, há a apatia – desinteresse – [...] Obviamente a apatia não nos leva a lugar algum (PERLS, 1988, p.116).

Ainda sobre a simpatia, Serge e Anne Ginger dizem que é a atitude do terapeuta estar em presença, “numa relação atual “Eu/Tu” com o cliente” (1995, p.146). Esse movimento simpático facilita o cliente despertar sua *awareness* para a totalidade da relação, que se faz no campo, incluindo o terapeuta. Conforme os Ginger, isso é o “motor do tratamento”. Portanto, apesar de não ter o caráter exclusivo de que a relação terapêutica seja alçada à condição de “especial”, nos termos e condições relatadas, pode facilitar a vivência da palavra-princípio Eu-Tu, porque dialógica.

A psicoterapia dialógica trata-se de uma ampla gama de procedimentos antropológicos, baseados no diálogo, como uma ati-

vidade de parceria entre terapeuta e cliente. Considerando a ação recíproca como atitude, a psicoterapia dialógica é o conjunto de movimentos espaciotemporais onde/quando o terapeuta e o cliente reconhecem-se direta e presentemente em relação com o outro, religando as suas habilidades latentes para o diálogo e o processo dialético de cura, através do seu reingresso nas outras relações sociais, de forma autônoma. Nessa relação dialógica, as essências transitam de potencialidade à efetividade do ato no encontro.

Ao se referir à atitude dialógica, HYCNER (1995) a define como um “genuíno interesse”, um “ir ao encontro” do outro onde ele se encontra, não no sentido de cooptá-lo, mas convocá-lo para a efetiva dança que é processo e dialética de campo no Entre.

O terapeuta não entra na experiência do cliente. Ele adentra, pela intuição (movimento intencional em direção ao Entre), no campo narrativo, no campo dialógico, do Entre gerado e sustentado pelo encontro dos dois. Assim, o cliente se mostra, ele se apresenta para a dança e possibilita a emergência das “figuras” ou *gestalten*.

O Entre é por excelência uma expressão de Humanismo, pois é âmbito do inter-humano; é ali e como a existência se movimenta; é onde e quando o fenômeno aparece. É o campo da ética da alteridade que se faz pela presença – dialética entre identificação e diferenciação. No dizer de Buber, o outro é condição essencial da existência do Eu através de sua doação e aceitação decidida e livre um ao outro, reciprocamente.

O Entre é a dança espaciotemporal do vazio – mas, não oco, do estado diferencial, resultado da *epoké* promovida pelo terapeuta que seduz o cliente para se lançar nesse lócus existencial de possibilidades. Somente ali e naquele tempo, ambos percebem a alteridade no encontro, tão essencial para a aceitação e confirmação do outro, pois possibilita a percepção daquilo que não é similar, do que não é *mesmice*, o estranho, os aspectos excluídos da cotidianidade vulgar.

Pela inclusão e compreensão, Buber acredita que se constitui um campo existencial, que é uma totalidade, um ponto de encontro numa “*ágora*” do mundo, sem interposições de juízos. A vivência é singular e

irrepetível. E nestas condições, para Buber, alcança a dimensão do divino, onde o espírito dança em plenitude.

A mutualidade é o movimento de constituição do Entre. Inicialmente, trata-se de uma relação desigual: o paciente chega com um pedido, demanda uma ajuda; enquanto isso, o terapeuta se coloca disponível para a escuta, oferece ajuda. Enquanto, ambivalentemente, suspende suas ciência e técnica.

Há um caráter ontológico nessa vivência imediata e rara. Por se tratar de uma relação sem intermediários (materiais ou linguísticos, sem conceitos, fantasias, antecipações), o que prevalece é a espontaneidade, o surpreendente, o inesperado, o encontro como a própria evidência. Tal relação não é um dado em si, nem o repositório da consciência. Se constitui na própria relação, superando o dado EU e o dado TU, isoladamente. Mas também não é um “nós”, uma fusão. É uma ambiguidade. Um paradoxo.

Marcado esse encontro no sempre presente, ambos se encontram e constituem o campo experiencial. O terapeuta “cutuca” o fenômeno para que ele apareça. O cliente sabe que veio para dançar. Às vezes, não conhece o passo, nunca ouviu a música, mas, desafiado e com confiança, vai se mostrando, vai bailando sua dor e a delícia de encontrar alguém que se dispõe a escutá-lo sem julgamento, acolhê-lo, ampará-lo, um caminhar juntos.

Essa dança fenomênica exige presença e contato. E, para que tenha um bom ritmo e mantenha a beleza de uma boa figura, segue um fluxo consciente e transcendente. Os ritmos existenciais são diversos. O cliente, e todos, conhecem bem o ritmo EU-IS-SO. É a dança do cotidiano, do trabalho, da exploração, do faz de conta relacional. O ritmo EU-TU requer um gingado diferente. O outro tem uma dança muito diferente. Apela-se para a intuição para estar implicado no Entre, onde tudo pulsa da contração à expansão, e vice-versa.

O Entre é o olho-do-furacão. Aquela estranha calma, enquanto tudo ao redor rodopia, varrendo e transformando os universos.

O Entre, embora constituído de forças singulares, tem uma harmonia de totalida-

de, mutualidade, alteridade, correlação e encontro.

No Entre há uma dança sincronizada, que pergunta e responde, que demanda e atende, que expande e recolhe, dizendo: Eu existo. Tu existes. Eu apareço, sou figura, você é fundo; e troca. O Entre é o espaço-tempo da mutualidade. Aquele fugaz aqui-agora em que as dimensões não técnicas, no dizer de Buber, Eu-Issso, toca o inominável das dimensões do cliente para além do seu sofrimento, da sua narrativa histórica pessoal. São dois investimentos diferentes. São duas qualidades de implicação com a relação. A mutualidade é sustentada pelo diálogo, atitude esta que pode ir além das palavras, que, embora importantes para perguntar e responder, para anunciar algo, recolhem-se de sua fonética para tornarem-se sintaxe em atos, gestos, ou silêncio na autenticidade.

Novamente, Amatuzzi diz que a psicoterapia pode ser um espaço de fala/escuta autêntica:

(...) uma recuperação de si por uma mobilização do centro (e não um simples rearranjo de energias), só poderá se dar numa vivência de relação, num diálogo verdadeiro, vale dizer, por uma entrada na palavra original, que só pode emergir aí e não num simples falar a propósito da fala do outro, tendo-o como objeto de minha fala. O cliente numa verdadeira terapia não é o objeto da fala do terapeuta mas o destinatário (bem como o emissor); antes de ser um assunto, ele é um interlocutor (op. cit., p.61).

Nesse compasso, cada um dirige, intencionalmente, sua consciência para o campo: eu mesmo, o outro e a relação. Nesse desafio, o terapeuta pensa: Mas não sei para onde o cliente dirige sua consciência. Não me é possível, nem desejável, antecipar seu próximo passo. Apenas me entrego cuidadoso ao bailado dessa dança. Nesse movimento há a cura. Talvez, o cliente pense algo parecido.

Em psicoterapia, assim entendida, trata-se do instante Eu-Tu, fertilmente como um momento “não sei”, não no sentido de uma incompetência, mas como abertura e possibilidade de retorno às coisas mesmas. Como ensina Jorge Ponciano:

É sair vivencialmente da posição “eu sei” para a posição “eu não sei”. É um voltar-se

às coisas antes de qualquer alteração produzida pela filosofia ou a ciência, como dizia Husserl... convida-nos a viver o mundo por meio de uma ignorância sabida e até contemplada (RIBEIRO, 2011, p.96).

Tanto o terapeuta como o cliente sabem coisas. Essa condição pode cristalizar crenças e atitudes. O “não sei” é o vazio, a entrega, a disponibilidade, a “indiferença criativa”. É uma atitude de humildade aprendiz em retornar ao primordial, ao conhecimento antes do conhecimento reflexivo, ao tempo do vivido, “é a recuperação do nascimento do sentido” (Zubén), na dimensão da corporalidade, que produz uma linguagem enraizada no aqui-agora, e não corre o risco de se extraviar, como acontece com as palavras (Ginger & Ginger).

Sobre a busca da psicoterapia, Buber interroga: “O que almejamos quando estamos desesperados e, ainda assim, vamos até outro homem? Com certeza, uma presença, por meio da qual nos dizem que, apesar de tudo, há um significado (BUBER, 1929, 1961, p. 13).

Em livro outrora referido, Hycner (1995) traz uma discussão sobre a obra de Maurice Friedman, filósofo estudioso da relação dialógica, que adota os termos “cura pelo encontro”, uma possibilidade de se chegar a um sentido profundo da existência, lembrando, ainda, que curar é “tornar inteiro”, no sentido de integrar os significados do passado, presente e futuro de uma existência.

Agora, é hora de questionar, particularmente, a Gestalt-Terapia sobre sua abordagem (raciocínios e métodos). Após considerar os conceitos acima discutidos, haveria possibilidade de uma vivência EU-TU no seu processo psicoterapêutico?

A abordagem gestáltica é reconhecida como uma terapia do encontro, terapia do contato, de base humanista, com fundamento reflexivo e metodológico na fenomenologia e no existencialismo, estribada em teorias como a organísmica e de campo, ademais uma prática dialógica. Portanto, é uma área de conhecimento legítima para proceder tais questionamentos.

As teorias e técnicas da clínica psicoterápica, nos moldes da abordagem gestáltica, enfatizam, em seus fundamentos teóricos

e metodológicos, o papel ativo dos envolvidos numa relação dialógica com o objetivo de aumentar a consciência na própria experiência. A experiência deve ser um tempo-espço, mesmo que momentâneo, para a soltura de amarras estagnantes adquiridas na própria existência. Essa clínica intenta possibilitar uma maior e melhor produção de contato consigo, com os outros e com o mundo. Por isso, propõe experimentos simples, surgidos do e no próprio encontro, mas que sejam incisivos e desafiadores. Que agucem a clareza das percepções, liberem o poder de ação e a abertura para o desconhecido e o assustador. Tudo realizado num ambiente de apoio afetivo e acolhedor, marcado pelo diálogo.

Esse “ambiente” ou “*setting*” costuma-se compreendê-lo como Campo. Por campo não se entende, reduzidamente, espaço geográfico, embora este faça parte. Avança em relação à topologia de Kurt Lewin e suas denominações de “campo psicológico” e “espaço vital”; considera o que diz Yontef (1998) sobre essa proposta includente de diferentes aspectos materiais e culturais; lembra do conceito de “ambientalidade” como co-existência, de Jorge Ponciano; para Marcus Cézár, campo é “espaço” coconstruído que oferece “as condições de emergência desses não ditos e não vividos” (2020), destituídos de significado nas relações sociais; amplia o entendimento, a partir de Rupert Sheldrake, e sua teoria dos campos morfogenéticos; inclui as contribuições da física pelo conceito de “ressonância”, como o fenômeno vibratório de um campo físico, elétrico, eletromagnético que ressoa em todos os seus elementos; até alcançar compreensões como a “correlação quântica”, que se associa a temas como espiritualidade e psiconeuroimunologia, como se vê no depoimento de Lynne McTaggart, sobre a relação intersubjetiva médico-paciente:

Isso pode significar que a intenção do agente de cura era tão importante quanto o seu tratamento. O médico agitado que gostaria que o paciente cancelasse a consulta para poder ir almoçar, o médico recém-formado que passou três noites sem dormir e o médico que não gosta de determinado paciente podem exercer um efeito prejudicial. Também pode significar que o tratamento mais importante que um médico pode ministrar é desejar intensamente a saúde e o bem-estar do paciente (2008, p.256).

Se isso vale para a relação médico-paciente, há de ser valioso para o encontro psicoterapeuta-cliente. Sobre esse campo ontológico, Buber assevera que, ao movimentar-se existencialmente, a pessoa encontra sempre o Ser, pois “relação é reciprocidade... Quanto aprendemos com as crianças e com os animais! Nós vivemos no fluxo torrencial da reciprocidade universal, irremediavelmente encarnados nela.” (2001), p. 60.

A Gestalt-terapia costuma se apoiar na filosofia do diálogo de Martin Buber, que também se funda em concepções existencialista e fenomenológica. Uma outra atitude, de caráter subjetivo e intersubjetivo, que ele chama de palavra-princípio EU-TU. O movimento EU-TU é vivenciado quando transcende-se o ego profissional do terapeuta em consonância com a transcendência do ego do cliente para além da posição demandante. Os dois corpos estendem-se translúcidos além das palavras e dos gestos. A linguagem cognitiva, necessária para a manutenção das relações casuais, profissionais ou vazias pois manipulativas, dá lugar a um encontro profundo, em que, mesmo fugazmente, ocorre a mutualidade dialógica.

Essa referida mutualidade intersubjetiva – entressubjetividade – é o reconhecimento explícito de que não existem diferenças essenciais entre o subjetivo e o objetivo, que ambas são expressões de uma mesma realidade ressonante de campos. Não há uma prioridade em grau de antecedência ou importância entre a dimensão objetiva e as dimensões subjetivas. A objetividade do mundo é significada pelo sujeito. Ao mesmo tempo em que a subjetividade, quando necessário, manifesta expressões de objetividade. Poeticamente, afirma Buber que o essencial dessa ambivalência objetivo/subjetivo é o denominado “espírito”, que é o centro dinâmico e o que determina a pessoa. É o espírito que se precipita para o diálogo, para o anúncio e a pronúncia de si e do mundo.

A noção de campo dialógico espiritual, não no sentido religioso, mas de potência energética, ajuda a compreender como esse espaço-tempo de presença e empoderamento se desdobra em significados e sentidos coconstruídos e compartilhados amorosamente na situação. Em conformidade com a reflexão fenomênica e de campo, a

relação terapêutica dialógica deve ser compreendida pela descrição, não pela explicação racionalizante, quando muito por uma postura hermenêutica.

Diante do exposto, seria possível responder à questão inicial: há possibilidade de vivência da relação EU-TU na psicoterapia gestáltica?

Considerando que a Gestalt-terapia é uma abordagem existencial, com predominância de metodologia fenomenológica, e baseada numa teoria complexa de campo, sim.

A atitude dialógica, que se vale da fala e da corporalidade, propicia a vivência fugaz da palavra-princípio EU-TU num olhar, um toque de mãos, um gesto endereçado ao outro, às vezes uma sutil lágrima, ou num quase imperceptível suspiro ou arrepio. Com os desafios contemporâneos de contato, é justo pensar que, na psicoterapia presencial, o corpo facilita e dificulta ao mesmo tempo a intimidade do encontro; outrossim, na psicoterapia on-line, também o corpo facilita e dificulta, porque sem obrigações de toque e proximidade, mas, paradoxalmente, sem calor e sem cheiro. Contudo, a relação é tempo, e não espaço. Quando se fala “Entre”, não se refere a uma geografia, mas à temporalidade. Por isso, o encontro na psicoterapia é possível até mesmo através de ferramentas eletrônicas digitais, chamadas de “atendimento remoto”. Em ambas as situações, o que mais conta é voltar-se para o outro, onde quer que ele esteja, desde que esteja, no campo.

Entretanto, como advertido acima, a relação EU-TU não é uma procura, um objetivo a ser alcançado, uma finalidade que ansiosamente a técnica faz alcançar. Apenas acontece. E nisso está toda a sua beleza e potência.

DERRADEIRAS CONSIDERAÇÕES

A existência é o movimento que diz respeito aos modos de ser de cada ente (o ser-aí-com-o-mundo). Coloca em problemática a humanidade, condição do ser humano como um ente relacional, que intencionalmente se dirige para a alteridade. O ser humano não é para si ou um em-si-mesmo, como uma autossuficiência, mas para o encontro com o outro, sem dualidade.

Esse encontro pode ser permeado por uma ética da reciprocidade, uma atitude compassiva e dialógica, que se faz com movimentos incluídos, confirmativos e compreensivos de si e do outro.

Numa dança tão insólita, há que se encontrar ambiguidades e paradoxos. Por exemplo, o que Buber anuncia: o Eu só existe pelo outro; o Eu vem depois da relação eu-tu. Mesmo em relações formalmente assimétricas, conforme posições ou papéis sociais, é possível se enxergar, fugazmente, certos gestos simétricos, confirmando a atitude originária do dialógico. Pois, conforme ensina Buber, o primado é da relação. É esta que deflagra as linhas de força que promovem e sustentam o campo existencial.

Quanto à relação psicoterapêutica em geral, afirma-se que é um compromisso de cura, entendida esta como tornar-se inteiro (Hycner), pois alguém se importa consigo. No que refere à Gestalt-terapia, “o trabalho clínico está apoiado por uma perspectiva fenomenológica de campo e como se baseia na modulação da presença do terapeuta e não na tentativa de modificar a experiência do paciente” (FRANCESETTI, 2021, p.136).

A psicoterapia é assim entendida como relação espaciotemporal, ambígua pois técnica e afetiva, campo de significados e presença que se desdobra para além do propalado “*setting*”, para fluir por mais transformação na temporalidade. Eis o paradoxo: manter-se no movimento Eu-Isso e poder ser movimento Eu-Tu.

O movimento Eu-Tu descrito por Buber ocorre na relação terapêutica naquele instante – ponto zero, vazio fértil – em que o terapeuta e o paciente não sabem o que fazer. Esse é o encontro da ignorância, no desconhecido, no sem controle, no vazio criativo, na abertura para um horizonte novo de possibilidades. “Não sei” é uma atitude de abertura, uma *epoké*, momento para radicalizar a atitude em busca da originalidade do ir-refletido. O aqui-agora intenso, vivido na clínica (encontro psicoterapêutico, onde quer que aconteça), embora fugaz, um lampejo, altera as forças interatuantes no campo e transforma o sujeito-com-o-mundo em seu processo de crescimento. Fenomenicamente, não se prepara a vivência Eu-Tu; ela é inédita; não se procura, portanto não se acha, a vivência é que acha o eu e o tu; não se re-

tém, ao tentar guardá-la, ela se esvai. Fugidia, quando se tenta explicar, ela vira Eu-Isso. Claro que a relação EU-TU é fugaz, ninguém fica morando na relação, “não se pode viver unicamente no presente”, diz Buber.

Portanto, pode-se afirmar que a vivência EU-TU pode acontecer em qualquer situação cotidiana existencial, até na psicoterapia.

Há uma prova infalível. Imagina-te em uma situação de origem, onde estivesse sozinho, totalmente sozinho, totalmente sozinho na terra, e onde poderias receber um dos dois, livros ou homens. Talvez eu ouça alguém exaltar a sua solidão, porém isto ele só consegue porque justamente há homens no mundo, embora distantes espacialmente. Eu não sabia nada de livros quando me evadia do colo de minha mãe, e eu quero morrer sem livros, com uma mão humana na minha. Agora, é verdade, eu fecho por vezes a porta de meu quarto e entrego-me à leitura de um livro, porém apenas porque posso abrir a porta novamente, e um homem levanta os olhos em minha direção (BUBER, 1991, p.64).

Evidentemente, as palavras de Buber soam quase como uma certeza, por acreditar que a experiência das relações humanas, singularmente a vivência do movimento EU-TU, dão fortes indicações voltadas para onde nasce a fonte do Ser: a Relação; o Diálogo; a religação; a Intersubjetividade; a Compaixão humana.

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, Mauro Martins. **O resgate da fala autêntica**. Campinas/SP: Papirus, 1989

BELMINO, Marcus César de Borba. **Gestalt-terapia e experiência de campo**: dos fundamentos à prática clínica. Jundiaí/SP: Paco editorial, 2020

BUBER, Martin. **Between man and man**. In: *Between Man and Man*. London and Glasgow: Collins, 1947, 1961

_____, **Sobre comunidade**. Tradução: Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1987

_____, Martin. **Encontro Fragmentos autobiográficos**. Tradução: Sofia Inês Albornoz Stein. Petrópolis: Vozes, 1991

_____, Martin. **Imagens do Bem e do Mal**. Tradução: Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 1992

_____, Martin. **As Histórias do Rabi Nakhman**. Tradução: Fany Kon e J. Guinsberg. São Paulo: Perspectiva, 2000

_____, Martin. **EU e TU**. Tradução: Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001

_____, Martin. **Do Diálogo e do Dialógico**. Tradução: Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 2014

FONSECA FILHO, José S. **Psicodrama da loucura**. São Paulo: Ágora, 1980

FRANCESETTI, Gianni. **Fundamentos de psicopatologia fenomenológico-gestáltica**: uma introdução leve. Tradução: Débora Andreza Zacharias. Belo Horizonte: Artesã, 2021

GINGER, Serge e GINGER, Anne. **Gestalt Uma terapia do contato**. 5ª edição. Tradução: Sonia Rangel. São Paulo: Summus, 1995

HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa – psicoterapia dialógica**. Tradução: Elisa Plass Z. Gomes, Enila Chagas, Márcia Portella. São Paulo: Summus, 1995

HERSCH, Jeanne. **Karl Jaspers**. Tradução: Luis Guerreiro P. Cacaís. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. Tradução: Leonidas Hegenberg e Octanny Silveria da Mota. São Paulo: Cultrix, 2011

McTAGGART, Lynne. **O campo: em busca da força secreta do universo**. Tradução: Cláudia Gerpe Duarte. Rio de Janeiro: Rocco, 2008

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006

MÜLLER-GRANZOTTO, Marcos José e MÜLLER-GRANZOTTO, Rosane Lorena. **Fenomenologia e Gestalt-terapia**. 2ª edição. São Paulo: Summus, 2007

PERLS, Fritz. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. Segunda edição. Rio de Janeiro: LTC editora, 1988

PERLS, Frederick, HEFFERLINE, Ralph e GOODMAN, Paul. **Gestalt-Terapia**. Tradução: Fernando Rosa Ribeiro. 2ª edição. São Paulo: Summus, 1997

REVISTA DA ABORDAGEM GESTÁLTICA. Textos clássicos: **Carl Rogers Dialogues** (Diálogo entre Carl Rogers e Martin Buber). XIV(2); 233-243; jul-dez, 2008

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Conceito de mundo e de pessoa em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2011

YONTEF, Gary M. **Processo, diálogo, awareness**. Tradução: Eli Stern. São Paulo: Summus, 1998

ZUBEN, Newton A. von. **Martin Buber: cumplicidade e diálogo**. Bauru, SP: EDUSC, 2003

A revista eletrônica FLUIR é um veículo de comunicação do Centro Gestáltico de Fortaleza com a comunidade gestáltica, acadêmica e social-comunitária. É espaço de divulgação de trabalhos científicos, e reflexões afins, aberto aos professores formadores, aos alunos das formações do CGF e demais sujeitos parceiros. As opiniões emitidas nos trabalhos aqui publicados, bem como a exatidão e adequação das referências bibliográficas são de exclusiva responsabilidade dos autores, portanto podem não expressar o pensamento dos editores. A reprodução do conteúdo desta publicação poderá ocorrer desde que citada a fonte.

Fluir



CENTRO GESTÁLTICO DE FORTALEZA

www.centrogestalticofortaleza.com.br | fluir@centrogestalticofortaleza.com.br